Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Orientais

O IMIGRANTE JUDEU NA OBRA DE ERICO VERISSIMO: E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Adelgício José da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Cultura e Literatura Judaica do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com vistas à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: **Prof. Dr. Moacir Amâncio**

São Paulo

2007

As raízes:

meus pais.

À flor e à semente:

minha esposa e filha.

Sinceros agradecimentos

Ao meu orientador Moacir Amâncio, que, além do apoio acadêmico, confiou em minha capacidade e criatividade ao longo destes anos de mestrado, e foi um amigo sempre presente nos momentos de dificuldade.

Aos professores Berta Waldman e Valentim Faccioli pelas críticas e sugestões durante o exame de qualificação.

Agradeço, em especial, às professoras Marta Topel e Berta Waldman, que souberam, com competência e elegância, me apontar o caminho crítico na direção necessária para o bom aproveitamento deste trabalho, com humanismo e respeito.

Agradeço ao professor Flávio Aguiar, pelas dicas de leituras e conselhos acadêmicos, pertinentes para a elaboração desta pesquisa.

Agradeço à Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de Letras Orientais pela oportunidade de desenvolver o mestrado.

Agradeço à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que possibilitou a execução deste estudo através do apoio financeiro.

Agradeço as leituras e observações frutíferas de Ana Cecília.

À minha família, meus pais e irmãs, e aos amigos: André e Pérola, Ângela, Cleber, Clarice, Celso Eronides e família, Cristina Aparício, Dário, Douglas, Estela Madeira, Lígia, Lucia Helena, Marta Marckzyk e João, Júlio, Weber. Agradeço a todas as pessoas da Igreja Presbiteriana do Butantã. Também aos amigos de Guarulhos, Roberto e América, Evaldo e Jaciene, Eliane e Mim, Gilson e Gislene; fonte de inspiração, reflexão e por vezes de consolo, que me ajudaram ao longo do processo com sua presença carinhosa, que tanto incentivou meus estudos.

À Cristiane, parte do início, meio e fim do presente trabalho.

Soli Deo Glória.

Resumo

A presente dissertação propõe a análise da imagem do imigrante judeu no romance *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. A pesquisa examina o procedimento de representação do judeu focando o fenômeno histórico e social da imigração e sua consequência na elaboração do mito de construção de nacionalidade, em voga na primeira metade do século. Assim, a questão sobre como a imagem do imigrante surge na obra de Verissimo ganha relevância, uma vez que se pode entender que ao pensar a formação histórica do Rio Grande do Sul, o autor propõe, por meio de uma visão metonímica, uma reflexão sobre a formação do Brasil. Um dos aspectos abordados sobre a imagem do imigrante é a oposição estabelecida entre o imigrante e a burguesia tradicional. Essa última se apóia na tradição e está economicamente ligada à velha oligarquia rural. Na outra ponta da dialética, temos o imigrante europeu, em ascensão, como representante de uma nova burguesia que se constrói na esteira da industrialização e dos fatores que se desdobram na modernização do meio de produção nacional. A título de conclusão, a reflexão sobre o imigrante judeu, especificamente, na obra dar-se por meio análise da ação de duas personagens judaicas, o mascate que surge no volume *O Continente II*, e Stein em nos volumes *o Arquipélago I, II, III*. O que nos fornece material para pensar temas da ordem da geopolítica global durante o período da Era Vargas, como a ascensão e queda do nazismo e suas consequências política e cultura brasileira neste período.

Palavras-chaves: Verissimo, Identidade, Judaísmo, Dialética, Imigração

ABSTRACT

This thesis analyses the image of the Jewish immigrant in the series of novels *O tempo e o vento* (*Time and the Wind*) written by the Brazilian author Erico Verissimo. It also examines the representation process of the Jew, without losing sight of the immigration historical and the social phenomenon, and its consequences in the creation process of the myth of nationality construction, in vogue in early 20th century. Thus, the issue related to the way the immigrant image is generated in Verissimo work becomes relevant, once it is possible to comprehend that, having in mind the establishment of the southern Brazilian State of Rio Grande do Sul, the author proposes, in a metonymical look, a reflection on the establishment of Brazil. One of the aspects of the immigrant image considered is the dialectics established between the immigrant and the traditional bourgeoisie. This last one lays upon traditional values and is economically connected to the old rural oligarchy. We also have in the dialectics the European immigrant, still rising, representing the new bourgeoisie that is established during the industrialization period and the elements that evolve in the modernization process of the national production means. Finally, the reflection on the Jewish immigrant, specifically, happens through the analysis of the action of two Jewish characters of *O tempo e o vento*, the merchant that appears on volume *O Continente* II, and Stein, that appears on volumes *O Arquipélago* I, II and III. This analysis gives us elements to think about issues such as global geopolitical order during the Vargas dictatorship period, the rise and fall of the Nazism and its consequences to the Brazilian politics and culture in that period.

Key-words: Verissimo, *Time and the Wind*, National Identity, Judaism, Dialectics.

SUMÁRIO

0. Introdução	07
1.Capítulo Primeiro: O Contexto judaico em relação a história e literatura nacional	14
➤ 1.1 Erico Verissimo e o tema da imigração	14
➤ 1.2 O judeu na literatura luso-brasileira.....	19
➤ 1.2.1 O integralismo e a Literatura na mão do imigrante	24
➤ 1.3 O Imigrante frente ao desafio diaspórico e a modernidade.....	30
➤ 1.4 A imigração judaica brasileira.....	36
➤ 1.4.1 Os judeus no Rio Grande do Sul	37
2.Capítulo Segundo: História e forma em <i>O tempo e o vento</i>	39
➤ 2.1. Diante da Ordem e do caos em <i>O Continente</i> :	50
➤ 2.2 O estranhamento e o estrangeiro e o nacional em <i>Continente II</i>	60
➤ 2.3.O estranhamento e o estrangeiro e o nacional em <i>O Retrato</i>	75
➤ 2.4 O encontro do Arquipélago com <i>O Continente</i>	81
3. Capítulo Terceiro: Os imigrantes em <i>O Arquipélago: Entre moderno e o conservador</i>	84
➤ 3.1. Stein: a pedra fora do muro	103
➤ 3.2. Diante do matricídio e do martírio	120
➤ 3.3. O suicídio – Um grito diante do muro.....	128
➤ 3.4. A expulsão do Partido: O extremismo de Stalin a Hitler	134
➤ 3.5 O ressurgir do mascate: e Stein	141
➤ 3.6 A comunidade nazi-fascista em Santa Fé.....	143
➤ Considerações finais	150

Introdução

Nesta dissertação, pretende-se desenvolver uma leitura da obra *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, a partir da compreensão do fenômeno da imigração, em particular o imigrante judeu e seu papel na construção político-social brasileira. Buscaremos refletir sobre a presença de duas personagens judias, o mascate e Arão Stein, especificamente no volume II de *O Continente* e nos volumes I, II, e III de *O Arquipélago*.

O primeiro capítulo desta dissertação tem o objetivo de preparar o ambiente para a análise da obra, que se concretizará no segundo e terceiro capítulos. Temas como o judeu e a literatura de Erico Verissimo, o judeu na literatura nacional, a identidade judaica e os fatores históricos relacionados à imigração serão tratados na perspectiva de fornecer dados para a leitura do texto.

Ao narrar o processo histórico da construção do Rio Grande do Sul, em *O tempo e o vento*, Verissimo revela ao leitor uma variedade de personagens imigrantes, que compõem a cena social brasileira: judeus, alemães, italianos, norte-americanos, entre outros. Nesse sentido, o romance aproxima-se às obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.¹ Uma das primeiras questões inerentes à natureza deste trabalho é saber se há elementos na obra de Verissimo que justifiquem a pesquisa do fenômeno da imigração e em que medida isso tem relevância para a visão de Brasil apresentada pela obra. Dessa questão, deriva outra de igual importância: teria a pesquisa sobre a imagem do judeu alguma relação com o corpo temático da obra? Talvez algum dado biográfico, somado ao método que Verissimo usou para construir suas personagens, nos auxilie a elucidar a questão. Por isso, um dos aspectos abordados no primeiro capítulo é o contato que o autor teve com os imigrantes.

Como nosso estudo incide na compreensão do termo *identidade*, no primeiro capítulo faremos uma recapitulação do processo histórico da imagem do judeu na literatura de língua portuguesa. Quanto a isso, é preciso que se diga que este trabalho integra uma rede de estudos maior, em andamento, sobre *a representação do judeu na literatura nacional*. O tema vem sendo pesquisado não apenas pelo grupo ligado ao programa de pós-graduação em Literatura

¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. "A temporalidade da Pedra. (Leitura de *O Retrato*).". In *Erico Verissimo: o Romance da História*. LEENHARDT, Jacques, CHIAPPINI, Ligia, AGUIAR, Flávio (orgs.). São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p.91

e Cultura Judaica da USP, coordenado pela professora Berta Waldman, mas também por autores nacionais e internacionais que se têm dedicado à compreensão do assunto. Por essa razão, perceber o que já se pensou pode oferecer caminhos mais sólidos para a reflexão.

Em seguida, faremos uma síntese do processo histórico que possibilitou a chegada do imigrante judeu às terras brasileiras, tendo em mente a relevância do tema *identidade* na cultura judaica.

Para o imigrante² recém-chegado à nova nação, o longo caminho à sua frente passa obrigatoriamente pela integração à nova pátria. Mesmo que, de início, algumas comunidades se integrem ao novo meio apenas no nível econômico, permanecendo décadas culturalmente isoladas, cedo ou tarde, o embate cultural irá propor ao imigrante um diálogo com a cultura majoritária do país receptor.

A adaptação à pátria hospedeira implica necessidades de compreensão dos padrões vigentes, de documentos, de tornar-se cidadão, com direitos e obrigações. Nesse jogo de exigências sociais, resolver os conflitos pertinentes à identidade torna-se condição para participar do parque social e comunitário.

Daí a necessidade de pensar sobre o conceito de identidade. Para o imigrante, os contrastes que por vezes são capazes de provocar exclusão são patentes. O imigrante tem desde cedo que aprender a viver em dois mundos e conviver com seus opostos, buscando sempre que possível estabelecer pontes.

Ao pensar no conceito de identidade não se pode fugir da necessidade de explicar conceitualmente o referente teórico do termo. O tema da identidade étnica ganha relevância nos últimos anos nas ciências humanas, sendo alvo de um certo número de teorias. A idéia de que a etnicidade tem uma base biológica está ligada a uma entre essas teorias, a qual, de forma genérica, ainda ganha adeptos. Parsons³ é um dos que discordam dessa premissa. Para ele as nações-estados ditas tradicionais, como as européias, por exemplo, possuem uma variedade de tipos humanos que podem possuir diferenças raciais em seu próprio interior social. A idéia de que a língua e a religião uniformizam e garantem a identidade nacional despreza uma ordem complexa de fatores. A saída, para Parsons,⁴ está então em tomar em

² PIEFFER, Renato Somberg. “Um Pouco de Teoria: A Questão da Identidade Judaica”. In *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Org. Nelson H. Vieira. Trad. Alexandre Elizabethy Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.52

³ Ibid., p.47

⁴ Ibid., p.53

consideração uma tradição cultural mantida por um grupo social que mantém um contrato. A tensão entre o contrato e a tradição resulta no grupo étnico.

A antropologia preconizada por Lévi-Strauss⁵ explica a questão por meio da teoria das estruturas. Existem estruturas elementares e instáveis, inerentes ao grupo social, e o papel do etnólogo consiste em desvendá-las. O que significa dizer que todo grupo humano, a partir do elemento residual cultural, ao arbitrar sobre a dimensão única e própria que irá portar, torna sua cultura irreduzível, o que enseja a reprodução e fixação da identidade étnica desse grupo.

O estruturalismo antropológico, ainda que tenha influenciado boa parte do pensamento das ciências sociais, não encontrou unanimidade, tendo sido contraposto por aqueles que consideravam a aculturação como um perigo para a identidade étnica dos grupos, podendo até levar a identidade de certas minorias aculturadas à extinção.

O debate entre aqueles que atestavam a resistência das minorias e os que anteviam seu fim enfraqueceu-se quando, nas décadas posteriores aos anos 50, constatou-se a persistência de grupos étnicos, mesmo em um contexto de forte hegemonia cultural de grupos majoritários. Esse fato fez o pensamento estrutural ganhar força e silenciar o discurso da teoria da aculturação, pondo em relevo a necessidade de explicar as causas da permanência das minorias étnicas. O que as sustentava diante da invasão cultural hegemônica? O estruturalismo dispunha de uma resposta, tornando-se um pensamento que ganha certa unanimidade dentro das ciências sociais.

Herdeiro do período da consolidação da teoria geral da identidade, Barth⁶ pensa grupo étnico como uma organização na qual é possível o indivíduo se incluir, ou mesmo ser incluído. Ou seja, os membros de um grupo apropriam-se da identidade étnica com a finalidade de limitar e reforçar a solidariedade grupal. A proposta desenvolvida por Barth pressupõe uma margem maior de descontinuidade entre a performance do indivíduo e aquilo que era concebido como “estrutura social”. Esse ponto marca a distância com relação à análise estruturalista, segundo a qual a “estrutura” determina o comportamento ou o acontecimento.

A solidariedade interna funciona como marcador do grupo em relação a outros grupos. Assim, o indivíduo é identificado pelos membros de outro grupo na medida em que se

⁵LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

⁶BARTH, Frederick. “Grupos étnicos e suas fronteiras” in Poutignat, Philippe; Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1997, pp.187-227

_____. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

autodefine, ocorrendo um jogo simultâneo de autoclassificação e de classificação do outro. Ao pensar sobre identidade, neste trabalho, compreenderemos esse processo apoiando-nos na direção proposta por Barth.

Ressaltadas as devidas distinções, tanto Barth quanto Parsons concordam que uma identidade particular não sucumbe necessariamente a pressões externas em uma sociedade plural. Ou seja, tal identidade, diferenciada do grupo maior, alienígena a ele, estrangeira, portanto, pode resistir e sobreviver nesse grupo maior, se ele for plural.

O que parece ocorrer é: ser estrangeiro significa viver em meio a desafios e complexidades, e esse dado se mostra em Verissimo, em *O tempo e o vento*, como um traço social característico do imigrante.

Esses aspectos serão pensados sem perder de vista questões referentes à cultura do imigrante focado, o judeu: a inserção do judeu no sistema produtivo, o que significou o abuso de poder e o autoritarismo na Era Vargas, que tipo de judaísmo o autor deixa transparecer no texto e outras questões relativas à condição judaica das personagens.

No segundo e no terceiro capítulo, entraremos na análise da obra propriamente dita. Inicialmente duas perguntas nortearão nossa leitura: Em que medida as personagens imigrantes estão relacionadas à forma e ao conteúdo do romance? Como ocorre a relação do imigrante com outras personagens?

A primeira pergunta nos obriga a perceber que a compreensão da obra como um todo é o primeiro passo para a leitura crítica do papel do imigrante, ou seja, é preciso compreender *O tempo e o vento* em sua totalidade e perceber, a partir disso, o aspecto particular investigado que é o papel do imigrante judeu no enredo.

Ao pensar sobre a *forma* e o *conteúdo* de *O tempo e o vento*, não ignoraremos a contribuição de autores como Auerbach, Frye e tantos outros que foram importantes para a compreensão do conteúdo e da forma da obra. No entanto, a consciência de que tais autores pertencem a escolas de pensamento que caminham em trilhos distintos nos faz ressaltar que a abordagem da forma do romance deu-se por meio do diálogo com o pensamento de Lukács. Tal diálogo é justificável na medida em que compreendemos Verissimo como um “... autêntico romancista de costumes”, como nos informa Antonio Candido ⁷, e também pelo fato

⁷ CANDIDO, Antonio, “O Romance Popular”. In *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2004. p.71

de *O tempo e o vento* ser uma criação novelística em que o “cortejo dos fatos históricos está presente em todo momento”.⁸

Não tomaremos o molde do romance histórico como definitivo, antes buscaremos refletir sobre como a obra pode ser entendida com relação a ele. E é nesse sentido que nos valeremos de alguns pressupostos da obra *O Romance Histórico*, de Lukács.

Na sequência será tratado o fenômeno da imigração com vistas a perceber como o mito de formação nacional se desenvolve na obra em relação ao imigrante.

A reflexão sobre os elementos constitutivos da formação e construção da identidade do Brasil figurou como um dos temas do romantismo e ganhou relevância na literatura modernista, assim como na contemporânea.

Pelo menos duas interpretações, de acordo com Sorj,⁹ marcam a discussão sobre a formação sociocultural brasileira na primeira metade do século XX. A primeira linha enfatiza o caráter integrador da miscigenação, vendo a sociedade brasileira em seu sincretismo, em sua pluralidade, como uma sociedade aberta que tem como traço psicológico a cordialidade. A outra enfatiza o racismo escamoteado da sociedade brasileira e reivindica a negritude como resistência, pois a mistura seria uma maneira de endossar a política do branqueamento, reservando ao negro a condição marginal na sociedade, a única em que ele poderia participar do mundo branco. Por meio da aceitação da negritude como um fato, seria possível dar o segundo passo, a exigência do espaço social que fora negado historicamente ao negro.

Participam desse debate obras como *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, *Formação Econômica do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Junior, entre outras¹⁰, que, guardadas as devidas proporções e singularidades,

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O Espírito e a Letra”, in *O Espírito e a Letra. Estudos de crítica literária* II. 1948-1959 org. Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 228

⁹ SORJ, Bernardo. “Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica”, in Bila Sorj (org.), *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. 1º ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997, pp.9-31.

¹⁰ De acordo com Octavio Ianni alguns estudos e algumas narrativas são bastante representativos das inquietações e interrogações sobre a construção social brasileira, entre eles: Tavares Bastos, *A Província*; Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*; Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*; Raul Pompéia, *O Ateneu*; Euclides da Cunha, *Os Sertões*; Lima Barreto, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*; Oliveira Vianna, *Evolução do Povo Brasileiro*; Mário de Andrade, *Macunaíma*; Paulo Prado, *Retrato do Brasil*; Graciliano Ramos, *Vidas Secas*; José Lins do Rego, *Fogo Morto*; Caio Prado Jr., *Evolução Política do Brasil*; Gilberto Freyre, *Interpretação do Brasil*; Raimundo Faoro, *Os Donos do Poder*; Florestan Fernandes, *A Revolução Burguesa*; Clovis Moura, *Rebeliões da Senzala*; Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*; Alfredo Bosi, *Oposição temática da Colonização*; Celso Furtado, *Brasil: A Construção Interrompida*. In IANNI, Octávio.

têm em comum o desejo de refletir sobre a identidade do brasileiro e propor uma visão sobre os elementos inerentes à construção social, econômica, política e cultural do país.

Tal desejo encontra eco na literatura de Mário de Andrade, que, em *Macunaíma*, por meio de recortes mitológicos, numa linguagem fantástica e “malandra”,¹¹ ao propor a saga de um anti-herói brasileiro reflete sobre o mito da construção social brasileira.

Não é incomum dizer que uma obra como *Macunaíma* se insere no quadro de obras que questionam ou procuram estabelecer os contornos antropológicos do homem brasileiro. Mas será que se pode estender essa afirmação a obras como *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, que delineia o perfil do imigrante, ou como *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, na qual também encontramos relativa presença de imigrantes? Não seria, então, a reflexão sobre o papel do imigrante na construção do Brasil, da mesma maneira, parte do conjunto maior de idéias que pensam e questionam o conteúdo identitário nacional? A questão é: o tema imigração possui relevância para a compreensão do Brasil, tanto quanto a reflexão que os modernistas herdaram dos românticos, sobre o papel do índio, do branco (português), do negro e do mulato na construção social brasileira? Ou ainda, podemos entender que Erico Verissimo fez parte do grupo de escritores que se valeram do tema do regionalismo como uma referência do ser nacional?

O conceito de identidade nacional será abordado a partir da reflexão sobre a inserção social do imigrante, levando em conta a dialética, registrada na obra de Verissimo, entre a velha oligarquia rural e a nova burguesia. O tema já vinha sendo trançado nas obras anteriores a *O tempo e o vento*, o que nos revela figuras como um Coronel Pedroso de *Caminhos Cruzados*, um General Campolargo em *Um Lugar ao Sol*, o velho Quin Barreiro de *O Resto é Silêncio*, um Jango Jorge de *Saga*, déspota inveterado do município – personagens que formam um quadro saudoso, amarelado pelo tempo, tendo sido substituídos pela nova geração modernizadora.

Até que ponto esse Brasil que se pretende novo, modernizado, terá que lidar com a permanência das marcas da velha estrutura, tornando-se assim a ambivalência entre o novo e o arcaico parte constituinte de nossa sociabilidade? Como, em *O tempo e o vento*, o imigrante é caracterizado? Qual o Brasil que prevalece na obra de Verissimo? Ainda, pode-se dizer que

“Tipos e mitos do pensamento brasileiro”. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 7, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

¹¹Malandra: referência ao artigo de CANDIDO, Antonio, “Oposição tematicada malandragem” in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, 1970, pp. 67-89.

Verissimo faz parte do grupo de escritores que se propõem a pensar a identidade nacional?
Como a figura do imigrante se relaciona com isso?

1. Capítulo Primeiro: O contexto judaico: história e literatura

1.1 Erico Verissimo e o tema da imigração

Erico Verissimo, autêntico romancista de costumes,¹² nasceu em Cruz Alta, município do planalto gaúcho, em 1905. Filho de Sebastião Verissimo e Abegahy Verissimo, a figura do pai deixou profundas marcas na formação do escritor gaúcho. Sebastião Verissimo, envolvido com a arbitrária política de Cruz Alta, homem de coragem, segundo a descrição do filho, mantém firmes suas convicções políticas, a ponto de confrontar a autoridade e os abusos do prefeito. É nesse quadro, fruto do ambiente doméstico, que Verissimo encontra conteúdo psicológico para traçar seus personagens.¹³

O pai, mãe, tios, vizinhos, amigos e figuras da sociedade de Cruz Alta são filtrados pela lente do menino Verissimo, para depois, na vida adulta, serem reconstruídos e transformados em material ficcional.

Uma personagem aventureira como Toríbio, irmão de Rodrigo Cambará, é baseada em Nestor, o tio aventureiro que trazia no sangue e na adaga a virilidade do gauchismo heróico. Ele se juntou à Coluna Prestes, brigou em tabernas, se envolveu em disputas políticas ou mesmo foi convocado por Getúlio para dirigir um presídio. O próprio autor confirma que o tio Nestor configurou-se como um legítimo modelo para um dos heróis de *O tempo e o vento*: “A essa altura, os leitores familiarizados com a minha obra devem já ter descoberto que Nestor Verissimo me serviu de modelo para a figura de Toríbio Cambará.”¹⁴

Assim nos informa Verissimo, em *Solo de Clarineta*, sobre seu método de composição de personagens: “O que fiz no caso da personagem foi combinar minhas vagas recordações dessa invulgar figura humana com história que me contavam dela”¹⁵. O que parece nos remeter ao comentário de Candido a respeito da personagem que é transportada com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiências diretas.¹⁶

¹² CANDIDO, Antonio, op. cit., p.71.

¹³ VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta: Memórias*, vol. I. 20ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.233.

¹⁴ Ibid., p.39

¹⁵ Ibid., p.39

¹⁶ Candido, A. "A personagem do romance" In Candido, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, (BL-USP). Nota da pesquisa: Texto publicado originalmente no Boletim da FFCL-USP, nº 284, p. 69

Esse é o recurso que o autor também emprega na sua construção de tipos estrangeiros. No caso dos judeus temos uma passagem interessante em suas memórias, na qual o autor relata seu contato com “o povo escolhido”:

Meus pais me faziam freqüentar a aula mista particular da famosa professora Dona Margarida Paderlhas – inesquecível figura e educadora que fez história em nossa cidade. Foi nesse colégio que encontrei Luiza Russowsky, alguns anos mais moça que eu, e que, dali a vários anos, haveria de casar-se com Mauricio Rosemblatt, de quem eu nem sequer tinha notícia, mas que viria a ser um de meus melhores amigos. Havia na aula de Dona Margarida muitas meninas e meninos judeus que se tornaram meus camaradas. Isso explica em parte o meu envolvimento sentimental com o **povo escolhido**. Naquele tempo eu não tinha a menor idéia da existência dessa raça, religião ou conjunto de tribos. Aqueles Russowsky, Filchtiner, Militinsky, Nisenson para mim eram todos russos. ¹⁷

As figuras judaicas que atuam na considerável obra de Verissimo, como os dois mascates, Nathan Grinberg e Gildo Rosenfeld, o amigo deste, Moisés, o patriarca Stein e sua família em *O tempo e o vento*, Simão e Dubov em *Olhai os Lírios do Campo*, Levinski em *Clarissa* e *Um lugar ao Sol*, Marcus Silberstein, em *Saga*, e Augusta Schneider, em *O Senhor Embaixador*, são personagens que também foram construídas a partir do contato do autor com esse grupo.

Verissimo estuda no Colégio Episcopal Cruzeiro do Sul em Porto Alegre, na adolescência, e lá entra em contato com o fazer literário por meio do periódico oficial do colégio, *O Pindorama*.

No fim dos anos 20, ¹⁸ publica seu primeiro conto n’*O Globo*, intitulado “Ladrões de Gado” ¹⁹ (1929), e “Lâmpada Mágica”, no suplemento literário do *Correio do Povo*.

Em novembro de 1930, no momento em que as transformações sociais e políticas são acentuadas pelo golpe político liderado por Getúlio Vargas, Erico Verissimo procura o escritório da revista *O Globo*, na qual é publicado seu conto “Chico”, em 1931, e inicia sua atividade na empresa, como diretor da revista. Em 1932 é editada pela Globo a coleção de

¹⁷ VERISSIMO, Erico. Op. cit., p.99. (negrito meu)

¹⁸ TORRESSINI, Elizabeth Rochadel. *História de um Sucesso Literário: Olhai os Lírios do Campo, de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Literalis, 2003, p. 48.

¹⁹ VERISSIMO, Erico. “Ladrões de Gado”. *O Globo*, 31 de agosto de 1929, pp.12-14 e 64.

contos *Fantoches*. No ano de 1933, ele traduz o romance *Point Counter Point*, de Aldous Huxley, que saiu com o nome de *Contraponto* no Brasil.

Em 1933, publica *Clarissa*, que descreve o processo de amadurecimento de uma adolescente, moradora da pensão de Dona Eufrásia e seu marido, Sr. Couto. Nessa pensão, variados tipos são postos em cena diante do olhar de Clarissa. De acordo com Chaves,²⁰ os elementos característicos da temática e da expressão de Verissimo já podem ser notados em *Clarissa*: “Mediante a oposição entre a adolescente e o adulto, insinua-se o conflito entre o presente e o passado, temas que alcançarão dimensão profunda em *O tempo e o vento*”. Ainda de acordo com esse crítico, a pensão de D. Zina é um cenário no qual desfilam tipos significativos para a sociedade, como funcionários públicos, comerciantes, simples miseráveis como Amaro e o Judeu Levinski, que também aparecerão depois no cenário de *Um Lugar ao Sol*.

O tema da contraposição entre nova burguesia e patriarcado gaúcho, por meio da denúncia de hábitos e procedimentos da primeira e do retrato do já perceptível medo do patriarcado diante da modernização, que surge na esteira da ainda incipiente industrialização, já aparece de maneira sutil em *Clarissa*.

Em 1935, publica *Caminhos Cruzados*, obra de forte denúncia social, inaugurando seu estilo de compor um romance com linhas temáticas múltiplas, influência do estilo de Huxley. Verissimo compõe um plano social em que o tema da modernidade e a construção da cidade são problematizados por um discurso que não focaliza uma única personagem, mas possibilita a multiplicidade de vozes no enredo, método que o autor iria utilizar com maestria nos romances que se seguiram: “*Caminhos Cruzados* é uma obra sem personagem central. Nela o autor dá mais ênfase ao grupo do que propriamente ao indivíduo, testemunha mais do que narra”.²¹

Dessa obra, construída por meio de um contraponto que expõe a estratificação social, pode-se dizer, como propõe Candido sobre *O Resto é Silêncio*, *Música ao Longe* e *O Continente*: “Os três primeiros cobrem três níveis da sociedade gaúcha: a pequena cidade, a capital, a província na perspectiva histórica”.²² Nessa direção, *Caminhos Cruzados* aborda a polaridade burguesia *versus* patriarcado rural. Personagens como Leitão Leiria, Armênio e arrivistas como Salu, representantes da alta burguesia estabelecida, que estariam num primeiro

²⁰ CHAVES, Flavio Loureiro. *Erico Verissimo: Realismo e Sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976. pp.14 -5.

²¹ FRESNOT, Daniel. *O Pensamento político de Érico Verissimo*. Rio de Janeiro: Edições do GRAAL, 1977, p.15.

²² CANDIDO, Antonio. Apresentação in Verissimo, Erico. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.10

grupo social, fazem contraponto a um segundo grupo burguês, menos privilegiado, no qual se encontram personagens como Honorato Madeira e Virgínia, e também ao terceiro grupo representado pelos coronéis oriundos do interior.²³

No romance *Música ao Longe*, narrativa de rigorosa descrição realista, que sucede *Caminhos Cruzados*, o conflito do enredo dá-se também por meio do embate entre a burguesia progressista e a velha elite rural. A perspectiva narrativa pertence aos proprietários falidos, já que são eles os ocupantes do primeiro plano da ação. Em Jacarecanga, pequena cidade interiorana do Rio Grande do Sul, a família de Clarissa, participante da elite rural até então, é arrastada pela crise econômica e levada à falência, fato contraposto à presença do imigrante.²⁴ Nesse romance, os Albuquerque terão que lidar com um fato: outrora poderosos e senhores de latifúndios, orgulhosos de sua estirpe, que estampa um círculo de gaúchos heróis, chefes políticos, guerreiros e grandes proprietários rurais, são substituídos por um grupo de estrangeiros, imigrantes, sem nenhum nome ou tradição equivalente, que aos poucos tomam assento na mesa econômica e social da cidade.

O ambiente social da obra merece um paralelo com outras produções do regionalismo modernista,²⁵ como *Jubiabá*, de Jorge Amado, *Bangüê*, de José Lins do Rego, e *São Bernardo*, de Graciliano. Tal paralelo significa pôr lado a lado o senhor de engenho, dono do cacau, fazendeiro nordestino, e o antigo patriarca rural gaúcho, ambos representantes do poder tradicional que lidará com a transformação econômica trazida pela industrialização, apoiada pela nova burguesia.

De 1936 a 1943, Verissimo publica *Um lugar ao Sol*, *Olhai os Lírios do Campo*, *Saga* e *O Resto é Silêncio*, romances em que sobressaem os temas do universo caótico, do urbano, da desestruturação do homem moderno, da desumanização do indivíduo, fatos sociais que incluem a presença do imigrante, flagrado pela lente detalhista de Verissimo e retratado em sua saga inicial no novo país, algumas vezes como pobre e desprovido, quando não em condição de miséria, lutando pela sobrevivência. No caso do imigrante judeu, isso fará transparecer uma imagem de renitente, e por vezes de um homem em pleno embate discursivo, como é o caso do Simão em *Olhai os Lírios do Campo*, ou Levinski, já citado. Esse embate, contudo, deve ser pensado no seu contexto, o auge da Segunda Guerra, a ascensão do nazi-facismo e sua repercussão no Brasil.

²³ CHAVES, Flavio Loureiro, Op. cit., p. 18.

²⁴ Ibid., p.33

²⁵ Ibid., p.33

O realismo de Verissimo se constitui pela fidelidade ao detalhismo descritivo do real, processo que se ancora no arranjo mimético aristotélico, como supõe Bordini.²⁶ A ambigüidade da mimese, em Aristóteles, estaria situada no fato de que para ele a relação entre poesia e mundo é mediada pela dimensão antropológica em devir pela linguagem. Aproximando essa noção do processo observado em Verissimo, a autora afirma que o escritor gaúcho adere a um modelo de literatura mimético que pensa a sociedade por meio de molduras conceituais.

Além de sua habilidade para compor personagens,²⁷ desponta na mesma medida sua percepção do mecanismo social. É verdade que isso, por vezes, lhe rendeu a recriminação da crítica,²⁸ a qual apontou uma certa desproporção entre forma e conteúdo em sua criação. Candido,²⁹ porém, propõe uma outra abordagem para a compreensão desse fato. Para ele a força da elaboração estética presente na composição das personagens do escritor gaúcho não está na psicologia, que é planificada, mas na inserção dessas personagens no panorama social, sendo Verissimo mais um sociólogo, que um psicólogo.

Em seu melhor estilo, o realismo de Verissimo ganha dimensão, com merecido reconhecimento da crítica, na obra *O tempo e o vento*, romance do qual recortamos o *corpus* que será analisado nesta dissertação. Como explicado, nosso tema é a presença do imigrante judeu na obra e o aspecto a ser destacado na investigação é o modo como se dá à construção da identidade desse imigrante e como essa identidade se refaz em relação à identidade nacional. Esse aspecto por sua vez nos levará aos estudos que trataram da sociabilidade nacional na primeira metade do século XX. .

Nosso estudo centra-se no imigrante, especificamente o imigrante judeu, na obra *O tempo e o vento*. Justifica-se, como já dito, tal pesquisa, não apenas pelo perceptível interesse do autor pelo componente judaico da sociedade contemporânea, fato registrado pelo próprio em seu relato de viagem, *Israel em Abril*,³⁰ como também pela razoável presença de imigrantes judeus, ainda que personagens periféricos, em sua obra.

²⁶ BORDINI, Maria da Glória. *A criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, pp.17-9

²⁷ CHAVES, Flavio Loureiro, Op. cit., p.50

²⁸ LINS, Álvaro. "Sagas de Porto Alegre". In: *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p.224

²⁹ "Erico é, de fato, um romancista horizontal" in: CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira*, op. cit., p.69

³⁰ VERISSIMO, Erico. *Israel em Abril*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 2

1. 2 O judeu na literatura luso-brasileira

De acordo com Celso Lafer é Gil Vicente quem fornece os primeiros paradigmas para se pensar a presença do judeu na literatura de língua portuguesa.³¹ Lafer propõe uma divisão didática para explicar a presença judaica na obra vicentina. Para ele, o judeu é pintado em dois quadros distintos: o primeiro tende para o universo religioso, que corresponde às obras *O Auto da Barca do Inferno* e *Diálogo sobre a Ressurreição*, ao passo que o segundo possui uma temática mais humanista que fala do mundo cotidiano e corriqueiro, como em *Inês Pereira*, *Juiz da Beira*, *Auto da Lusitânia*. No primeiro, em que sobressai a posição religiosa vicentina, a imagem do judeu é carregada de ideologias e preconceitos provenientes do universo católico. Quando esse autor passa a fazer uma análise do mundo dos homens, ou seja, quando se ocupa de aspectos sociais, focalizando o cotidiano, o corriqueiro, preocupado em denunciar a farsa social, o judeu é um dos elementos da sociedade portuguesa. Nesse caso, tratado como um dos tipos do teatro vicentino, ainda que possua um ranço caricatural, distancia-se do judeu filtrado pelo universo religioso, aproximando-se muito mais do ser humano tal como a literatura por meio da verossimilhança pode representá-lo, com suas contradições e acertos.

Segundo Lafer, o judeu era um elemento necessário à estrutura político-econômica da ideologia medieval, e também, a sobrevivência dos judeus era para a Igreja daquele momento uma questão teológica. Os judeus deviam ser preservados, para que fosse possível concretizar o triunfo do plano final de salvação. Lafer explica:

Dentre as suas tendências existiu uma excepcionalmente importante, ligada à Epístola de Paulo aos romanos, que esclarece satisfatoriamente as questões até agora abordadas. É a famosa imagem das Oliveiras. Os judeus deviam sobreviver (e por isso deviam ser defendidos) para demonstrar o triunfo final do plano final de salvação. (...) ³²

³¹ LAFER, Celso. *O Judeu em Gil Vicente*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura / Comissão de Literatura, 1962.

³² Ibid., p.19

Peças como *Inês Pereira*, *Juiz da Beira* e *Auto da Lusitânia* são exemplos de texto vicentino nos quais o judeu aparece com uma conotação positiva. Não que Gil Vicente se colocasse no lugar do judeu, ou endossasse sua perspectiva, mas nessas peças o judeu era retratado com base em uma observação mais cuidadosa da realidade social. Por isso, era mais humano, menos caricato.

No *Auto da Lusitânia*, por exemplo, Lediça prefigura a beleza da mulher judia, ressaltada pelos galanteios do fidalgo, e sua linguagem está desvinculada daquela das comadres. Percebemos a presença da mãe judia, caracterizada pela ternura, e do pai: um alfaiate sonhador e frustrado que se realiza por intermédio das emoções que as cantigas guerreiras e amizades lhe proporcionam.

Nas obras de cunho religioso o judeu é constantemente associado à figura de Judas. Em *O Auto da Barca do Inferno* o judeu aparece em um contexto religioso, seu lugar está fixado como o de um homem indigno da graça. Quando Lafer ressalta o teor negativo da imagem do judeu nos autos religiosos de Gil Vicente, ele o faz tendo em conta o lado positivo das obras de cunho social, em que o judeu é representado de maneira menos caricata.

O que se deve lembrar é que a caricatura, no teatro vicentino, não é um instrumento usado somente para descrever o judeu. Na verdade, em seu teatro, vários tipos sociais serão denunciados. No caso do *Auto da Barca*, temos um espaço alegórico, muitas personagens entram em cena usando objetos que representam sua culpa. O frade e o espadachim são seguidos de suas amantes, signo do pecado da luxúria, que os condenam. O judeu vem seguido do bode. O bode possui um duplo significado metonímico. Por um lado, ele estabelece um paralelo entre o judeu e o diabo, por outro, tem a conotação de bode expiatório. Os dois signos são colados à imagem do judeu. Na Idade Média era comum relacionar a figura do diabo ao judeu.

Na perspectiva religiosa vicentina, o judeu é visto como um tipo odioso. Já no cenário social, o judeu é um produto da realidade. Esse aspecto dicotômico da figura do judeu, apresentado em alguns trechos de forma mais elaborada, humana e, logo, positiva, e em outros de forma caricata, como tipo demoníaco e, portanto, negativo, leva Lafer a concluir que a obra de Gil Vicente passa a influenciar duas correntes que se perpetuaram na história da representação do judeu.³³

Dessa maneira, a obra de Gil Vicente constitui-se fundamento para a reflexão sobre a imagem do judeu. A semente vicentina propaga-se e projeta-se em obras luso-brasileiras ao

³³ Ibid., p.103

longo dos séculos. É possível traçar um paralelo entre o auto *Lusitânia* e o *Cancioneiro de Samuel Usque*, de Bernardim Ribeiro, nos quais se mostram maravilhosamente alguns dos múltiplos problemas concernentes ao lirismo judaico-português. De igual maneira encontramos eco da *Carta a D. João II* na defesa corajosa dos judeus por Pe. Vieira.

Já a apologética antijudaica, que caracteriza um frei Amador Arrais, um João de Barros, mesmo um Don Francisco Manuel de Melo, encontra eco no *Diálogo sobre a Ressurreição* (1526).³⁴

Não se pode deixar de mencionar as obras do grande comediógrafo António José da Silva, conhecido como *o Judeu*, nascido a 8 de maio de 1705, considerado o principal responsável pela renovação do teatro português no século XVIII. A imagem do judeu na obra desse autor não é alvo de nenhuma apologia exagerada, contudo, as personagens são tratadas como representantes dignos de contornos humanos, desprovidas de noções religiosas.

Condenado pela Inquisição por prática de judaísmo, foi queimado na fogueira na cidade de Lisboa, em 18 de outubro de 1739, aos 34 anos, num “auto-de-fé” presidido pelo rei D. João V, “O Magnânimo”. No mesmo dia foram queimados mais dez “judaizantes”. De seu gênio temos obras como *Vida do Grande Dom Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança* (1733), *Esopaida ou Vida de Esopo* (1734), *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1736), *Labirinto de Creta* (1736), *As Variedades de Proteu* (1737), *Guerras do Alecrim e da Manjerona* (1737), *Precipício de Faetonte* (1738), *El Prodígio de Amarante* (1738), *Amor Vencido de Amor* e *Os Amantes de Escabech* (peças não perdidas).

O romance histórico *O judeu*, de Camilo Castelo Branco,³⁵ representa o judeu não pela ótica religiosa, caricatural e ideológica católica, mas do ponto de vista das questões pertinentes ao mundo social e histórico.

Mas até que ponto a dicotomia vicentina proposta por Lafer encontra correspondência em autores brasileiros?

Na peça *O Crédito*,³⁶ de José de Alencar, representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1857, reaparece o clichê religioso do judeu

³⁴ Ibid., p 106

³⁵ CASTELO Branco. *Romance histórico*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 1970

³⁶ Célia Szniter descreve o imaginário sobre o judeu na cultura nacional a partir de vários veículos culturais, como fontes orais, telenovelas, dramaturgia e literatura. No caso de Alencar, a autora faz menção ao estudo de João Roberto Faria, *José de Alencar e o Teatro*. Cf, Szniter, Célia. *Representação do judeu na cultura brasileira: Imaginário e história*. (dissertação de mestrado) FFLCH/USP, 2002, p.122.

como corruptor e ganancioso. O tema da peça são os aspectos morais envolvidos na questão do dinheiro. Ao retratar costumes e o meio social da burguesia em meados do século XIX, o escritor romântico, ainda que não torne presente o judeu como personagem, vincula a imagem do judeu ao capitalismo e a usura surge quando duas personagens conversam sobre o significado do termo crédito. Em meio à explicação de uma das personagens, Pacheco, que responde a Cristina, percebe-se uma velada tendência a atribuir ao grupo judaico uma certa intencionalidade conspiratória, além de o judeu ser relacionado diretamente ao mecanismo construtor do crédito.

Ainda em José de Alencar, um dos principais escritores de nosso romantismo, de acordo com Marckzyk,³⁷ há um tom pejorativo na representação do judeu em *As Minas de Prata*. O desenho exposto sobre Samuel, autoridade rabínica da comunidade judaica no romance, vem carregado de um tom agressivo – “refinado velhaco”, “venerável usurário” – reforçado na descrição das características físicas da personagem, “rosto adunco e hirsuto, voz rouca e pesada”. Na descrição do ambiente também se mostra a adjetivação negativa: “toca do velho judeu”. Pode-se então relacionar Alencar ao universo religioso presente em alguns autos de Gil Vicente? Marckzyk fornece ainda um dado importante: a influência da homilia católica na construção dos tipos de Alencar.

Natural de Portugal, Augusto Lopes Cardoso³⁸ viveu no Brasil por anos e em 1880 escreveu a peça *Os Cáftens*, que seria encenada em 1897. Nela o autor relata o tráfico de escravas brancas, judias enganadas por rufiões judeus na Europa e trazidas para a exploração no Rio de Janeiro. Pioneiro no tratamento do tema, Lopes Cardoso caracteriza os cáftens judeus sem lançar mão de um enfoque antijudaico, feito memorável para um autor da época.

Segue o rumo de Alencar o poema romântico “O Renegado”, de Junqueira Freire. O poeta, criado em um mosteiro na Bahia, parece ter sido influenciado pela visão católica sobre o judeu, fato expresso desde o subtítulo do poema – “Canção do Judeu”. O texto dialoga com a lenda do judeu errante, sendo perceptível o tom rancoroso com relação ao judeu: (...) *Vai ímpio bastardo! Vai monstro sem cabeça* (...).³⁹

³⁷ MARCKZYK, Marta Bernadete Aguiar. *As Representações Cristãs do povo judeu em As Minas de Prata, de José de Alencar*. (dissertação de mestrado) FFLCH/USP, 2006.

³⁸ SZNITER, Célia, op. cit., p.132

³⁹ J. Freire, Luís José (1832-1855). *Poesias completas*. In: Silva Ramos, P. E. da. *Grandes poetas românticos do Brasil*. São Paulo: Edições LEP, 1952, pp. 409-498. (1ª edição de *Inspirações do Claustro*, 1855; de *Contradições poéticas*, ed. póstuma.)

Outros escritores que também fizeram uso da imagem do judeu errante foram Fagundes Varela, Castro Alves e Machado de Assis. Varela, poeta jovem (1841-1875), escreve “Desengano”,⁴⁰ no qual interpreta de forma positiva a figura do judeu andarilho, com a qual o eu lírico se identifica, dizendo perder a esperança de encontrar um lugar onde reine a paz. Assumindo uma atitude utópica típica do romantismo, o poeta relaciona o mito do judeu errante ao excluído e sem lugar na sociedade burguesa.

Castro Alves,⁴¹ em seu poema “Mocidade e Morte”, dá conotação positiva à lenda do judeu errante. A miserabilidade é ponto de partida para Castro Alves refazer o mito, dando a ele um lugar de *ente* romântico, um ser superior em virtude de sua condição ancestral e mítica.

Machado de Assis era não apenas conhecedor, como apreciador da cultura judaica. Em seu ensaio “Machado de Assis, os judeus e a redenção do mundo”, Anita Novinsky⁴² mostra o uso da imagem judaica na obra do grande escritor do realismo brasileiro. Segundo a autora, os judeus aparecem diversas vezes na obra de Machado, tanto em prosa como em verso, como em “O dilúvio”, “A cristã nova”, “Antonio José”, “Viver”. Machado revelou-se conhecedor das estratégias utilizadas pelo Santo Ofício na perseguição aos judeus e também olhava para o percurso deles através da história com profunda simpatia.

No poema “A Cristã Nova” é marcado o sentimento de perda e fatalidade em relação ao sonho da terra prometida. Fica claro que a personagem é desenhada em contornos realistas, capazes de mostrar o sentimento de nostalgia, tão comum em Machado, revelando-se uma visão do judeu distante da caricatura, próxima do empírico, com dor e vida, vindo à tona problemas reais enfrentados por esse grupo.

No conto “Viver”, Machado retorna ao judeu errante, dando um enfoque messiânico e humanista à lenda, que tantas vezes serviu à propaganda antijudaica.⁴³ Por meio de uma relação entre o judeu errante e o mito grego de Prometeu, é proposto pelo autor realista que Ahasverus será o elo entre o mundo passageiro e o mundo eterno, do qual também será rei.

⁴⁰ Ver SZNITER, Célia, Op. cit., pp.149-153.

⁴¹ Ibid., p.150.

⁴² NOVINSKY, Anita. “Machado de Assis, os judeus e a redenção do mundo” in Amâncio, Moacir (org.). *Ato de presença: Hineni (Homenagem a Rifka Berezin)*. São Paulo: Humanitas, 2005, p.24. Ver também, da mesma autora, *O olhar judaico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990.

⁴³ Ibid., p.35

O imigrante como personagem ganha maior visibilidade, de acordo com Waldman,⁴⁴ a partir de 1910, por conta de autores como Alexandre Ribeiro Marcondes, com seu português macarrônico e seu personagem Juó Bananere. Vejamos agora como a imagem do imigrante judeu é percebida pelos escritores modernistas.

1.2.1.O integralismo e a literatura na mão do imigrante

Duas correntes ideológicas se deixam entrever no que tange à imagem do imigrante na produção modernista. Como nos lembra Fresnot: “Nos anos 30 e 40, alguns escritores empenharam-se a fundo na reflexão ideológica ou na ação política direta, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e Plínio Salgado, em extremos opostos”.⁴⁵

Ao levantar o tema da imagem do judeu no modernismo, não se pode ignorar a influência integralista, ainda que esse movimento tenha representado uma pequena parcela, tanto na militância ideológica e política quanto na produção cultural.

Segundo Carneiro,⁴⁶ o “holocausto deixou marcas profundas, mas as idéias e práticas anti-semitas do governo Vargas também fizeram suas vítimas”. Segundo essa autora, existia uma mentalidade anti-semita que foi se formando ao longo do tempo e ganhou fôlego em meados do século no Brasil, por meio da influência de modalidades de pensamento como o positivismo, o darwinismo social, o evolucionismo.

Emerge no começo do século uma intelectualidade de ultradireita, fortemente embasada na leitura do evolucionismo e darwinismo de Herbert Spencer, Nietzsche, Gobineau e outros. A leitura desses pensadores ganha fundamento no advento do fascismo e nazismo.

Ainda segundo Carneiro, intelectuais do porte de um Sílvia Romero, ou mesmo Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, homens de seu tempo, sofreram em algum grau influência do pensamento “racista” presente nas fontes citadas acima. Na obra *Casa Grande e Senzala*, de Freyre, podem-se encontrar passagens em que fica explícito o racismo contra os judeus:

⁴⁴ WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros: Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, p. XX (introdução)

⁴⁵ FRESNOT, Daniel. *O Pensamento político de Érico Veríssimo*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 6

⁴⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p.115.

Em essência o problema do judeu em Portugal foi sempre econômico, criado pela irritante presença de uma poderosa máquina de sucção operando a maioria do povo em proveito não só de uma minoria israelita como de grandes interesses plutocráticos. Interesse de reis, grandes senhores de ordens religiosas. Técnicos da usura, tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um processo de especialização quase biológica que lhes parece ter aguçado o perfil de rapina, a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos em garras incapazes de semear e de criar.⁴⁷

Mas é na elaboração teórica dos intelectuais ligados ao catolicismo, como Alceu Amoroso Lima e Gustavo Barroso, e dos grupos modernistas ligados aos integralistas, liderados por Plínio Salgado, que o combate à figura do imigrante, especialmente o judeu, ganha força. Obras como *As forças secretas da Revolução – Maçonaria e Judaísmo*, de Leon de Poncis, e *O Judeu Internacional*, de Henry Ford, ambas traduzidas, em 1933 e 1935, respectivamente, pela editora Globo de Porto Alegre e prefaciadas pelo integralista Gustavo Barroso, reforçavam esse combate, que se deu em uma chave muito mais política do que religiosa.

Começemos pelo mais emblemático desses intelectuais: Gustavo Barroso foi um autor que assinou obras como *História Secreta do Brasil*, *A sinagoga paulista*, *O que o integralismo deve saber*, *Integralismo e Catolicismo*, *O Integralismo de Norte a Sul*, *Brasil, colônia de Banqueiros*, *O Quarto Império*, *O Judaísmo*, *Comunismo e Maçonaria*.

Vejamos algumas idéias da obra *A Sinagoga Paulista*:

Sufocada a monstruosa e treda revolta comunista de 27 de novembro, quem haveria de dar entrevistas melífluas à imprensa classificando esse movimento de “triste página escrita em nossa história?” O deputado da Sinagoga Horacio Lafer, judeu puro-sangue: “Esta política da morfina foi entorpecendo o organismo do país até que chegamos à ruína em que nos achamos: miséria financeira e econômica”.⁴⁸

⁴⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, p.134.

Sobre o discurso anti-semita em Freyre, ver: SILVA, Silvia Cortez. *Tempos de Casa Grande* (tese de doutorado em História Social). FFLCH/USP, 1997.

⁴⁸ BARROSO, Gustavo. *A Sinagoga paulista*, 3ª. ed., rev. e com acréscimos. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC, 1937, pp. 21-23

É no caldo político-social do Estado Novo, com toda a propensão do governo getulista para vacilar entre dois mundos, ora se portando a favor do Eixo, ora se vendo em companhia dos aliados, que temos dentro do modernismo diferentes abordagens de temas políticos como fascismo, nazismo, capitalismo e comunismo.

Oswald,⁴⁹ em sua peça *O Homem e o Cavalo* (1934), propõe um jogo cênico surrealista, no qual se encontram figuras como Pedro, Judas, Barrabás, Maria Madalena e Napoleão, Cleópatra etc. Através dessas personagens, monta um quadro complexo e denuncia com muita ironia a criação dos campos de concentração e os preconceitos contra os judeus no nazismo. Apesar disso, salienta-se em um dos quadros da peça suposta relação do judeu com o capitalismo internacional e sua extensão, o sionismo. Tal visão era sustentada por uma parte da militância de esquerda e, como se sabe, Oswald tinha estreita relação com o comunismo nesse período de sua vida.

Temática judaica também surge em escritores da chamada terceira fase modernista, como é caso de Drummond, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, além do próprio Verissimo, autor estudado nesta dissertação.

Assim como Junqueira Freire, Fagundes Varela e Machado de Assis, Drummond retoma o tema do judeu errante, e nele o mito ressurgue como uma assombração que atormenta o eu lírico do poema. Na verdade, o aspecto ressaltado parece ser o da culpa, o que, segundo Szniter,⁵⁰ diz respeito à cobrança que o poeta faz à sociedade pela crueldade cometida em campos de concentração. A imagem do errante, assim, emerge como um juiz pavoroso na consciência do ocidental.

O escritor mineiro João Guimarães Rosa, no seu conto “A Velha”,⁵¹ fala sobre a política nazista. Observa-se aqui, certamente, um elo entre esse texto e a experiência do autor como diplomata na Alemanha. Rosa teve que lidar com seus limites como diplomata diante de uma realidade cruel e sua consciência humanista certamente não encontrou conforto no embate com a ideologia dominante na Alemanha naquele momento, o que é perceptível nesse conto.

Os poemas de Cecília Meireles “Pedras em Jerusalém” (1958), “Pequena Suíte”, “Kinnereth” e “Saudação a Eilath” (1959) têm como tema a cidade e alguns lugares de Jerusalém e provavelmente nasceram da viagem que a autora fez a Israel.

⁴⁹ Ver SZNITER, Célia, Op. cit., p.134

⁵⁰ Ibid., p.151-3.

⁵¹ Ibid., p.159

Vale a pena lembrar o mineiro Octávio Mello Alvarenga,⁵² que publicou o livro *Judeu Nuquim*, ganhando o prêmio Walmap em 1967.

Até então, o imigrante é representado em obras de autores filhos da terra, como Antônio Alcântara Machado e seu *Brás, Bexiga e Barra Funda*, que não possuíam a experiência da imigração. É somente a partir da terceira década do século XX que autores imigrantes judeus surgem no cenário da literatura nacional.⁵³ Nomes como Moacyr Scliar, Clarice Lispector, Samuel Rawet, Lucia Aizim, Jacó Guinsburg fazem parte desse grupo. Em muitos casos esses autores terão uma relação tensa, por vezes de certo distanciamento, com a sua comunidade de origem.

Em Clarice Lispector e Samuel Rawet, especialmente, nota-se um relacionamento conflituoso com a identidade judaica. Quanto a Rawet,⁵⁴ pode-se perceber que, em sua fala, registra-se o desejo de se distanciar da cultura judaica, ao passo que, em sua literatura, a denúncia da exclusão social sofrida pelo imigrante faz o leitor aderir com simpatia à causa da personagem judia. Esse conflituoso relacionamento de auto-exílio em relação à tradição judaica pode ser explicado pela própria exclusão social e talvez literária que o autor sofreu.

Clarice Lispector,⁵⁵ escritora da assim chamada terceira fase modernista, filha de judeus, chegou ao país ainda bebê e fez questão de se perceber como brasileira. Em algumas ocasiões, ao dar entrevistas, deixou transparecer a relativamente pouca importância que dava ao fato de ser judia.⁵⁶ Quanto a isso, é preciso lembrar que Lispector trabalhou como redatora da Agência Nacional durante o curso de Direito, cargo que ocupou inclusive no governo de Vargas. Sabe-se que a onda fascista ultraconservadora influenciou alguns setores do governo.

Scliar talvez seja, entre esses, o autor que revela maior harmonia com o tema do imigrante judeu. Seus textos não apenas abordam a temática da cultura judaica como mesclam com agudeza essa temática com a cultura vigente, propondo um encontro claramente voltado para o debate da condição do imigrante, no caso o judeu de Porto Alegre.

No quadro de autores modernistas, propomos o estudo da obra *O tempo e o vento* de Erico Verissimo. O primeiro contato com a sua obra é o suficiente para se perceber a rica

⁵² ALVARENGA, Octávio Mello. *Judeu Nuquim*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967

⁵³ WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, p.16

⁵⁴ Ibid., p.XXIV (introd.) e 71

⁵⁵ Ibid., p.111.

⁵⁶ Ibid., p.XXV (introd.) e 49

abordagem da presença do imigrante. O leitor também perceberá uma significativa presença de judeus. Mas qual era a posição política de Verissimo no contexto que expusemos citando os autores do integralismo e do esquerdismo paulista? Como essas idéias chegaram até ele?

Verissimo ficou aparentemente à parte dos extremos, direita *versus* esquerda, que marcaram sua época. O que não significa que ficou neutro politicamente. Sua posição política tendia para a de um democrata liberal. Apesar de nunca ter sido de fato um comunista, a aparente neutralidade fez com que ele fosse taxado como tal pelo grupo da extrema direita, o que lhe rendeu agravos e censura por parte da Igreja. Por outro lado, muitos críticos de esquerda exigiram dele uma tomada de posição mais incisiva em seus textos. Mas dizer que Erico Verissimo ficou neutro em questões políticas é uma injustiça e um erro.

Ainda no ano de 35, Verissimo assinou um manifesto, por ocasião da invasão das tropas de Mussolini na Abissínia, que o levou a complicações com o DOPS. Além disso, a publicação de *Caminhos Cruzados* lhe custou críticas dos integralistas como também de representantes do Clero, que o consideraram um autor pornográfico.

No início deste capítulo evocamos a leitura da obra de Gil Vicente proposta por Celso Lafer, segundo o qual a representação do judeu tem duas vertentes, a religiosa, que tende para a caricatura teológica, e as imagens mais humanizadas e sociais do judeu, que representam um judeu menos caricato e mais humano. Evocamos também a idéia, do mesmo Lafer, de que essas duas abordagens vicentinas da figura do judeu perpetuaram-se em duas tradições que podem ser reconhecidas nas obras de alguns autores nacionais. No que tange ao período modernista, percebe-se que os integralistas Gustavo Barroso e Plínio Salgado superaram a tradição vicentina de caricatura religiosa, introduzindo em suas obras as reflexões racistas oriundas do pensar biológico, ou seja, do darwinismo social, do positivismo e de todo o ideário nazi-fascista que estava em moda nesse período. Quanto a Verissimo, como pensou o imigrante? Como é retratado o judaísmo? Como o debate sobre a sociabilidade nacional surge e como está posto em relação a esse imigrante?

Afinal, Verissimo cria seus tipos por meios da observação do material social que o cerca, assim, como a cultura popular referente ao judeu é filtrada pelo autor, uma vez que, à imagem dos judeus no universo popular, segundo Câmara Cascudo ainda há muito de caricatura:

O povo ainda vê o judeu pelos olhos quinhentistas. Vê uma figura abstrata, individualizada mentalmente, somando os atributos negativos imputados pela antiguidade acusadora. Não personaliza o cidadão do Estado de Israel e menos ainda o distingue entre os naturais do Oriente. Os comuns,

no meu tempo, eram dizê-los turcos. A esse judeu de estampa antiga, padronal, baras, vividas na mentalidade de outrora, quando da madrugada histórica do Brasil.⁵⁷

⁵⁷ CASCUDO, Luis da Câmara, editora Perspectiva, São Paulo, 1984.p.93.

1.3. O imigrante frente ao desafio diaspórico e a modernidade

O desafio de lidar com a própria identidade se encontra intensificado no imigrante, que tem que viver no intervalo entre dois mundos. É claro que o problema da identidade é um drama humano geral, existindo em vários contextos, para qualquer pessoa. Os que estão em sua terra natal acabam por se definir, também, em relação ao estrangeiro, fazendo deste um elemento identificador. O outro é estranho, eu sou da pátria.

A diáspora, referente histórico que hoje está na ordem do dia na planilha de debates das ciências sociais, não constitui novidade para o povo judeu, é um dos elementos que impulsionou a reflexão sobre identidade ao longo da história.

A primeira grande diáspora do povo judeu recebe o nome de Êxodo⁵⁸ e é descrita na Bíblia hebraica. A segunda também data do período bíblico, e relaciona-se ao exílio babilônico no ano de 586 a.C., quando o imperador babilônico Nabucodonosor II (605 a.C. - 562 a.C.) invadiu Jerusalém e deportou os judeus para a Babilônia. No exílio, o povo de Israel teve que lidar com o fato de ser estrangeiro e sobreviver a isso. De maneira que o termo “Diáspora” não se refere apenas ao exílio, mas ao conjunto cultural produzido nesse exílio.

Ainda que se possa falar de uma libertação de Jerusalém pelo imperador persa Ciro I (559 a.C. - 529 a.C.), em 539 a.C., apenas uma parcela dos judeus retorna ao lar. Um grande grupo, que já estava socialmente organizado e acomodado, opta por permanecer na Babilônia. Outros migram para vários países do Oriente, a partir desse evento.

A segunda diáspora judaica diz respeito à destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C. pelo general romano Tito, que culmina na destruição de Jerusalém pelos romanos. Por esse motivo os judeus dirigem-se a diversos países da Ásia Menor e do sul da Europa, formando comunidades que mantêm a religião e os hábitos culturais judaicos. As que se estabelecem mais tarde nos países do Leste Europeu ficam conhecidas como *ashkenazim*. Empurrados pelo islamismo, os judeus do norte da África (*sefaraditas*) migram para a Península Ibérica. Esse grupo é expulso de lá pela cristandade no século XV, migrando para Holanda (Países Baixos), Bálcãs, Turquia e Palestina. Por fim, estimulado pela colonização européia, chega ao continente americano.

Podemos imaginar, portanto, que, depois de mais de dois mil anos de experiência na Diáspora, na qual boa parte da cultura judaica se solidifica e se constrói, o termo tem grande

⁵⁸ O livro de Êxodo narra a saída do povo judeu do Egito (BÍBLIA de Estudo de Genebra. São Paulo/Barueri: Cultura Cristã/Sociedade Bíblica do Brasil, 1999).

peso no conteúdo cultural judaico. A assimilação, nesse contexto, torna-se um dilema para a comunidade que procura resguardar sua identidade no exílio. A aceitação ou a negação de ser um judeu relaciona-se nitidamente com lembrar ou esquecer de quem se é, ou seja: a memória.

A manutenção da memória coletiva como forma de resistência cultural não é um problema moderno. Desde os tempos de Israel bíblico ele esteve presente no seio da construção cultural. Observa-se que a questão da memória surge no texto da Bíblia Hebraica como uma ordenança: Ex. 17:14, “Então o Senhor falou para Moisés: escreve isto num livro para memória e repete-o a Josué”. O conceito memorialista era de tal ordem de importância que a ausência da memória era vista como castigo: Dt. 32:26, “Farei cessar a memória dentre os homens”; Jó.18: 17, “sua memória desaparecerá da praça. (...)”. A memória era veículo de manutenção da fé israelita: Sl. 135:13, “Tua Memória Senhor passará de geração em geração (...)”.

Se a memória possui grande valor em qualquer cultura como instrumento de autopreservação, no caso do povo judeu ganhou cores preciosas, tornando-se parte dos ritos e mandamentos judaicos.⁵⁹

A relação com o fator *Lembrar* pode ser percebida, ainda que em alguns casos de forma sutil, em algumas personagens judias da obra de Verissimo, como o Simão de *Olhai os Lírios do Campo*:

Olhe o meu caso doutor, não sou judeu ortodoxo. Rompi com a tradição. Considero-me tão brasileiro quanto o senhor. Mas, às vezes faço a mim mesmo as perguntas: Eu teria renegado a crença de meus pais por covardia, por querer fugir a essa marca humilhante de ser um judeu? ⁶⁰

Nesse mesmo romance temos a presença do carismático Dubov, um judeu que vive entre a lembrança amarga da traição da esposa e o medo de ser esquecido após a morte.

Em *Clarissa*, temos Levinski, um dos judeus mais comprometidos com a tradição judaica. Ainda que não se mostre religioso, terá uma posição apologética entre os colegas de pensão que insistem em debater sobre ser ou não judeu.

⁵⁹ YERUSHALIM, Yosef Haym. *Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1992, p.29.

⁶⁰ VERISSIMO, Erico. *Olhai os Lírios do Campo*. Porto Alegre: Globo, 1989, p.224.

Os judeus irão surgir também, de maneira menos notável, em outros romances de Verissimo, com é o caso de Augusta Schneider, uma judia que traz na memória as marcas dos campos de concentração, em *O Senhor Embaixador*, ou como Marcus Silberstein, outro judeu que tem uma curta participação, ao lado do protagonista de *Saga*, Vasco. Marcus é um músico cheio de mistério, que, como muitos outros judeus, foi lutar na Guerra Civil Espanhola.

Essas personagens participam do enredo nos romances de Verissimo. Seus destinos trágicos revelam conflitos, medos e perseguições que se traduzem no dilema da memória e da identidade. Todas elas lidam de maneira direta ou indireta com a necessidade de manter ou negar a memória coletiva.

Tratando-se de uma cultura que tem na oralidade um de seus pilares, fica fácil entender o porquê da importância da memória para o povo judeu.

Para os judeus da Antiguidade, como também para os judeus da Idade Média, a questão de ser ou não ser judeu, nos moldes apresentados na Era Moderna, era inexistente. Poderia existir como uma imposição externa, política, como no caso dos judeus de Portugal, onde D. Manuel outorgou, em 19 de março de 1497, uma lei obrigando os judeus ao batismo.

Para entendermos como a questão da identidade e da memória como resistência ganha importância na vida cotidiana do povo judeu, precisamos compreender o processo histórico que redundou no nascer da Era Moderna e semeou a desestruturação dos valores do mundo antigo. Em outras palavras, trata-se de insistir na reflexão sobre a antítese: tradição e modernidade.

A partir da Revolução Francesa, com o advento da modernidade, a questão da assimilação ganha força no seio judaico. Segundo Topel,⁶¹ o conflito de identidade dentro da cultura judaica tem raízes na Era Moderna em razão do ideário de liberdade, consequência da Revolução Francesa, que culmina na concretização da laicização sistematizada, trazendo em seu bojo o conceito de nacionalidade. O Estado nacional⁶² se dispôs a agregar todos aqueles que estivessem propensos a ser parte da nacionalidade dominante. Diante disso, ao judeu recém-saído de uma condição social de isolamento nos guetos da Idade Média, foi proposta a seguinte questão: O que é ser judeu?⁶³ Ser judeu é pertencer a uma religião? Se fosse, ele poderia ser assimilado pela nação hospedeira. Mas seria o judeu integrante de um povo, ou

⁶¹ TOPEL, Marta F., “Judaísmo(s) brasileiro(s): uma incursão antropológica”. in REVISTA USP, São Paulo, nº 6., 2005, p.191.

⁶² HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismos desde 1780. Programa, Mito e realidade*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990, pp.31-41.

⁶³ De acordo com Topel, é na modernidade que surge uma nova figura, o judeu laico. (Topel, M., op. cit., p.195)

melhor, de uma nação? Então, esse judeu não apenas estaria com um problema, mas seria um problema para as elites que pretendiam organizar seus Estados nacionais, na medida em que se entendia que o judaísmo poderia ser um Estado dentro de um Estado, uma nação dentro de outra. Essa condição híbrida, fruto do processo diaspórico na essência da cultura judaica, gerou muitos problemas para esse povo.

A sociedade moderna, constituída sobre os pilares do liberalismo econômico, pretende-se diferente da sociedade arcaica, pelo fato de ser essa última estratificada, sem mobilidade social.

Com as transformações do século XVIII, há um novo efeito, que serve de nivelador social e ao mesmo tempo fragmenta os modelos anteriores. Na escola, na cultura, na língua, na imprensa, na educação e nos meios de comunicação, são colhidos os frutos do desenvolvimento tecnológico e social da Revolução Industrial. De fato, a fragmentação do modelo, ou melhor, da tradição, ancorada na divulgação do individualismo moderno, como posição de vida e ética largamente aceita pelo mundo ocidental, traz não apenas para o judeu, mas para o homem moderno, o conflito da busca de uma identidade. Por essa razão, a idéia de nação ganha força, como um dos elementos constitutivos da formação da identidade do homem moderno.⁶⁴

Na opinião de Arendt,⁶⁵ está na base do surgimento do que a autora chama de anti-semitismo moderno a questão do declínio do Estado-nação, aliada ao processo de modernização, transformação e dissolução, na Europa, da sociedade dita tradicional, a partir do século XVIII. Segundo Arendt, o anti-semitismo é um dos elementos de ruptura com a tradição ocidental, em meio a vários outros, que no seu conjunto revelam as tendências históricas contemporâneas. Explica ainda, com base na reflexão de Tocqueville⁶⁶ durante a

⁶⁴ Gellner, Ernest. *Nacionalismo e Democracia*. Brasília: Ed. UNB, 1981, pp.48-9.

⁶⁵ ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo, Anti-semitismo como Instrumento de Poder. Uma análise dialética*. tradução de Roberto Raposo, introdução do prof. Celso Lafer. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1979.

⁶⁶ Celso Lafer, em seu artigo “O anti-semitismo e a ruptura do mundo moderno”, que serve de prefácio para a obra de Arendt *As origens do totalitarismo*, explica: “Qual é a importância do anti-semitismo para a compreensão da gênese e do funcionamento do totalitarismo? A tese de Hannah Arendt comporta diversas linhas de investigação e raciocínio. Em primeiro lugar, ela insiste em diferenciar o anti-semitismo tradicional do moderno. Aquele que tinha notas religiosas e econômicas, pois judeus eram mais ou menos tolerados em função do papel que desempenhavam no jogo histórico: da religião – como testemunhas teológicas da verdade do cristianismo, e da econômica – como agentes monetários numa economia tradicional. (...) O anti-semitismo Moderno, ao contrário, resulta das transformações ocorridas na Europa a partir do fim do século XVIII. Estas

revolução, que a razão dessa ruptura, o ódio à aristocracia, deve-se à riqueza e ao privilégio desfrutado por alguns judeus no desempenho de funções públicas. O papel que os judeus exerceram no relacionamento entre Estado e sociedade civil na Europa do século XIX em parte motivou o fortalecimento do anti-semitismo. Alguns judeus, que não estavam ligados à estrutura de classes da sociedade, exerciam a função de banqueiros da corte e passaram a financiar o Estado e a fortalecê-lo economicamente. Nesse jogo, os judeus acabaram por ser identificados com a imagem do Estado, do qual recebiam a cidadania.

A burguesia fortalece-se como grupo econômico e passa a exercer o controle da máquina estatal. Os judeus, deixando então de ser necessários, não apenas perdem seus postos estatais, como, pelo fato de terem sua imagem colada à do Estado, são alvo do ódio ideológico, ou seja: o anti-semitismo.

O Iluminismo é também um fator que traz questionamentos à identidade judaica. E como tal, tem seu correlato dentro da cultura hebraica: a *Hascalá*,⁶⁷ que significa ilustração. Na prática, trata-se de um movimento que possibilitou a reflexão sobre um ponto central na cultura ortodoxa judaica, colocando em xeque a tradição e viabilizando o conceito da existência de um judaísmo laico.

Por um lado, a *Hascalá* trouxe para o judeu comum, pela primeira vez, a oportunidade de refletir sobre uma inserção social que não desembocasse em absoluto abandono do judaísmo, ou seja, um caminho para uma convivência com o não judeu que não resultasse em total assimilação. Por outro lado, o movimento reformista era acusado pelos ortodoxos de incentivar o processo de assimilação, com suas idéias demasiadamente liberais. No entanto, se para os ortodoxos as idéias reformistas eram um sacrilégio, para muitos judeus que viviam na Diáspora a tensão entre a assimilação da cultura do país hospedeiro e a manutenção da herança judaica, a *Hascalá* apresentou um caminho.

induziram a sociedade tida como tradicional a uma dissolução do processo que se convencionou chamar de modernização. Entre os importantes fatores desse processo de transformação cabe mencionar a extensão da cidadania a novos grupos – entre eles os judeus – que antes não participavam como sujeitos da vida política e social mais ampla. Esse processo de inclusão e assimilação dos judeus e de outros grupos à ‘civitas’ gerou, em relação aos primeiros, manifestações de intolerância que fizeram do anti-semitismo um instrumento de poder, que prefigura, em suas características, como Pré-história do totalitarismo. Neste sentido, o anti-semitismo moderno constitui um elemento de ruptura com a tradição ocidental, como as outras rupturas que no seu conjunto assinalaram as tendências históricas do mundo contemporâneo.” (ibid., p.2)

⁶⁷ Ver Topel, Marta F., Op. cit., p.189.

Não é difícil encontrar relação entre o sionismo e o messianismo místico judaico. Por meio do messianismo, a idéia de retornar à pátria santa foi mantida e preparada para ser âncora ideológica de um movimento com fortes tendências modernas e laicas.⁶⁸

Até a criação do Estado de Israel em 1948, não era possível apostar no futuro dos judeus. E mesmo depois não houve caminho fácil. Os judeus do início do século ainda viviam com um certo fatalismo. O sionismo, entretanto, pôs em marcha um processo que mudou a visão de alguns judeus sobre o futuro e a possibilidade de retornar a Jerusalém. Ainda que com a Primeira Guerra e as crises econômicas do início do século muitos tenham sido impelidos à migração.

⁶⁸ SHOLEM, Gershon. *O Nome de Deus, A Teoria da Linguagem, e outros estudos de Cabala e Mística Judaica II*. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp.139-41.

1.4. A imigração judaica brasileira

Como se deu a entrada de judeus no país? Por quais motivos? Na verdade pode-se dizer que o contato do povo judeu com o Brasil é perceptível já no tempo em que as expedições de Pedro Álvares Cabral obtiveram os primeiros informes.⁶⁹ Mas só vamos encontrar uma presença judaica mais efetiva no período das feitorias de Fernão de Noronha e consórcios. O que se entende por imigração só ocorrerá mesmo ao iniciar-se o regime dos donatários.

A imigração de judeus, convertidos à força pela Coroa e pela Igreja, era proveitosa para a Coroa portuguesa, uma vez que esta necessitava de pessoas para atender às exigências do ultramar e assegurar o território brasileiro. Assim, somados aos patrícios cristãos, os judeus vieram para fixar-se na terra, cooperando com o processo de colonização.

Em 1492, foi decretada a expulsão dos judeus e mouros da Espanha, que levou um bom número de judeus para Portugal. A tranquilidade obtida por um tempo foi novamente perturbada quando D. Manuel tentou esposar D. Isabela de Castela e, como condição para o casamento, teve que expulsar os judeus de Portugal.⁷⁰ D. Manuel então outorgou em 19 de março de 1497 uma lei obrigando os judeus ao batismo. A partir disso, a prática do judaísmo, quer em Portugal, quer em suas colônias, foi considerada ilegal. Em um clima desfavorável política e socialmente em Portugal, muitos cristão-novos vêm para o Brasil, fugindo das perseguições do Santo Ofício e pensando encontrar em terras brasileiras mais liberdade ou até mesmo um meio de obter terras e ser próspero.⁷¹

Que houve certo grau de liberdade e de prosperidade para esses cristão-novos em relação aos que sofriam perseguição em Portugal é certo. Contudo, é certo também que tal estado de coisas não durou muito. Visitações do Santo Ofício eram frequentes, e com elas punições, martírios e fugas.

No século XVIII,⁷² aumentou consideravelmente a presença e ação do Santo Ofício em terras brasileiras. O medo do domínio napoleônico trouxe para o Brasil a Corte, que acabou por fazer o tratado de paz com a Inglaterra, por intermédio do qual foi assegurada aos

⁶⁹ SALVADOR, José Gonçalves. *Cristão-novos e o comércio no atlântico meridional (com enfoque nas capitânicas do sul) 1530-1680*. São Paulo: Pioneira, 1978, p.370.

⁷⁰ WOLFF, Egon. *Participação e contribuição de judeus ao desenvolvimento do Brasil* / Egon e Frieda Wolff. Rio de Janeiro: [s.n.], 1985, p.15.

⁷¹ Ver SALVADOR, José Gonçalves, Op. cit. p.374.

⁷² Ver WOLFF, Egon, Op. cit., p.15.

estrangeiros liberdade para a prática religiosa não católica. Aportaram no Brasil ingleses, alemães e franceses, havendo entre eles um contingente de judeus.

1.4.1. Os judeus no Rio Grande do Sul

O grande incentivo à imigração judaica no Rio Grande do Sul dá-se por meio da ICA (Jewish Colonization Association).⁷³ O Barão Maurice Hirsch e sua esposa, a Baronesa Clara de Bichoffsh resolvem dedicar à perda do filho uma *mitsvá*, ou seja, uma obra filantrópica, que se traduziria em verbas a serem usadas na construção de escolas profissionalizantes e agrícolas na Rússia.⁷⁴ Tal plano não foi aceito pelo Czar. O Barão não desistiu de seu projeto de beneficiar de alguma forma a comunidade judaica e fundou em 24 de agosto de 1891 a ICA, que tinha como meta facilitar a vida de imigrantes judeus no continente americano.

Em 1904 chegam os primeiros imigrantes judeus à Colônia de Philippon,⁷⁵ próxima a Santa Maria, no Rio Grande do Sul, considerada a primeira colônia judaica instalada organizadamente no país. A colônia recebeu esse nome em homenagem a Franz Philippon, então vice-diretor da ICA e presidente da Compagnie Auxiliaire de Chemin de Fer au Brésil, que atuava no Rio Grande. Nessa leva de imigrantes vieram aproximadamente 37 famílias, principalmente da Bessarábia, região russa banhada pelo Mar Negro.

Entre 1911 e 1914 mais famílias migraram para o Rio Grande do Sul, instalando-se na Fazenda Quatro Irmãos, região de Passo Fundo, local onde ainda se encontram alguns de seus descendentes.

O Brasil, assim como os outros países da América, tinha a vantagem de dar segurança, pois inexistiam os vários problemas de perseguição e preconceitos que já estavam solidificados culturalmente nos países de origem. Ainda havia o fato de que os judeus no Brasil, como muito bem nos mostra Erico Verissimo na composição e desenvolvimento sociopolítico de Santa Fé, faziam parte de um mosaico de várias etnias. Que os nativos brasileiros pudessem considerar exóticos e diferentes os imigrantes no início das colonizações é possível. Mas eram todos

⁷³ SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da Esperança: A presença Judaica no Rio grande do Sul*. Porto Alegre: Marc Chagall, 1990, pp.16-19.

⁷⁴ Ibid.,p.14

⁷⁵ SCHWEIDSON, Jacques. *Judeus de Bombachas e Chimarrão*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1985, pp.4-6.

estrangeiros. Tal generalização poderia ser proveitosa ao judeu, pois assim teria a perseguição e os preconceitos atenuados, por um certo tempo.

Ainda existe um outro aspecto dessa chegada: a adaptação dos judeus ao país novo. Comenta Schweidson, quanto à colonização feita em terras gaúchas com auxílio da ICA, que o primeiro contato foi duro, mas não houve nostalgia, desencanto, que os fizessem esmorecer. Tudo deve ter parecido muito estranho para os colonos, sim, pois eles tinham trazido da Rússia os seus samovares, seus chás, e diante deles pessoas estranhas tomavam seu chimarrão em seus ponchos. Mas isso nunca redundou em uma ação anti-semita comparável à que existia na terra de origem. “A designação judeu ou russo ali jamais foi aplicada com sentido pejorativo ou provocação.”⁷⁶

Com os judeus ocorre o mesmo processo observado no caso dos alemães e italianos, o qual Erico Verissimo mostra muito bem na figura do alemão Winter, que passa por um momento de resistência cultural no início, mas depois se deixa levar e acaba por assimilar muitos dos hábitos dos nativos do Rio Grande.

Apesar disso, a boa adaptação não significa que essas personagens tiveram uma vida de sossego e tranquilidade, em decorrência das facilidades que encontraram aqui. Na verdade, o momento histórico em que essas personagens se situaram concedeu a cada uma sua própria dose de desassossego.

As personagens de *O tempo e o vento* terão que enfrentar os arranjos e desarranjos fruto do processo político, social e bélico, visto que os acontecimentos do romance são marcados por duas grandes guerras mundiais, à semelhança do que se percebe em outras obras de Verissimo. Em seus romances temos a Guerra da Criméia, a Segunda Guerra, a Guerra Espanhola. Basta ver o caso de Stein, Marcus Silberstein, Levinski, Simão, Moisés, Gildo Rosenfeld e Dubov. E mesmo Augusta Schneider, que surge em *O Senhor Embaixador*, romance de um período posterior, não se furtará às conseqüências dessas guerras. De uma forma ou de outra, as personagens deparam com notícias dos eventos que estavam ocorrendo na Europa, entre os quais a *Shoá*.

⁷⁶ Ibid., p.26.

Capítulo segundo: História e Forma em *O tempo e o vento*.

Em *O tempo e o vento* temos a narração da formação do clã dos Terra Cambará. É por meio da saga dos Terra Cambará que Verissimo descreve a formação do Rio Grande do Sul e do Brasil do final do século XIX até a primeira metade do século XX.

No primeiro volume, *O Continente*, conta-se a formação de uma cidade, Santa Fé. A preocupação das personagens está centrada principalmente na prole. Essa ordem de interesses marca temporalmente o desenvolvimento político, social e econômico vivido pelas personagens. A ordem social é quebrada por um mecanismo narrativo que se configura no surgimento de uma personagem protagonista no primeiro plano, ou de um evento histórico no segundo, que pode ou não estar relacionado à presença de uma personagem periférica. Essa intromissão será um marcador do ritmo da narrativa que desemboca no desenvolvimento social da cidade de Santa Fé e registra o transcorrer da História no romance. Tal desenvolvimento aponta simultaneamente para o progresso econômico e social do próprio país.

No volume *O Retrato*, haverá não somente a vida provinciana abalada pela modernização do país e pelo desenvolvimento político-econômico impulsionado pela industrialização, o que transparece na descrição colorida da Belle Époque, mas também, estreitamente ligado a isso, o debate sobre a construção política, econômica e social do Rio Grande e do Brasil. No último volume, *O Arquipélago*, há uma intensa reflexão sobre questões da ordem da geopolítica nacional e internacional. A reflexão realizada pelas personagens, à medida que os fatos ocorrem, coloca em cena um dos ingredientes da composição romanesca em Verissimo, a História.

A reflexão sobre a forma do romance *O tempo e o vento* nos leva de imediato à sua condição de romance realista, ou melhor, romance regionalista. No entanto, antes de colocá-lo no mesmo patamar do regionalismo de 30, devemos ter alguns cuidados. Segundo Chaves,⁷⁷ Verissimo deve ser entendido no âmbito do modernismo do Rio Grande do Sul. Esse modernismo é diferenciado do paulista, de acordo com Ligia Chiappini,⁷⁸ por ter sido o simbolismo e não o parnasianismo a tendência estética predominante naquele momento no Sul do país. A predominância do simbolismo fez com que o escritor gaúcho não tivesse que lidar

⁷⁷ CHAVES, Flavio Loureiro, op. cit., p.7.

⁷⁸ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972, p.50.

com a oposição aos parnasianos, chegando a uma evolução mais natural, sem choque ou extremismo. Nesse sentido, o modernismo gaúcho não foi uma oposição ao simbolismo, mas uma transformação deste naquilo que havia de importado, europeizado. Assim, Chiappini conclui que esse modernismo é uma espécie de síntese entre o simbolismo e o regionalismo. Percebe-se em *O tempo e o vento* as heranças da geração modernista gaúcha, como a libertação dos excessos ornamentais e do modelo regionalista estereotipado e do falso gauchismo.⁷⁹

Essa informação contribui para que nossa leitura não procure ver na obra de Verissimo um engajamento assumidamente de esquerda, como no caso de um Jorge Amado, ou tentativa de experimentação com a linguagem como ocorre em um Guimarães Rosa. Tais traços não podem ser encontrados em *O tempo e o vento*.

A técnica que Erico inaugura em seu romance *Caminhos cruzados* é em certa medida reproduzida em *O tempo e o vento*. Nele, temos a oposição da temporalidade, conduzindo a narrativa no presente para indagar sobre o passado. Também, buscando a ultrapassagem do regionalismo, por meio da renovação da ficção urbana, Verissimo expõe o conflito entre o código ético do patriarcado rural e a modernização do Rio Grande do Sul e do Brasil, ao mesmo tempo em que faz a sondagem do cotidiano da vida burguesa, por meio da qual problematiza o lugar do indivíduo no mundo contemporâneo.

Como contrapartida da ausência do experimentalismo em sua obra, encontramos uma profunda consciência da comunicabilidade da literatura.⁸⁰ A comunicabilidade, resultado do desejo de contar uma história de maneira que a verossimilhança seja garantida, é uma das características da obra de Verissimo. A auto-reflexão da literatura está presente em *O tempo e o vento*, o que o leitor descobrirá na última parte, na qual o alter ego do autor, Floriano Cambará, tece ao longo da narrativa uma reflexão sobre o fazer literário, envolvido que está na criação de uma obra, a qual, como o leitor perceberá, não é senão a primeira parte da trilogia, *O Continente*. A obra ganha assim um caráter de metalinguagem, ou seja, de reflexão sobre a criação literária.

A disciplina que se impõe à construção narrativa em Verissimo é a História.⁸¹ O realismo de Erico deve ser pensado, ainda que distinto em um certo grau do regionalismo de seus contemporâneos de 30, como um regionalismo próprio de seu tempo, situado historicamente em meados do século XX, no seu contexto literário e filosófico. No entanto, ao

⁷⁹ Ibid., p.240

⁸⁰ BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995, p.36.

⁸¹ Ibid., p.37

se estudar a forma da trilogia *O tempo e o vento*, não se pode fugir de uma questão significativa: em que medida podemos considerar tal obra como um romance histórico? Pode-se de fato postular que *O tempo e o vento* possui as características apontadas por Lukács em seu *O Romance Histórico*?⁸² Se sim, podemos ainda assim considerar a obra como fruto do modernismo? Se não, em que medida o romance se aproxima ou se distancia dos postulados lukacsianos?

Em seu *O Romance Histórico*, Lukács estabelece um quadro estético que se apresenta como uma baliza crítica para pensar as complexidades do relacionamento entre a literatura e o que se entende como “realidade histórica”. Lukács estrutura sua obra em quatro capítulos.

No segundo o autor faz um parêntese para estabelecer uma comparação entre o romance histórico e o drama, que tem em

⁸²LUKACS, George. *La Novela Histórica*. México: Era, 1966, p.223-4.

eria o romance histórico minimamente possível no quadro de uma estética modernista? Tal questão foi proposta por Fredric Jameson, em seu artigo “O romance histórico é possível?”.⁸³ No artigo, Jameson problematiza o romance histórico, afirmando que não é a descrição dos costumes e valores de um povo em um determinado momento de sua história, nem a representação de eventos históricos grandiosos; nem mesmo a história de vida de indivíduos comuns em situações de crises extremas ou a história privada das grandes figuras históricas que irá definir os contornos do romance histórico: “A arte do romance histórico não consiste na vívida representação de nenhum desses aspectos em um ou em outro plano, mas antes na habilidade e engenhosidade com que a sua interseção é configurada e exprimida”.⁸⁴

O romance histórico, segundo Jameson, “não deve mostrar nem existências individuais nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos”.⁸⁵ Embora permaneça fiel à visão de Lukács, Jameson propõe uma nova periodização para ela, sugerindo ver Scott não como o ponto de referência para o romance histórico realista na forma clássica, mas como um adepto do drama com figurino de época, ou melhor, como um produtor do drama de costumes. Assim sendo, Jameson ressalta que a forma narrativa de Scott se apóia na equação binária entre *bem* e *mal*, marca diferenciadora do melodrama, que tem raízes nas cenas operísticas, mais que romanescas. O crítico propõe como exemplo singular e bem mais verdadeiro das proposições de Lukács a obra *Guerra e Paz* de Tolstói. A argumentação de Jameson mostra que nesse romance histórico se transcende a oposição entre herói e vilão do melodrama em favor do retrato de um Napoleão fútil e frágil, representante da França, e um Kutuzov sagaz, representante do povo russo. Soma-se a isso o realismo evoluído, capaz de desenhar com fidelidade o drama da psique e da sexualidade humana, o que aproxima o romance dos textos modernistas. Ao fazer tal comparação, porém, Jameson ressalta aqui um paradoxo: o modernismo, em virtude de seu compromisso com o primado da percepção imediata, tornar-se incapaz de gerar o retrospecto totalizador necessário ao verdadeiro romance histórico. Por essa razão, permanece a conclusão óbvia: de acordo com Jameson, o romance histórico é incompatível com o modelo modernista.

Nesse ponto a assertiva de Jameson nos impõe algumas reflexões na medida em que nos propomos a pensar a forma de *O tempo e o vento*. Sendo o romance de Erico Verissimo

⁸³ FREDRIC, Jameson. O Romance Histórico é Possível? *Novos Estudos* – CEBRAP, nº 77. São Paulo, Mar., 2007.

⁸⁴ *Ibid.*, p.6

⁸⁵ *Ibid.*, p.6

datado do período modernista, manifestando-se nele claras influências desse momento histórico e estético, poderíamos classificar essa obra como romance histórico? Antes de adentrar nessa questão que tem central importância para nosso estudo, voltemos às releituras de Lukács, agora, interpretado por Perry Anderson⁸⁶ no artigo em resposta a Jameson.

Perry Anderson defende que o traço diferenciador do romance histórico “foi evitar qualquer estratificação estável entre alto e baixo. Sua evolução mostra antes um continuum oscilante de registros, cuja extensão o põe à parte diante de outras formas narrativas”. Em seu diálogo com Jameson, Anderson retoma as principais assertivas de Lukács, enfatizando, entre elas, a noção de progresso humano. O crítico explica que o romance histórico que conquistou o público leitor na segunda metade do século XIX, ainda que não tivesse uma posição hostil com relação ao espírito nacionalista, já não tinha o sentimento patriótico que acendera a vocação de construção nacional nos romances de origem. Obras como *Os três mosqueteiros* eram na verdade representantes da literatura de entretenimento. Assim, Anderson descreve a derrocada estética do romance histórico, da metade do século XIX até a metade do século XX. Segundo o autor, o romance histórico se torna *declassé*, caindo vertiginosamente na estima literária, deixando de figurar como literatura séria. Para o crítico, dois golpes foram fundamentais para tal queda. O primeiro foi a Primeira Guerra Mundial, que gerou uma geração de leitores descrentes do formato binário bem e mal, herói e vilão, que lembrava o melodrama. O outro golpe vem da crítica ao romance histórico feita pelo modernismo ascendente.

É nesse ponto que a leitura de Anderson nos interessa. Como se sabe, o romance histórico é retomado, ainda que de forma diferenciada e contextualizada, depois da segunda metade do século XX, no que se convencionou chamar de pós-modernismo. Na primeira metade desse século, contudo, segundo Anderson, o romance histórico na Europa, em face da desconstrução moderna, oriunda da experiência da Primeira Grande Guerra, e do desgaste do formato, havia entrado em decadência ou pelo menos se distanciava do sentido dado a ele por Lukács. No entanto, Anderson chama a atenção para o que se fez nesse período na América do Norte, que estava, segundo o autor, escudada da Primeira Guerra Mundial: “Faulkner pôde produzir *Absalão, Absalão*, uma variante gótica que não recuava diante de nenhuma licença melodramática”, e ainda, “*E o vento levou* — uma narrativa sobre a Guerra Civil e a

⁸⁶ ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma Literária. *Novos Estudos* – CEBRAP, nº 77. São Paulo, Mar., 2007.

Reconstrução, com leve semelhança com a ficção romântica de construção nacional do século precedente — se tornou o romance histórico de maior sucesso de todos os tempos.”⁸⁷

Em que medida essa observação pode ser válida para o caso dos romances feitos aqui no Brasil? Afinal, se for fato que a América do Norte foi protegida das rajadas diretas da Primeira Grande Guerra, o mesmo não poderia ser dito do Brasil? Então, como funcionaria essa tese no nosso caso? Essa questão possui dimensões e variáveis, as quais não poderiam ser exploradas todas aqui. O que nos interessa é discutir a obra de Verissimo e verificar até que ponto tais assertivas valem para *O tempo e o vento*.

O tempo e o vento, quando tomadas as duas primeiras partes da trilogia, *O Continente* e *O Retrato*, parece ostentar as características enfeixadas por Lukács em seu livro *O Romance Histórico*.

Se não vejamos, nele temos um conjunto de acontecimentos que se desenrola por meio de grandes painéis históricos:⁸⁸ as guerras das fronteiras, as Guerras Guaraníticas e a Revolução Farroupilha em *O Continente I*. Em seguida, a chegada da primeira leva de imigrantes alemães, as guerras do Paraguai no capítulo “A Teiniaguá” em *O Continente II*, composição colorida do advento da modernidade que traz subtemas como o período republicano e os arranjos políticos no Sul do país, com as disputas partidárias entre federalistas (maragatos) e republicanos (pica-paus). Em *O Retrato*, a chegada da *Belle Époque* e o crescimento do espaço urbano ligado ao avanço da indústria. Enfim, a Era Vargas, as duas guerras mundiais, a Guerra Espanhola e a Guerra Fria, em *O Arquipélago*, última parte da série. Tais eventos, embora também tenham importância no desenvolvimento do enredo, formam painéis que servem de moldura para a fábula que ocorre em primeiro plano.

É nessa direção que a imigração, enquanto um subtema, passará a ser um dos elementos que definem os contornos do romance histórico. Os imigrantes surgem no romance como indicadores da progressão da *História*. É pelo contato com o *fator imigração* que o narrador permitirá ao leitor a lembrança da ação, do passar do tempo. Dois exemplos nos ajudam a entender esse mecanismo: em *O Continente* temos a saga de Ana Terra, que vive sua rotina com a família em seu rancho. O surgir de um elemento estranho, Pedro Missioneiro, é o que fará com que a narrativa prossiga. Como o próprio nome já diz, ele vem das missões, seu falar estranho, seu traje, sua conduta mística, tudo é estranho a Ana e sua família.

Também as personalidades históricas, quando presentes, são apenas citadas ou integram o pano de fundo das narrativas; os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de

⁸⁷ Ibid., p. 9

⁸⁸ LUKACS, OP. CIT., p.203

conferir veracidade à narrativa. Em *O tempo e o vento*, a História está presente no enredo sem tomar o primeiro plano e sob o domínio da ficção, havendo momentos em que ela emerge para colorir o quadro ficcional. Exemplo disso é a menção a figuras históricas como Bento Gonçalves e Getúlio Vargas, personagens do romance que existem no universo histórico e são sombras de personagens correlatas como um Capitão Rodrigo Cambará e seu neto Rodrigo, o que configura a presença do herói médio tal como destacado por Lukács.⁸⁹ Este considera que nos grandes romances históricos a personagem historicamente real desempenha uma função secundária na ação da narrativa. O que define o caráter histórico do romance é a intenção de problematizar a história, que se torna uma preocupação explícita do narrador, quando não um tema no enredo.

O tempo e o vento não pode ser lido somente como a história de uma elite, os Cambarás, pois tal elite existe para fazer frente aos Amarais, representantes do poder social e político da cidade. Nesse sentido, o romance é a história de uma cidade, e também a do homem médio que constrói essa cidade. Ainda que tenham dimensões quase mitológicas, personagens fictícias como um Capitão Rodrigo, um Missioneiro não são vultos históricos como um Bento Gonçalves ou Getúlio Vargas. Rodrigo Cambará, assim como seu filho Licurgo, seu neto, Dr. Rodrigo e seus filhos, Maria Valéria e todos os outros podem se encaixar na categoria de herói médio proposta por Lukács. A dicotomia entre bem e mal, muito comum em Scott, representada na oposição entre vilão e herói, pode ser notada timidamente nos primeiros blocos narrativos da primeira parte, *O Continente*. Capitão Rodrigo Cambará, herói sem par na trama, se opõe à vilania do filho dos Amarais, que durante um duelo pelo amor de Bibiana trapaceia covardemente. Esse efeito, contudo, não configura uma constante no romance. A despeito de, nos volumes seguintes, permanecerem as disputas dicotômicas, por exemplo, a luta entre Bibiana e a nora, Luzia, entre Licurgo e os Amarais, o que ressalta é a gradativa individualização dos conflitos, que cada vez mais vão estar no interior das personagens, ficando de lado o embate entre bom e mau. Tome-se o caso de Bolívar, que tem na culpa seu maior antagonista. E ainda que, na segunda parte de *O Continente*, as polarizações maragatos *versus* pica-paus, o Sobrado *versus* os Amarais demarquem as posições de herói bom e vilão mau, em conflitos como o que opõe Bibiana e Luzia não há um corte nítido entre bem e mal. Nem é proposto o jogo de herói e antagonista. Fato é que, à medida que o tempo avança, os conflitos vão se concentrando na esfera privada, embora em momento algum se abandone a história pública. É o que ocorre em *O Retrato*, com Rodrigo Cambará e seu envelhecimento

⁸⁹ Ibid., pp. 203-4

diante do retrato, que metaforiza a decadência do mundo interior da personagem, e na síntese da obra na pessoa de Floriano, personagem que soma vários conflitos do homem moderno. Floriano Cambará é um escritor burguês que possui conflitos e medos próprios do herói médio. A trama pretende desvendar e revelar o homem ao homem.

O autor opta pelo realismo na escritura de seus romances urbanos, que, apesar de não panfletários, são de forte denúncia social e expõem o drama do homem burguês do começo do século. Percebe-se nele em maior grau o amor à fábula, o que o leva para mais perto da narração que da descrição, aproximando-o de um Tolstoi, Balzac, Dostoiévski e Dickens, muito mais do que de um Zola.⁹⁰

O narrador onisciente se faz presente na terceira pessoa do discurso, numa simulação de distanciamento e imparcialidade, procedimento herdado igualmente do discurso da História, ainda de acordo com um outro critério apresentado na obra de Lukács. No entanto, percebem-se elementos próprios de um escritor que passou pela crise do romance moderno. Na medida em que avança na narrativa e adentra, junto com o narrador, na modernidade, que se consolida na terceira parte, volume *O Arquipélago*, o leitor percebe que a história contada, que até então seguira o modelo do romance histórico, ganha cada vez mais pessoalidade, não apenas pelos relatos em primeira pessoa no capítulo “Diários de Sílvia”, mas também pelo forte caráter existencial e introspectivo de personagens como Floriano Cambará. Essa pessoalidade vai tomando tal dimensão no romance, que o leitor descobrirá por fim que o personagem alter ego do escritor é também o possível autor dos primeiros volumes. Tal efeito busca relativizar e reconduzir o foco narrativo, antes soberano em terceira pessoa, para uma experiência estética moderna da forma do romance.

Não se pode esquecer das influências modernistas do autor. Para Verissimo, o escritor tem que viver simultaneamente em dois mundos,⁹¹ o do ato de escrever e o do escrito, e ainda assim, ser veraz, o que o leva a produzir não a harmonização formal entre os opostos, sonhada pelos românticos, mas uma estrutura de mosaico, batizada pelo autor de Frankenstein. Essa visão de romance é intrínseca à crise de identidade moderna, que provoca instabilidade e fragmentação do universo social e psicológico do homem.

Obviamente não se quer dizer com isso que Verissimo tenha aderido ao fazer experimentalista, que propõe o não-romance, e tenha deixado de se preocupar com o contar a

⁹⁰ LUKÁCS, George. “Narrar ou Descrever?” In *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, pp.49-56.

⁹¹ Ver BORDINI, op. cit., p. 51.

história, voltando-se mais para a forma que para a fábula. Como já dito, a fabulação é cara para a proposta romanesca de Verissimo. A percepção do mundo narrado passa pela representação de pedaços de vidas, que, unidos em uma construção próxima ao almanaque, oferecem um mosaico, do qual o leitor compartilha e, juntamente com o narrador, ordena e transforma em *imago mundi*.

A narração em forma de mosaico passa primeiro por uma necessidade existencialista,⁹² apresentada pelo *ser* no centro da trama do romance. Basta notar a reflexiva e angustiante labuta presente na saga de um Floriano, cercado de um Stein e um Tio Bicho, que em seu próprio universo lidarão com a farsa da existência. Essa angústia existencialista pode já ser percebida na crise de um Bolívar ou nos desejos secretos de Luzia. De início incipiente, percebe-se o crescer desse existencialismo à medida que a narrativa caminha rumo ao progresso marcado pela Grande Guerra, em *O Arquipélago*. Esse existencialismo, porém, terá um caráter menos abstrato e será proposto de forma concreta: os personagens o vivem “com o pé no chão sentindo os problemas do Ser no solo concreto das exigências do Tempo.”⁹³

A busca de comunicabilidade não impede uma orientação plástica de criação em *O tempo e o vento*, obra organizada em blocos narrativos distribuídos em contraponto no espaço do texto. Seu narrador coloca-se entre a onisciência, impessoal, e a apresentação cênica que busca neutralidade do foco narrativo. Tendo à mão o discurso indireto livre, sem o aprofundamento de um monólogo interiorizado, o autor busca a liberdade para as personagens exercerem seus distintos pontos de vista, sem, contudo, abandonar o diálogo direto.

A técnica cinematográfica⁹⁴ que Verissimo utiliza em alguns de seus romances motivou restrições por parte da crítica, segundo a qual haveria exagero no uso do recurso. O fato é que, segundo o próprio autor,⁹⁵ em *O tempo e o vento* não se tem exatamente o enquadramento da

⁹² O historiador Nicola Abbagnano propõe que o existencialismo, tomado como uma entre as várias correntes filosóficas do século XX, se destaca por ser aquela que apresenta “um clima cultural”. Por esse motivo, podemos perceber o existencialismo dentro da literatura, em obras de grandes autores como Fiodor Dostoievski (1821-1881) ou Franz Kafka (1883-1924), que até certo ponto são marcadas por características do pensamento existencialista. E isso sem pôr na balança obras típicas do movimento como as de autores formalmente existencialistas, como Albert Camus (1912-1960) e Jean-Paul Sartre, que serviram para divulgar uma forma de perceber a existência segundo a qual o homem estaria lançado no mundo, tendo que lidar com suas possibilidades. (ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Lisboa: Presença, 1994)

⁹³ Ver BORDINI, op. cit., p.33.

⁹⁴ LEITE, Ligia Chiappini. *O Foco Narrativo*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2006, p.62.

⁹⁵ Ver Bordini, op. cit., p.79.

câmera narrativa, mas um recurso que, baseado na arte poética japonesa, se chama *palavra almofada* e consiste em que cada início de verso repousa no anterior.

Mas até que ponto a experiência moderna do autor, presente em sua obra, determinou e modelou uma questão muito cara para Lukács, a de progresso? Como a noção de progresso humano, presente em Walter Scott, está colocada em *O tempo e o vento*? Afinal, Lukács acreditava que um certo senso de progresso deveria estar presente em um romance histórico; com a ausência desse senso de progresso na agenda dos escritores de romances históricos a partir de 1848, teria iniciado o declínio “em direção a um passadismo viciado”.⁹⁶

Em *O tempo e o vento* temos o desenvolvimento social, político e econômico como um dos motivos do enredo. A narrativa se inicia em um ambiente familiar, um clã. Os conflitos próprios dessa estrutura são progressivamente substituídos pelos conflitos de uma cidade, ainda que marcada por um elemento centralizador, o Sobrado, emergindo progressivamente os conflitos da ordem do estado, do país e do mundo. Mas isso seria suficiente para dizer que há nessa obra uma apologia do progresso, ou mesmo uma crença no progresso humano?

Na verdade parece ser o oposto que ocorre. O romance de Verissimo coincide em vários pontos com o modelo de romance histórico proposto por Lukács, exceto, como já dito, em dois: no jogo que atribui a escritura do próprio romance a uma personagem (alter ego do escritor) e na carência de elogio ao progresso humano.

Em toda a trilogia Verissimo faz com que cada passo rumo a esse progresso seja questionado pelos personagens. É verdade que tais questionamentos ganham força à medida que a modernidade ganha terreno na descrição do quadro histórico, em *O Retrato* e *O arquipélago*. Assim, o leitor que conhece somente *O Continente* não terá isso tão claro quando aquele que percorreu toda a trilogia.

De todo modo, já na primeira parte é perceptível esse questionamento sobre o progresso humano, o que evidencia a melancolia e o saudosismo tão presentes na obra. No capítulo “A Teiniaguá”, temos o tema da podridão moral tipificado pelas doenças e guerras do enredo. A modernidade surge com um tom descolorido e já anunciando o pessimismo que irá despontar na última parte.

Em *O Retrato*, o desgaste estético da personagem central como metáfora do desgaste moral e do tédio vem a ser um questionamento constante do progresso que surge e por vezes traz movimento ao enredo, movimento, contudo, contraposto aos conflitos pessoais das personagens. Se, de um lado, o progresso traz benefícios como o surgimento da luz elétrica, de

⁹⁶Perry Anderson, op. cit., p. 10

outro, as personagens lidarão com as constantes guerras locais, além da Primeira Guerra Mundial.

No volume *O Arquipélago* a modernidade se instala no enredo, o que se pode perceber não apenas pelo avanço tecnológico descrito, mas também pela perplexidade presente no olhar de Sílvia diante do Holocausto, da Segunda Guerra Mundial, o nazismo e o fascismo. Tudo isso, acompanhado das manhas da política local, leva os personagens ao debate e a constantes crises, de maneira que o pensar o progresso ganha no interior do romance um tom pessimista e afasta também qualquer ufanismo sobre o sucesso nacional diante desse progresso.

Fato é que, na obra, o destino do progresso humano é fator de questionamento e dúvidas e muitas vezes está no centro dos debates que ocorrem no Sobrado, carregados de um tom de melancolia e descrédito.

Apesar da distância com relação aos critérios de Lukács, a obra de Verissimo pode ser vista como prova de que, em certo grau, “uma tradição realista mais antiga não se tinha extinguido e era ainda capaz de uma reafirmação notável”, como diz Anderson a propósito do romance *Radetzkymarsch* [A marcha de Radetzky] de Joseph Roth, publicado em 1932. De igual maneira, segundo Anderson, esse romance também obedeceu aos critérios de Lukács, menos no que toca à noção de progresso humano. Tal ausência, tanto no romance de Joseph Roth como em *O tempo e o vento*, se deve ao ambiente histórico em que surgem, o pós-guerra, que de fato impossibilitou qualquer otimismo quanto ao progresso humano.

Finalizando, poderíamos compreender a obra de Verissimo como de contorno moderno, com forte presença de marcas do romance histórico. Não pretendemos julgar de maneira cabal a tese de Jameson sobre a incompatibilidade entre o modernismo e o romance histórico. Contudo, chamamos a atenção para o fato de que a obra de Verissimo localiza-se entre o esvaziamento do modelo do romance histórico e o seu ressurgimento. Assim, não poderíamos entender Verissimo como um dos precursores do romance histórico na pós-modernidade?

Retomando, ao pensar o romance de Verissimo por uma ótica lukacsiana, não se pretende projetar um modelo fechado sobre o texto do autor gaúcho. Considerando o fato de ser *O tempo e o vento* um romance histórico, a opção de Verissimo pelo realismo usado em seu romance urbano e seu apreço pela comunicabilidade, entendemos que o postulado de Lukács é apropriado à leitura do romance em questão. No entanto, são perceptíveis pontos que distanciam Verissimo desse modelo, entre eles a óbvia influência modernista e a percepção da natureza intertextual da literatura.

2.1. Diante da ordem e do caos em O Continente

A história de Missioneiro, contada no capítulo “A Fonte”, está ligada à História das Missões. Em 1549, os jesuítas chegam ao Brasil no afã de cumprir a agenda da Contra-Reforma. Sua ação não ficou restrita à América portuguesa, alcançando também parte da América espanhola. Inicialmente o índio era visto como cooperador, até que os padres identificaram focos de resistência que os levaram a mudar de estratégia, fundando as Missões.⁹⁷

Como na América portuguesa, os padres do lado castelhano desempenhavam, alinhando-se com o Estado, por intermédio das Missões, uma função estratégica na defesa da colônia espanhola.

Com o acirramento da disputa entre Portugal e Espanha por terras, vem à tona uma crise envolvendo Espanha, Portugal e o universo missioneiro. Surgem obstáculos ao cumprimento do Tratado de Madri, estando o principal foco de resistência nos aldeamentos de São Ângelo, São Borja, São João Batista, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São Miguel e São Nicolau, os sete povos da Missão do Uruguai. A resistência dos índios aldeados nas terras que haviam sido entregues aos portugueses pelos espanhóis gerou as guerras guaraníticas.

Esse contato com o “estranho” gera o primeiro conflito da narrativa, a gravidez da moça Ana Terra, fato intolerável para a moral dos Terra, que vingam o agravo com a morte do Missioneiro, como se só ela pudesse restabelecer o equilíbrio desfeito e restaurar a paz. A paz vem, mas é logo desafiada pela invasão de outro elemento estranho: um grupo de bandoleiros oriundos de terras estrangeiras invade o rancho e mata todos os varões da família Terra, legando a Ana o dever de perpetuar a prole, papel que assume e cumpre com rigor.

O terceiro elemento de estranhamento aparece no capítulo “Um Certo Capitão Rodrigo”. Santa Fé goza de um ambiente corriqueiro e pacato, até a chegada do Capitão, que perambula pelas ruas de Santa Fé e incomoda a ordem estabelecida. O incômodo dá-se justamente pelas diferenças entre o temperamento livre, guerreiro, boêmio e irascível do Capitão e a severa moral sustentada pelos Amarais.

O padre Lara, a mando dos Amarais, pede para Rodrigo que vá embora, valendo-se do argumento de que Santa Fé é lugar de ordem e paz, e o Capitão não se encaixa nesses moldes. A negativa do Capitão indica um clima de tensão no jogo narrativo. O duelo entre o filho dos

⁹⁷ KERN, Arno. *Utopias e Missões jesuíticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

Amarais e Rodrigo pelo amor de Bibiana está anunciado e reforça o fato de que Santa Fé foi modificada pela presença do Capitão.

Um quarto fator de mudança no recorte histórico da pacata cidade de Santa Fé é a chegada dos imigrantes alemães. A colonização alemã, segundo Kuhn, pode ser pensada em três etapas,⁹⁸ a da subsistência (1824-1845), a da expansão do comércio (1845-1870) e a da industrialização, de 1870 em diante. No romance, a chegada da leva de imigrantes corresponde à primeira etapa, observando-se o desenvolver das outras etapas ao longo da narrativa.

Capitão Rodrigo já está casado com Bibiana, e o aventureiro se vê engolido pela ordem monótona da vida matrimonial. É em meio à narrativa do tédio e da agonia de Rodrigo, que dribla essa rotina com viagens ao povoado vizinho e visitas a chinas do lugar, que o narrador apresenta ao leitor a chegada dos alemães, numa descrição que colore o cenário social de Santa Fé. Rodrigo, agora um dos moradores de Santa Fé, observa os estranhos com curiosidade e vê em uma alemã, com quem passa a se encontrar no cemitério, uma oportunidade de romper com a calma e o tédio. Ainda em *O Continente I*, um último conflito interrompe a paz em Santa Fé, a Guerra dos Farrapos, na qual morre o Capitão cumprindo a sina que vinha apregoando desde o momento de sua chegada em Santa Fé: “*Cambará macho não morre na cama!*”.

A Guerra dos Farrapos, em 1835, acontece por motivos ligados à economia. No começo do século XIX, o Rio Grande do Sul não tinha sua economia atrelada ao mercado externo, como ocorria com outros estados. O charque abastecia o mercado interno nacional, o que, entretanto, não conferia ao estado representação política nacional. A hegemonia estava na mão do setor escravista que se voltava para a agroexportação. Os estancieiros gaúchos perdiam prestígio político para esse último grupo, ainda somando-se a isso os altos impostos. Diante dessa situação, os estancieiros passaram a pressionar o poder central reivindicando reformas na política tarifária e autonomia política para a representação e nomeação dos presidentes das províncias.

O governo interveio nos conflitos do cenário político da região da Platina, que se traduziam nas lutas entre facções rivais no Uruguai e, na Argentina, no embate que colocava os caudilhos contra os comerciantes portenhos. Alguns líderes liberais do Rio Grande do Sul estavam envolvidos nas guerras uruguaias. A posição de neutralidade do governo central foi o estopim que fez eclodir a Guerra dos Farrapos. Liderados por Bento Gonçalves, Bento

⁹⁸ KUHN, Fabio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura, 1994.

Manoel Davi Canabarro e outras figuras importantes do ciclo gaúcho proclamaram a República Rio Grandense.⁹⁹

A estranheza configura-se como um elemento pelo qual se insinua o conflito no enredo. Percebe-se a Guerra Farroupilha como o quarto movimento marcado pelo efeito do estranho no texto, depois de Pedro Missioneiro, Capitão Rodrigo e dos imigrantes que chegam a Santa Fé.

A imigração constitui um fator social causador de estranheza em virtude de ser um fenômeno de encontro de diferentes. Mas há uma personagem em particular, dentre os imigrantes alemães, que tomará um aspecto diferente em relação à própria comunidade. O médico Karl Winter. Winter não sofre junto com seus compatriotas o efeito desse estranhamento porque ele não chega, já está lá quando a comunidade alemã emigra para Santa Fé. O olhar do narrador sobre Winter revela ser ele um estrangeiro muito mais que um imigrante.

O estrangeiro interpreta o novo modelo cultural de acordo com seu código social, que também é em certa medida estranho ao novo ambiente. Diante disso, acaba por ilhar-se, sendo observador dos fatos, até o momento em que encontra oportunidade de síntese entre seus valores e os da cultura vigente. Tal empreitada nem sempre é bem-sucedida, o que faz com que o indivíduo busque seus pares, criando microgrupos dentro do vasto campo social do grupo maior. Assim, japoneses e judeus entre outros grupos acabam sustentando sua identidade contra o pano de fundo da sociedade nacional, fortalecidos pela solidariedade¹⁰⁰ e pela tradição, veículos de sobrevivência em um mundo que lhes é estranho. Mas, quando o indivíduo não encontra em sua própria comunidade vínculo, como ele pode lidar com o fato de ser estrangeiro?

Segundo Waldman,¹⁰¹ há um traço de distinção entre os termos *estrangeiro* e *imigrante* na literatura brasileira. O primeiro termo ganha um caráter positivo e marca presença numa literatura que tem como pano de fundo a necessidade histórica da mão-de-obra estrangeira para a economia nacional. Assim, o já citado estrangeiro Meyer disputa em pé de

⁹⁹ MAESTRI FILHO, Mário José. *Uma breve história do Rio Grande do Sul da pré-história aos dias atuais ocupação do território: da luta pelo território à instalação da economia pastoril-charqueadora escravista*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, UPF Editora, 2006.

¹⁰⁰ Barth centra-se nas considerações de valor e utilidade manifestas no comportamento dos indivíduos. Aponta para a necessidade de perceber a posição ou *status* do indivíduo na rede social em que está momentaneamente inserido. BARTH, Frederick. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2 000, p. 59.

¹⁰¹ WALDMAN, op.cit., p.XIX. (introd.)

igualdade o amor de Inocência, na obra de Visconde de Taunay. Os imigrantes, por sua vez, ganham um tom descolorido, “como instrumento desumanizado, ao mesmo tempo reduzidos a braço-de-trabalho e semeadores do embranquecimento da população brasileira, contribuindo para apagar as marcas de sua origem”.¹⁰²

Diegues¹⁰³ nos lembra a importância que muitos estrangeiros isoladamente tiveram antes da abertura dos portos em 1808, data que, segundo esse autor, assinala o início da imigração oficial no Brasil. Alguns homens chegados antes dessa data, como um Babi, um Líbero Badaró, um Cristóvão Lins, de origem francesa, alemã, *entre outras*, deram sua silenciosa contribuição para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Mas essas figuras eram em sua maioria desbravadores. Seu senso de missão tem paralelo com Karl Winter. Que também exerce importante papel social como médico.

Figuras como Karl Winter, Don Pepe e Stein terão importância na narrativa em virtude de seu entrosamento com os moradores do Sobrado. Essas personagens terão em comum o fato de figurar como estrangeiros amigos dos protagonistas. Karl Winter em *O Continente*, Don Pepe em *O Retrato* e Stein em *O Arquipélago*. A relação deles com suas comunidades de origem será sempre uma relação que beira o distanciamento. Eles se aproximam de um tipo, o dos estrangeiros observadores, semelhantes a um Meyer de Taunay, ou um Milkau de Graça Aranha, na galeria dos forasteiros letrados que coadjuvam na cena da literatura nacional.¹⁰⁴

No *Continente* o imigrante será aquele localizado em seu coletivo. Winter é construído por outro modelo. Sua condição de intelectual e médico lhe concederá uma mobilidade social que, por sua vez, redundará em um olhar crítico sobre o povoado de Santa Fé. Será crítico da sociedade brasileira simbolizada por Santa Fé, será crítico das políticas globais, simbolizadas pela própria ascendência germânica que possui e vê com fina desconfiança.

Uma das interpretações possíveis seria considerar que o que viemos pensando até este momento nos conduz à idéia de que *O tempo e o vento* é um romance que se estrutura com base em um processo dialético. O uso do termo “dialético¹⁰⁵”, porém, poderia causar mal

¹⁰² Ibid., p. XIX (introd.)

¹⁰³ DIEGUES Junior, Manuel. *Imigração, Urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1964, pp.20-1.

¹⁰⁴ Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de., Op. cit., p.228.

¹⁰⁵ Dialética, de acordo com Konder,¹⁰⁵ é modernamente entendida como a forma de pensar as contradições da realidade. Assim, o autor assinala que as primeiras reflexões sobre o conceito de dialética podem ser encontradas no filósofo grego Heráclito, segundo o qual a dialética está na essência do que se pode considerar realidade. O

entendido, em virtude da polêmica que cerca o termo dentro das ciências humanas. Por essa razão usaremos o termo oposição temática ou ideológica para explicar o fenômeno de contrastes simbólicos da obra, nos quais os conflitos estão arranjados no texto de maneira que a ação está ligada à intromissão de um fator causador de estranheza que rompe com a ordem social.

Personagens como Pedro Missioneiro e Capitão Rodrigo provocam estranhamento ao serem inseridos na sociedade, o que repercute no conflito que se encena no primeiro plano narrativo, enquanto, em um segundo plano, o mesmo ocorre com a introdução da imigração e da guerra no enredo. Assim, considera-se que esse elemento invasor da órbita ordenada e pacífica da cidade de Santa Fé, em sua capacidade de provocar estranheza, tem como função a produção do efeito de antítese, que tem como síntese a própria ação no enredo.

Cabe aqui um rápido paralelo entre a “dialética” que se percebe no romance *O tempo e o vento* e a dialética percebida por Antonio Candido em seu clássico ensaio “Dialética da Malandragem”, no qual ele analisa a estrutura da obra *Memórias de um Sargento de Milícias*. Candido propõe que o protagonista do romance, Leonardo Filho, não é um pícaro de acordo com a tradição européia, mas sim um malandro. Como nos esclarece Roberto Schwarz:

Acresce que, girando em volta do malandro, o romance não trata de escravos nem de camadas dirigentes, que, no entanto, eram as classes básicas da sociedade do tempo – uma lacuna que de um ponto de vista documentário estrito seria imperdoável. Em suma, a fidelidade realista das *Memórias*, se é que existe, não é da ordem do documento. A sua modalidade é outra, que o A. chama de *romance representativo*, e que tratará de explicar. Prende-se à intuição e figuração de uma dinâmica histórica profunda.¹⁰⁶

universo é, em si, mutabilidade, estando em um constante movimento dialético. A falta de clareza nos aforismos heraclitianos sobre o tema levou os gregos a desconfiar dessa percepção, o que permitiu uma outra leitura, sistematizada por Parmênides. Em contraponto à dialética, este afirmou que o movimento é, na verdade, um fenômeno da superfície, sendo a essência profunda do ser e do real imutável. À concepção de Parmênides, Konder chama de metafísica. Assim, ambas as concepções, dialética e metafísica, passam a influenciar o pensamento ocidental.

¹⁰⁶ CANDIDO, Antonio. "Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)" in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.
http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/leitura/DIALETICA_MALANDRAGEM.rtf

Resguardando as devidas diferenças entre as obras de Verissimo e Manuel Antônio de Almeida, que não são poucas, a aproximação dá-se nessa dinâmica histórica profunda, de que fala Schwarz. Em ambos os romances parece haver a pretensão de expor a ambivalência intrínseca à construção da sociedade brasileira. No caso de *Memórias*, elege-se a figura do malandro como signo da desordem epositor da ordem.

No caso de *O tempo e o vento*, temos, não a figura do malandro, mas inicialmente o emblema do mítico e heróico índio Missioneiro, somado depois à imagem viril do gaúcho que aos poucos irá desfigurar-se para dar lugar à imagem de uma mulher, Luzia, metonímia da modernidade. Ela traz o elemento da podridão para o enredo. Toda essa construção tipológica é acompanhada pela narrativa dos fatos históricos, que desembocam na chegada da modernidade. O vento é agora não apenas emblema de um personagem, da aventura, da liberdade, mas do horror da modernidade que vem em oposição ao tempo, por sua vez figura das forças da tradição na pessoa de uma Maria Valéria e de todas as matriarcas do Sobrado, além da Igreja, do poder político da cidade, do estado e da nação. Poder político que fará o possível para organizar e estruturar a ordem.

A oposição temática entre os elementos tempo e vento, caos e ordem, campo e cidade, masculino e feminino, horror moderno e horror antigo,¹⁰⁷ entre outras que se manifestam de maneira quase camuflada na estrutura narrativa, como é o caso da polaridade *transitório e perene*,¹⁰⁸ irão permear a obra, não apenas *O Continente*, mas toda a trilogia.

Ao dizer que a oposição temática está na base estrutural do romance, queremos focar a relação desta oposição com a dinâmica da história. Não somente as polaridades simbólicas no romance apontam para o mover da História, mas a fabulação como um todo está em movimento, na relação das contradições, que se traduz em uma busca pela compreensão do ser. Esse ser, por sua vez, é percebido no conjunto social, uma vez que tal movimentar-se é perceptível na história de Santa Fé, do Rio Grande, do Brasil e do mundo, fazendo-se presente assim na dimensão social do enredo, como também na crise do indivíduo, desde um Rodrigo em sua fadiga com o cotidiano matrimonial e sua sede de aventura, um Bolívar e sua

¹⁰⁷ MARIA das Graças Gomes Villa da Silva propõe em sua tese sobre a obra de Verissimo uma interpretação por meio da polaridade “o horror antigo e o horror moderno”. In SILVA, Maria das Graças Gomes. *O Horror antigo e o Horror moderno em O Tempo e o Vento e Noite de Erico Verissimo*. (tese de doutorado). FFLCH/USP, 1998, p. 11.

¹⁰⁸ Chaves, Flavio Loureiro, Op. cit., p.86

consciência fragmentada, Luzia e seu interior contraditório, até a busca de um Floriano com sua sensível visão de mundo, que tanto o faz se sentir impotente diante do movimento da existência.

Quando evocamos o sentido simbólico presente nas imagens de tempo e vento, notamos que o conceito de movimento é peculiar às duas imagens. Tanto o tempo está em um constante passar, quanto o vento em um constante mover-se. A distinção possível é quanto ao ritmo imposto a cada um dos fenômenos. O tempo, metódico e ordenado em sua essência rítmica, enquanto o vento é desalinhado, livre e obedece somente ao acaso.

O vento percorreu um caminho que o identificou como símbolo de mistérios, revelações e presságios na cultura humana. No Japão, Susano Wo era o deus do vento e da tempestade.¹⁰⁹ O mesmo verbete do *Dicionário de Simbologia* diz que Hátor, a deusa egípcia, fazia o vento da vida emanar de seus lábios.

A relação do vento com o termo “espírito”, como entende a língua hebraica, talvez seja o símile que mais favoreça nossa leitura da obra em questão. O termo usado para “espírito” na bíblia é *ruach*, que significa “vento”, “sopro”. Em Gênesis 1:2, temos a belíssima imagem do “vento de Deus” sobre as águas.

O vento está associado ao espírito, mas não apenas no sentido de alma, personalidade, mas também no sentido de *mensageiro*. Na Bíblia cristã (João: 3.3) o vento é associado àqueles que herdariam o reino eterno, pois eles nasceriam do espírito e seriam como o vento, soprando livremente sem que as pessoas soubessem para onde vão ou de onde vêm. De igual maneira o profeta Oséias (OSÉIAS: 13:15) associa o vento a um mensageiro divino: “Virá o Vento do Senhor subindo do deserto”. O vento e a tempestade são os caminhos do Senhor (SL: 17:11). A tempestade pode ser um sinal do juízo do Senhor (JR. 23:19). No livro de Atos dos Apóstolos, o vento aparece como o Espírito que distribui dons (Atos: 2:2). Não somente a Bíblia Hebraica, mas também o Alcorão faz do vento um sopro mensageiro.

No simbolismo hindu,¹¹⁰ o vento (Vayu) é o sopro cósmico. Segundo a tradição da cosmogonia hindu das leis de Manu, o vento teria gerado a luz. Para os gregos, o vento era dividido em inquietude e turbulência, contidas nas profundas ilhas Eólias. O vento dos Druidas é, em certo aspecto, um poder sobre os elementos e está relacionado a instrumentos mágicos e ao sopro.

¹⁰⁹ LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.746.

¹¹⁰ CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p.935.

O poeta Fernando Pessoa escreveu o poema “O Vendaval”¹¹¹: “Ó vento do norte, tão fundo e tão frio, Não achas, soprando por tanta solidão”. Como em tantas outras culturas, esse é o símile que encontraremos no romance, no qual o vento será sinal de mudança e virá como um sopro aos ouvidos de Ana Terra, Bibiana e Maria Valéria: “O Dr. João Pessoa foi assassinado esta tarde com três tiros num café do Recife. Fez um silencio álgido. E só Maria Valéria parecia ouvir o vento que batia na janela, como se quisesse entrar”.¹¹²

Na perspectiva de Jacques Leenhardt, a obra *O tempo e o vento* é marcada pela presença de personagens que atuam sob o signo desses símiles. Leenhardt vê o vento como emblema que está em simbiose com certas personagens: “Existem seres que vivem em simbiose com os ciclos da natureza, seres que vivem como o vento: Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando”¹¹³ Leenhardt prossegue no mesmo raciocínio:

A obra de Verissimo é construída privilegiando uma oposição temática e ideológica, na qual o primeiro princípio, o “tempo”, seria o valor sóciopolítico que permitiu que se acumulem, ao longo dos anos, as vantagens dos poderes e dos quais os representantes, tratados de maneira típica na narrativa, são principalmente os membros da família Amaral, amos e senhores de Santa Fé, e em seguida os representantes dos poderes instituídos, a Igreja, e o corpo constituinte, em particular a justiça. O tempo, dos calendários e dos relógios, estrutura o universo dessas instituições de poder (...).¹¹⁴

Ana Terra costumava dizer: “sempre que me acontece alguma coisa importante venta”,¹¹⁵ refrão que será repetido em tom de presságio por Bibiana e Maria Valéria, representantes das gerações que marcam presença na trilogia. O dito de Ana explica a relação que Leenhardt faz entre as personagens do enredo e os símbolos *vento* e do *tempo*.

¹¹¹ FERNANDO Pessoa. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.

¹¹² VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento. O Arquipélago III*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997, p.635.

¹¹³ LEENHARDT, Jacques op.cit.p.28

¹¹⁴ LEENHARDT, Jacques. op. cit. p.27

¹¹⁵ VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento. O Continente I*, 19 ed. São Paulo: Globo, 1997, p.81.

Segundo Meletinski: “O princípio do caos pode ser transportado para o puro mundo social ou para o próprio homem (tema largamente explorado por Dostoiévski) e pode-se obter, além disso, uma avaliação ambivalente e até mesmo por vezes positiva”.¹¹⁶

Mesmo o mais prodigioso dos filhos do vento, do caos, Capitão Rodrigo, tem uma ocasião em que lida com as amarras da ordem. O que o distingue dos outros é sua natureza inconformada com a vida sob esse regime do tempo, do relógio, e ainda que se submeta a essa estrutura por meio do matrimônio, não se deterá. Quanto mais próximas às personagens da modernidade e seus conflitos históricos, mais as polaridades internas crescem nelas.

No volume primeiro, *O Continente*, tem-se um universo mítico e fechado. O mundo psicológico das personagens é planificado no campo social, sendo elas fechadas e acabadas, de maneira que alguns tipos do romance beiram a caricatura. À medida que o romance passa a narrar fatos de meados do século XIX, as personagens aumentam seu repertório psicológico, que sempre irá se manifestar por meio da relação com o social, estando imersas em um universo mais fragmentado, como é o caso de Bolívar e Luzia. Aliás, é com a introdução da *Teiniaguá* na segunda parte de *O Continente* que o romance abandona de vez o campo da epopéia para se tornar romance propriamente dito, na medida em que as figuras heróicas e míticas cedem espaço a seres humanos com dúvidas, medos, crises existenciais e até mesmo de ordem sádica.

Os símbolos tempo/vento, ao lado de outros aspectos da oposição temática do romance, é observada pela crítica. As polaridades estão presentes em várias camadas da narrativa que se verifica desde a epígrafe do primeiro volume da trilogia: “Uma geração vai, outra vem, mas a terra continua. O sol se levanta, se põe, ele se apressa na direção do seu lugar, é lá que se levanta o vento, pára até ao meio-dia, dá voltas, vai e volta e no seu percurso retorna o vento.”

¹¹⁷

O rodopiar do tempo, representado pelo sol como um marcador ou um relógio, como pelas gerações, pressupõe a ordem natural da vida, contraposta à liberdade representada pela ação do vento. O tempo, assim como o vento, encontra em todas as culturas uma simbologia. Os egípcios conheciam Hah, o deus do tempo infinito. Na Pérsia, encontramos o deus do tempo, Zervan, na Índia, a deusa Kali, e, na Grécia, Chronus.¹¹⁸ (Na Idade Média o tempo era

¹¹⁶ MELETINSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. São Paulo, Ateliê Editoria. 2002. p.175.

¹¹⁷ Eclesiastes 14:5, 6.

¹¹⁸ CHEVALIER, J., GHEERBRANT, Op. cit., p.835

simbolizado por meio de uma figura com três cabeças que representavam passado, presente e futuro.)

O tempo em *O Continente* fecha-se em um terreno mítico, no qual domina a natureza arcaica sobre espaço e tempo. Como sugere Chaves,¹¹⁹ o espaço está preso ao universo mítico e fechado no qual o tempo não transcorre. Espaço e tempo estão, portanto, em oposição ao caos, representante do desconhecido que surge para romper o casulo primordial dos primeiros momentos da narrativa de *O Continente*. O romper dessa ordenação mítica e sagrada é punido com a morte, como no caso do Índio Missioneiro.

¹¹⁹CHAVES, Flávio Loureiro, op. cit., pp.83-4

2.2. O estranhamento e os estrangeiros em *O Continente II*

Bibiana passará a repetir o refrão de sua avó, Ana Terra, sempre interpretando a chegada do vento como o prenúncio de alguma grande mudança. No que toca à oposição entre perene e passageiro, Bibiana está do lado dos que ficam e permanecem, em uma clara oposição ao Capitão, que, no primeiro volume (*O Continente I*), em virtude de sua natureza, vida e morte, torna-se lenda. No segundo volume da série (*O Continente II*), contudo, vamos perceber que o tempo da lenda e do mito acabou, junto com os personagens que o representavam, ao passo que a História ganha cada vez mais cor e tamanho, indo em direção ao advento da modernidade.

Seu filho Bolívar cresce e Bibiana vislumbra a possibilidade de recuperar as terras que seu pai Pedro Terra perdera devido aos altos juros cobrados pelo nordestino Aguinaldo Silva em seus empréstimos.

Os Terra Cambará se mudam não para sua antiga casa, mas para o sobrado construído sobre o solo que Aguinaldo tomara a Pedro Terra. A invasão do sobrado é a história que serve de moldura para as outras, sendo narrada desde o primeiro volume de *O Continente*.

A obra de Verissimo é não apenas uma reflexão sobre o Rio Grande, mas se destaca por ser um ensaio metonímico que reflete a parte pelo todo.¹²⁰ Ou seja, Verissimo encontra na literatura uma forma de descrever o Rio Grande, de maneira que seu texto se avizinha dos estudos dos anos 30 que refletem sobre a formação do Brasil, como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Por essa razão, lembra Leenhardt, Santa Fé será a figura do Brasil, na mesma medida em que, no volume *O Retrato II*, doutor Rodrigo será aclamado como pai dos pobres, figura de Getúlio Vargas.

Seguindo esse raciocínio, o sobrado será palco metonímico dos processos culturais do Brasil rural e do Brasil urbano. No tempo presente, temos a narrativa da invasão do sobrado, que só terá um desfecho no livro II de *O Continente*. Os outros capítulos preenchem o espaço deixado por essa narrativa em blocos, fornecendo ao leitor elementos para a compreensão dos eventos relacionados à invasão. Um desses capítulos é batizado por Verissimo de “A Teiniaguá”. O texto aproxima a figura de Luzia à imagem lendária da *Teiniaguá*. De acordo

¹²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “A Temporalidade da Pedra (Leitura de *O Retrato* de Erico Verissimo)”. in *Erico Verissimo: o Romance da História*, op. cit., p.90.

com Ornellas,¹²¹ a Teiniaguá era uma Princesa Moura transfigurada, meio mulher, meio demônio, com uma cabeça de carbúnculo.

Para Leenhardt,¹²² esse capítulo introduz na narrativa a temática da podridão, que se constrói a partir de outra oposição temática entre tempo e natureza, e também por meio das patologias descritas na narrativa. Uma delas é a doença de Luzia, que a levará à morte, a outra é a doença moral que extrapola a personagem Luzia e se espalha pela sociedade de Santa Fé.

O sobrado, lugar onde se travam guerras contínuas, seja a guerra de Bibiana e da nora, seja a guerra de Licurgo contra os maragatos, será ao mesmo tempo o espaço guardião da ordem, da tradição, que resiste à força do vento.

A antítese entre vento e tempo como figuras do caos e da ordem permanece nesse volume. Por vezes teremos a impressão de que a vitória será continuamente reservada aos que se põem ao lado da ordem (tempo), enquanto os que trazem no peito afinidade com o caos, a aventura e o estranhamento serão devorados lentamente pela morte. Os filhos do vento são passageiros. Pedro Missioneiro, Rodrigo e Luzia morrem cedo. Os Amarais, no que diz respeito à ordem política da cidade, vivem e governam por muito tempo.

O narrador onisciente neutro¹²³ desvela ao leitor a trama central em sintonia com os fatos históricos que se desenvolvem no subterrâneo do enredo. O conflito de Luzia e Bibiana é metonímico, pois mostra no particular o que está ocorrendo no todo, que nesse romance não é somente o Rio Grande e o Brasil, mas também a ordem global, o que se torna perceptível com a entrada em cena do mascate judeu.

Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, Licurgo, tornam-se donos do sobrado e se configuram como filhos da ordem (tempo), que perpetuam seu desejo político, mantendo a ordem. Dentre as mulheres de caráter forte, como Ana Terra e Bibiana, sem dúvida se destaca, como filha do tempo, Maria Valéria. Observe-se o comentário de Tio Bicho citado por Sílvia em seu diário:

Discutimos depois sobre a Dinda em voz baixa. Tio Bicho, que parece ter uma grande ternura pela velha, definiu-a numa frase que para mim foi uma revelação: “Para Dona Maria Valéria, amar é sinônimo de servir”. (...) Depois falamos da relação da Dinda com o tempo. Acho que em sua cabeça o tempo do relógio e o calendário se misturam com

¹²¹ ORNELAS, Manoelito. *Gaúchos e Beduínos – A Origem étnica e a formação do Rio Grande do Sul*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1976, pp.173-7.

¹²² LEENHARDT, Jacques, Op. cit., p. 32.

¹²³ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco Narrativo*, op. cit., p.32.

o atmosférico e junto formam uma entidade fantástica e poderosa, que dirige a nossa vida, os nossos atos cotidianos e até o nosso destino. É a Dinda quem acerta o relógio grande do pêndulo e lhe dá corda. Agora que não enxerga mais, faz isso pelo tato. Uma vez me disse que o relógio é o coração da casa, se ele pára o sobrado morre. (...) ¹²⁴

Não somente a relação do *tempo-ordem* com Maria Valéria é perceptível no trecho citado acima, mas também o fato de que o sobrado está submetido ao poder matriarcal encarnado por ela. O sobrado é apresentado, portanto, como o espaço da tradição, do relógio, dos filhos do tempo. Por essa razão Luzia encontra no lugar tanta oposição a seu estilo de ser e de ver o mundo.

Luzia é uma personagem complexa e singular, capaz de manter um discurso moderno e humanista e ao mesmo tempo de não se importar com a possível injustiça que levou um escravo à força. Luzia é filha do estranhamento, vento que sopra sobre a órbita do sobrado anunciando novo *Aeon*, vento da modernidade.

Pedro Missioneiro e Capitão Rodrigo são personagens da fase da aura mítica do romance; cumprindo no enredo a missão de explicar as origens, estão mais próximos do mundo antigo. Luzia, porém, introduz no enredo uma nova informação: o advento da modernidade. Mas essa modernidade é denunciada pelo clima de podridão que se estabelece, no plano interno e externo. No íntimo, o filho de Bibiana, marido de Luzia, Bolívar, sabe que há algo errado com ele e com o mundo que o cerca. Sua crise psicológica tem um fundamento não apenas na culpa, como simples produto da natureza da alma, mas na percepção de um erro social, ocorrido no julgamento de seu amigo. Bolívar lamenta sua própria inércia diante de uma lógica que condena alguém que para ele é inocente. A morte do amigo, um homem negro, faz transparecer a injustiça legalizada, o que acarreta a culpa e mesmo a morte de Bolívar. É nessa direção que entendemos a construção psicológica das personagens em Verissimo, seus mais profundos conflitos são planejados pelo drama sociológico.

Com Luzia, uma outra antítese, modernidade *versus* tradição, ganha força no enredo. Prova disso está no fato de ela não se dobrar ao patriarcado, preservado por Bibiana e sua

¹²⁴ VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento. O Arquipélago III*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997, p.913.

continuadora, Maria Valéria. Luzia é mulher que não se submete a homem,¹²⁵ mulher que ama a cultura, informada, sonhando com a vida na “civilizada França”.

Pedro Missioneiro e capitão Rodrigo são protótipos do guerreiro, pensando aqui em uma concepção nietzschiana.¹²⁶ Luzia é a Teiniaguá,¹²⁷ que figura nesse paradigma não com espada ou punhal, mas munida das armas da sedução e liberdade sadista, o que lhe renderá a fama de bruxa, Lilit, a grande feiticeira que não aceita o calendário da Igreja, nem o relógio da ordem moral.

Bibiana e Luzia são elementos de uma narrativa pendular,¹²⁸ que vão de um pólo a outro, não apenas tempo e vento, masculino e feminino, mas também destino e liberdade, mudança e permanência.

É no capítulo “A Teiniaguá” que as personagens estrangeiras ganham maior dimensão no corpo da narrativa, apresentando-se cada vez com maior relevo no romance.

O já citado doutor Winter, alemão amigo dos moradores do sobrado, que nutrirá uma paixão secreta pelos caprichos de Luzia, pode ser visto como um estrangeiro observador, mas o mesmo não ocorre com os demais. O fato de os imigrantes terem maior projeção no capítulo “A Teiniaguá” aponta para uma modificação nas bases da estrutura econômica de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil. Nesse processo de formação social e cultural, faz-se notar a presença de imigrantes italianos, alemães e judeus na periferia da trama do romance.

A história de Luzia está em contraposição à história de *O Continente*¹²⁹ na medida em que a modernização que ela simboliza com seus desejos, em sua autonomia, como representante de uma cultura nova, se opõe à cultura vigente em uma comunidade fechada.

A importância de Luzia se traduz no desejo de uma descendência, na qual ela se projeta. Luzia se vê não em seu filho Licurgo, mas em seu neto, Rodrigo Cambará, que, como a avó, será um amante da cultura francesa, ponto de referência da *Belle Époque* brasileira, período histórico descrito no volume *O Retrato*.

¹²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy, op. cit., p.46.

¹²⁶ No capítulo “A Teiniaguá”, o médico estrangeiro Winter observa: “A paisagem era civilizada, mas os homens não, tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias.” (*O Continente* II, p.362) A expressão “paixões primárias” alude à vontade de potência, ao impulso do gaúcho macho para a liberdade e a aventura. Seria possível uma aproximação com o sentido do guerreiro de acordo com Nietzsche. In: Nietzsche, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, s./d. p.29.

¹²⁷ ORNELAS, Manoelito, Op. cit., pp.173-4.

¹²⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy, op. cit., p.47

¹²⁹ LEENHARDT, Jacques, op. cit., p. 35.

Luzia é a personagem que emoldura o sentido do capítulo e, em certa dose, ao introduzir o tema da podridão pessoal, da loucura, do tabu, da violação ao preceito, ela expõe a sociedade que vive no sobrado e Santa Fé. O leitor terá que estar atento para perceber que há no subterrâneo da história narrada uma segunda narrativa. O texto propõe um jogo próximo ao estado psicológico da própria personagem. Vejamos, no primeiro plano da narrativa, travam-se guerras que se concentram no Sobrado. A guerra pessoal entre sogra e nora, Bibiana e Luzia, que disputam o amor de Bolívar e o domínio político do Sobrado, recorda, em um segundo plano narrativo, o velho conflito entre os Terra Cambará e os Amarais pelo prestígio político em Santa Fé e, no terceiro plano, a Guerra do Paraguai (1865 - 1870), as guerras contra Rosas e os conflitos com os países do Prata.

A região do Prata,¹³⁰ formada por Uruguai, Argentina e Paraguai, encontra no rio sustentação para o comércio. Dos conflitos impostos pela geopolítica mundial aos países do Prata, o conflito no Paraguai se destaca.

O Governo de Gaspar de Francia, de 1814 a 1840, consegue elevar a estrutura econômica do Paraguai, a ponto de esta ganhar auto-suficiência. Os outros governos que sucedem Francia no país intensificam essa política e quebram o isolamento econômico. Em 1865 o Paraguai conta com telégrafos, ferrovias e já um bom número de indústrias, e propõe uma política com pretensões expansionistas, o que faz com que os outros países da região da Prata, além do Brasil, se vejam ameaçados. Assim, o Brasil, unido a Argentina e Uruguai, declara guerra ao Paraguai. No ano de 1870 finda a guerra, com a destruição do Paraguai e o endividamento dos países vencedores.

Como se percebe, “A Teiniaguá” é um capítulo em que os conflitos se intensificam, indo da esfera social para a particular, da local para a global, o que faz com que a oposição temática e ideológica entre caos/ordem, vento/tempo, passageiro/permanente se traduza na semântica do conflito. A guerra torna-se, portanto, linguagem e código da vida em sociedade em Santa Fé. Seus moradores preocupam-se e ruminam o tema de suas guerras. Mas, e a comunidade imigrante? Como entende as guerras de cunho tão nacional e localizado, que a narrativa expõe?

A comunidade imigrante de Santa Fé era constituída até então, basicamente, de alemães e uns poucos italianos. Nesse período, meados do século XIX, a Alemanha passava por um

¹³⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998, pp.208-16.

momento econômico precário em virtude do fracionamento de seu território em pequenos reinos, de modo que o Brasil vinha recebendo mão-de-obra germânica:

Foi também nesse ano que a Assembléia Provincial autorizou o estabelecimento duma colônia alemã, a três léguas de Santa Fé. Os primeiros colonos chegaram em carroças com suas famílias. Traziam seus tarecos, seus instrumentos agrícolas e suas mulheres e filhos. Winter recebeu-os com uma certa má vontade que ele mesmo não sabia explicar. Além dele, até então os únicos alemães que viviam naquele município eram os **Shultz e os Kunz**, que haviam chegado ali um pouco antes da Guerra dos Farrapos.¹³¹

De acordo com Diegues, “uma das características da presença do imigrante no Sul do país foi o aparecimento de cidades, não raro prósperas e desenvolvidas, nas áreas das antigas colônias”.¹³² Tal fato ficará patente no registro narrativo do próximo volume de *O tempo e o vento*, como veremos mais adiante. Nesse momento, porém, destaca-se o desafio que o imigrante tinha pela frente.

Ainda que o imigrante tivesse que labutar contra índios e a ausência de infra-estrutura fornecida pelo governo, as políticas de concessão de terras, que geraram em alguns casos verdadeiros minifúndios, eram um grande atrativo.

Os italianos são representados no romance pela figura do Padre, que, ao lado de Jacob, é personagem do capítulo “Ismália Caré”:

Quando o padre **Atílio Romano** subiu ao púlpito para fazer a sua prédica, o cel. Amaral puxou um pigarro que encheu sonoramente o recinto. “Velho Porco” -- murmurou Bibiana. Fandango abafou uma risada. Era o vigário de Santa Fé um homem alto e corpulento, de rosto carnudo e olhos castanhos de mel queimado. A barba forte e escura, sempre visível mesmo quando escanhoad, envolvia-lhe as faces sanguíneas numa sombra arroxead, dando-lhe à fisionomia um certo ar crepuscular que só o sorriso aberto, de dentes muito brancos, conseguia neutralizar. Era um sorriso tão aliciante, que chegava quase a ser feminino. (...) Natural da Itália, Atílio Romano viera para o Brasil logo depois de ordenado.(...).¹³³

¹³¹ VERISSIMO, Erico. *O continente* II. 27ª. Ed. São Paulo: Globo 1995, p.426 (negrito meu)

¹³² Ver DIEGUES, Manuel Junior, Op. cit., pp.128- 9

¹³³ VERISSIMO, Erico, op. cit., p.577

No entanto, diferente de Jacó, que pode ser descrito como um imigrante no sentido posto por Waldman, Padre Romano difere desse último por figurar como um estrangeiro.

Assim como Winter, o padre Romano faz parte do seletivo grupo de estrangeiros que freqüentam o sobrado. Há alguns paralelos entre ele e o alemão Winter. O que dá a ele passaporte ao universo do Sobrado é sua condição clerical, do mesmo modo que, para Winter, a condição de médico. Ambas, a religião e a ciência, têm passe livre por entre as camadas da ordem e do poder em Santa Fé, assim como por entre os meios mais desprovidos. Essa condição permite a Winter e ao padre Romano um olhar privilegiado sobre a vida social da cidade.

A maneira como essas comunidades se inseriram econômica e socialmente nos mostra que, por mais que o imigrante tenha mantido intacta sua base cultural européia, houve também vários pontos de intersecção cultural: “colonos alemães em sua generalidade haviam já abandonado seus trajes regionais e adotado os naturais da Província. Mas ele Winter preferia conservar-se fiel à indumentária européia e citadina (...)”.¹³⁴ O mesmo valerá para a comunidade judaica gaúcha, como nos mostra Schweidson.¹³⁵

Além da intersecção que se dá no nível cultural, temos também uma inserção no nível social: “(...) No entanto andava sempre. Via as casas ao luar, os quintais onde as árvores escurejavam, as sombras das casas da rua, os frades-de-pedra em frente à venda dos **Shultz** (...)”.¹³⁶

A “ciência de Hipócrates está representada entre nós pelo ilustrado doutor Carl Winter, natural da Alemanha e formado em medicina (...)”.¹³⁷ Winter tem seu olhar associado ao do narrador, ou seja, o olhar de Winter acrescenta o ponto de vista do estrangeiro sobre o brasileiro, em meio ao processo de inclusão. Não que possamos tomar o olhar de Winter como o da comunidade alemã, afinal, como já foi dito, Winter não participa do círculo de imigrantes.

Carl Winter permanece como personagem estrangeira de maior projeção no enredo de *O Continente II*. No entanto, outros alemães, como os Kuns e os Shultz, pioneiros em Santa Fé, têm participação no enredo desde *O Continente I*.

¹³⁴ Ibid., p. 353.

¹³⁵ Ver SCHWEIDSON, Jacques, Op. cit., p.16

¹³⁶ VERISSIMO, op. cit., p.342

¹³⁷ Ibid., p. 328.

Carl Von Koseritz funcionará como o conselheiro de Winter: É a amizade do conde Koseritz que impedirá Winter de mergulhar num profundo isolamento, uma vez que a relação do médico com os imigrantes alemães de forma geral é de distanciamento.

Foi lá que um dia, fazendo uma visita matinal aos doentes, encontrou deitado num daqueles catres sujos e malcheirosos, num contraste com as caras tostadas dos nativos, um homem louro, extremamente jovem e de aspecto europeu. Deteve-se, interrogou-o e verificou que se tratava de um alemão que viera com as tropas mercenárias que o governo brasileiro havia contratado para lutar contra os soldados do ditador Rosa. E o pasmo de Winter chegou ao auge quando o homem declarou se chamar **Carl Von Koseritz** e ser descendente de uma família nobre do ducado de Anhalt. (...) aquele diálogo marcou o início duma sólida e boa amizade. E fora por conselho de **Carl Von Koseritz** que **Carl Winter** transferira residência de Rio Grande para Porto Alegre. Perguntara-lhe o barão numa carta: “Por que não vais clinicar na bela cidade que os açorianos ergueram às margens dum magnífico estuário e no meio de colinas verdes?”¹³⁸

Ao comentar o incidente conhecido como “Guerra dos Muckers”, membros de uma seita messiânica de alemães que tinha na profetiza Jacobina sua redentora, Winter faz uma reflexão, afirmando que um germânico, quando sozinho, é pessoa sensata, mas quando em grupo, os alemães acabam fazendo alguma asneira brutal. A “asneira brutal”¹³⁹ mencionada por Winter soa ao ouvido do leitor atento num tom profético, antecipando eventos futuros relacionados à política e história global, como o nazi-facismo e a Segunda Grande Guerra.

Nesse contexto de ambivalência, é que os pólos temáticos, tempo e vento, ordem e caos, guerras locais, é que uma personagem estrangeira surge na narrativa como portadora de uma mensagem estranha, falando da paz em um outro continente. O capítulo em que Winter tem maior campo de ação dentro da trama, “A Teiniaguá”, é também o capítulo em que um mascate judeu surge em Santa Fé, anunciando o fim da Guerra da Criméia. Tal notícia diz

¹³⁸ Ibid., p.356-7

¹³⁹ Durante a “Guerra dos Muckers” o Dr. Winter escrevera a seu amigo Von Koseritz: “... esse episódio vem confirmar a opinião que tenho de meus compatriotas: individualmente são excelentes, sensatas pessoas, mas quando reunidos em grupos acabam sempre fazendo alguma asneira brutal”. Ibid., p. 651

respeito ao âmbito da política internacional e não exerce fascínio entre os santafesenses, que estavam naquele momento muito preocupados com suas próprias lutas.

A primeira personagem judaica que aparece na obra exerce uma função associada aos judeus no Brasil desde antes da Independência, ou mesmo antes da chegada da Corte. Como nos informa Diegues Junior,¹⁴⁰ o cristão-novo já exercia a função de mascate nesse período. Para compreender como as personagens judaicas se integram ao todo narrativo e estrutural, é preciso perceber que os fatos do romance estão ligados ao processo histórico.

Vejamos agora o texto que descreve a passagem do mascate:

Foi nesse outono de 1856 que passou por Santa fé um mascate judeu vendendo bugigangas. Era um homem retaco, muito vermelho, de nariz adunco e barbas louras. Alegre, conversador e bem informado. Contou, no seu português arrevesado, mas fluente, coisas das terras por onde tinha andado. Conhecia o Oriente, a África e tinha visitado recentemente os países platinos. Sabem da última novidade? – perguntou ele um dia a um grupo na botica do Alvarenga. – Terminou a guerra da Criméia. (...) ¹⁴¹

A referência ao mito do judeu andante Ahasverus fica patente nas últimas explicações sobre o mascate, uma vez que ele havia passado pelo Oriente, pela África, etc. Ao que parece, essa apropriação de Verissimo aproxima-se da leitura feita por Machado de Assis¹⁴² e outros autores, que aproveitaram o mito positivamente.

Mas de onde vem esse judeu? Por que o autor permite sua curta encenação nesse momento do romance? Qual o papel dessa guerra e qual sua relação com o jogo de oposições ideológicas armado no interior da trama?

A Guerra da Criméia consistiu na peleja entre a Rússia e uma coalizão formada por Reino Unido, França, Sardenha (Itália) e Império Turco-Otomano (atual Turquia). Estendeu-se de 1853 a 1856, na Península da Criméia, no sul da Rússia, e nos Bálcãs. O motivo da coalizão fora uma reação às pretensões expansionistas da Rússia.

O Czar tentava aumentar sua influência nos Bálcãs e na região entre os mares Negro e Mediterrâneo. Em 1853, os russos invadiram as províncias turcas do Danúbio (atual Romênia)

¹⁴⁰ DIÉGUES Junior, Manuel, Op. cit., p.17

¹⁴¹ VERISSIMO, E., op. cit., p.430

¹⁴² Ver capítulo 2 desta dissertação, p. 17.

e ganharam o controle do porto no Mar Negro, tendo então de lidar com a oposição do Reino Unido e da França, que terminaram por declarar guerra à Rússia, seguidos pela Sardenha.

O receio de que a Áustria entrasse na guerra fez com que os russos deixassem as províncias. Enquanto as tropas austríacas ocupavam a região, ingleses e franceses investiram sobre Sebastopol, na Criméia, centro da frota russa no Mar Negro. A Rússia, incapaz de desalojar os inimigos, concordou em 1856 com os termos da Paz de Paris, devolvendo o sul da Bessarábia e a embocadura do Rio Danúbio para a Turquia e sendo proibida de manter bases ou forças navais no Mar Negro.

No entanto, a guerra é retomada duas décadas depois, em 1877. A Rússia invade os Bálcãs em consequência da repressão turca às revoltas de eslavos balcânicos, mas novamente recua diante da oposição das grandes potências.

No Congresso de Berlim, em 1878, ocorre a independência da Romênia, a Rússia incorpora a Armênia e parte da Ásia e a Áustria fica com a Bósnia-Herzegóvina. Nos Bálcãs, no início do século XX, o crescente nacionalismo eslavo hostil à presença turca leva a região à primeira das Guerras Balcânicas.

A Guerra da Criméia passaria para a história como uma das primeiras guerras em que se usou a tecnologia, no caso, o telégrafo, com finalidade bélica. Esse fato prenuncia as duas grandes guerras que se seguiriam no século vindouro. Nestas, o uso da tecnologia foi um fator que contribuiu para a barbárie, a despeito de todo o progresso.

A passagem do mascate não é aleatória. Como já vimos, o vento desempenha sua função de mensageiro. Sempre que ele aparece, é interpretado como sinal de que algo está para mudar em Santa Fé e, por metonímia, no Rio Grande e no Brasil. A novidade que o mascate traz, no entanto, é que agora a mudança não ocorrerá apenas no âmbito local, de cidade, estado ou nação. A notícia do fim da Guerra da Criméia coloca para o povo de Santa Fé uma nova proposição. Enquanto eles lutam em suas guerras internas, o mundo lá fora caminha e, em breve, um vento de proporções globais se fará sentir em Santa Fé.

É exatamente isso que ocorre nos volumes seguintes da trilogia. Em *O Retrato* e em *O Arquipélago*, teremos o advento da modernidade soprando sobre esse povoado que não se dá conta do aviso do mascate.

Se o judeu mascate surge quase imperceptível ao leitor, sua mensagem não merece desprezo. A Guerra da Criméia¹⁴³ deve ser entendida em seu complexo geopolítico global. Na

¹⁴³ ZEVALLOS, Enrique Amayo. "A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica". *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 255-267, 1995.

narrativa, porém, a guerra que se relaciona com as personagens moradoras de Santa Fé é aquela que ocorre nas fronteiras do Brasil com países da região platina. Mas o que aproximaria a Guerra do Paraguai a Guerra da Criméia?

A Guerra do Paraguai de igual maneira deve ser pensada em seu contexto geopolítico global. Podemos traçar alguns paralelos entre essas guerras, vejamos: Ambas ocorrem por questões de fronteiras. A Criméia está localizada em um ponto estratégico para os russos e isso incomoda o império inglês. A posição expansionista também é um fator de incômodo. Ambos, Paraguai e Rússia enfrentam uma coalizão de forças e perdem por causa disso. Mas, sem dúvida, a intervenção britânica é o fator que mais aproxima essas duas guerras. O período que se convencionou chamar de “Pax Britânica”¹⁴⁴ se estende de 1815, quando Napoleão é derrotado em Waterloo, a 1914, quando tem início a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento histórico, essa potência impôs com habilidade as regras do jogo para manter a ordem mundial.

Ambas, a Guerra da Criméia e a do Paraguai, enfrentam a fúria do elegante domínio inglês. E o que isso tem a ver com o povo simples e longínquo de Santa Fé? O que isso tem a ver com um mascate judeu em Santa Fé? Embora as personagens do capítulo “A Teiniaguá” não percebam, a Guerra da Criméia e a Guerra do Paraguai, as guerras das fronteiras, são faces diferentes da mesma moeda para aqueles que pretendem ter a hegemonia global.¹⁴⁵

Qual o intento do autor ao narrar tais fatos bélicos? “A Teiniaguá” é a resposta. A teiniaguá é personagem de uma lenda de origem árabe que floresceu no solo do folclore gaúcho. Os árabes, como se sabe, nem estão tão longe da Criméia nem tão longe de serem um problema para os ingleses. A personagem lendária, como já dissemos, traz para o texto a temática da podridão, do desejo proibido, da alma tabu que esconde segredos no subterrâneo de seus projetos e, assim, ela representa a cidade de Santa Fé, como também a política do Rio Grande, da nação; em última instância, lança seu colorido sobre a geopolítica global.

Por que um judeu surge na narrativa vinculado à notícia da Guerra da Criméia? Na Criméia viviam consideráveis populações judias à margem do Mar Negro e do Mar de Azov. Em 1783, por pressão do governo de Catarina II, o último *Khan*, Shagin-Hiréi, renunciou ao trono, e a Criméia foi anexada ao Império russo. Inicialmente a Criméia integrou a província de

¹⁴⁴ IMLAH, A. *Economic elements in the Pax Britanica*. Cambridge, Harvard University Press, 1958, p. 50.

¹⁴⁵ TRÍAS, VIVIAN. “El Paraguay de Francia el Supremo a la Guerra de la Triple Alianza”. *Cuadernos de Crisis* n. 19, Editorial del Noroeste, Buenos Aires, Argentina, 1975, p.46.

Novorosiisk, e em 1802 passou a constituir a específica sede do governo de Távria com centro na cidade de Simferopol. Aproveitando a situação estratégica favorável da Criméia, o governo dos czares tomou a decisão de fundar a cidade de Sebastopol e transformá-la na principal base marítima.

Os judeus dessa região eram conhecidos como *krimchaki* ou caraítas¹⁴⁶ e formavam comunidades que não se misturavam com os tártaros, russos e outros povos da região, apesar de falarem o mesmo idioma, nem com outros judeus (talmúdicos) provenientes da Rússia e Turquia. Deve-se destacar que a contribuição dos caraítas deu grande estímulo às atividades econômico-financeiras da Criméia. Parte dessa população desapareceu no século XX, exterminada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial; outros judeus escaparam em direção às montanhas do Cáucaso, onde seus remanescentes, chamados de *Dagh Chufuti* (judeus da montanha), hoje estimados em algumas mil almas, abandonaram os idiomas nativos (tártaro, russo e ídiche), passando a falar o *partsi-tat* e o persa moderno.

As comunidades judaicas viviam em bairros próprios bem posicionados, às margens dos rios, o que facilitava uma abertura comercial e o desenvolvimento agrícola. Depois que a população judaica cresceu quantitativa e qualitativamente, passando a ocupar maior área e ganhando destaque na economia e na cultura, prosperando ao lado de outros povos da Europa Oriental, os *pogroms* e os conflitos populares alimentados por sentimentos antijudaicos aumentaram na Ucrânia. Assim, muitos judeus emigraram para a Europa e a América em

¹⁴⁶ O movimento caraíta foi, durante a Idade Média, uma corrente judaica que pregava a Bíblia Hebraica como única fonte legítima capaz de representar o judaísmo, excluindo assim o Talmud, e com isso a corrente tradicional rabínica. Nesse aspecto, o comentário de Kirschbaum nos esclarece: “Na época do Segundo Templo, as duas correntes mais fortes no judaísmo eram a dos *saduceus*, ligados à classe sacerdotal, e a dos *fariseus*, antecessores dos rabinos; um dos principais pontos de conflito entre os dois grupos era a origem da *Lei Oral*, a *Mishná*, que para os fariseus teria sido entregue por Deus a Moisés, no Monte Sinai, juntamente com a *Lei Escrita*, a *Bíblia Hebraica*. Os saduceus negavam a origem sinaítica, revelada, da *Mishná*, no que foram seguidos, séculos depois, pelos *caraitas*, seita judaica cuja principal característica é a oposição radical à autoridade rabínica, particularmente negando legitimidade ao *Talmud*.” In KIRSCHBAUM, Saul. “Sobre o Caráter Diacrônico dos Festivais Religiosos”, *Revista de Estudos da Religião*, ISSN, 1677-1222, Nº 7, junho de 2007. PUC-SP (<http://www.pucsp.br/rever/relatori/kirschbaum01.htm#footnote11nota>, acessado dia 25/09/2007 às 15h)

busca de uma nova vida. Uma possível resposta seria interpretar o mascate como um imigrante vindo desse momento histórico.

E quanto ao seu aspecto de mensageiro? O que propunha Verissimo com isso? Parece que, ao colocar na boca do mascate a notícia da Guerra da Criméia, Verissimo propõe uma leitura do mundo pela ótica dos desprovidos de voz institucional. Assim, temos em Verissimo um processo que repensa a historiografia oficial. Trata-se de dar a uma camada da sociedade que nunca teve veículo para divulgar seu ponto de vista a oportunidade de se incluir no discurso por meio da literatura. Não somente o mascate, mas todos os habitantes de Santa Fé dizem suas impressões sobre as guerras. O mascate, contudo, fala do que lhe é próprio, seu universo ainda estava relacionado ao outro lado do mundo.

O significado do fato de a fala sobre a guerra ocorrer em meio a uma cena tão corriqueira e cotidiana pode passar despercebido se não atentarmos para a informação de que é somente após a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas que a reflexão sobre política e guerras ganha espaço no cotidiano das massas, principalmente no universo rural ou lugares de forte economia agrária onde o analfabetismo era um impedimento para a atuação da imprensa. “Assim se criaram às possibilidades concretas para que os indivíduos percebam sua própria existência como algo condicionado historicamente, para que percebam que a história é algo que intervém profundamente na vida cotidiana, e em seus interesses imediatos”.¹⁴⁷ E ainda, essa experiência traz para a compreensão das massas a questão do nacional e problemas da ordem da transformação social, ficando cada vez mais clara a conexão entre nacional e universal.

O povo de Santa Fé se insere, nessa leitura histórica, por meio de uma percepção metonímica. Ou seja, para falar da guerra em Santa Fé, é profícuo pensar em seu contexto universal. E, com isso, coloca-se o debate no cotidiano, afinal, é um mascate quem traz a notícia.

E é nessa direção que a leitura da personagem do mascate judeu se insere na estrutura maior da trama. O fim da Guerra da Criméia não significou nada para os moradores de Santa Fé, no entanto, dentro do aparato narrativo do romance, alude à importância que a política externa vai ganhar de agora em diante na vida cotidiana de todos.

Um outro aspecto da figura do mascate é o papel que ele desempenha dentro do cenário da economia local:

¹⁴⁷ LUKACS, George. *La Novela Histórica*. México: Ediciones Era, 1977, p. 22

Portanto, do ponto de vista da economia brasileira, o clientelista (mascate, em idish) atuou como agente do processo de circulação de mercadorias, desconcentrando a sua distribuição e aumentando a velocidade do produto sobre o espaço urbano e suburbano: ampliou o consumo abrindo novos mercados, incentivando indiretamente a economia formal, apesar de estar inserido no sistema informal.¹⁴⁸

A figura do mascate é, simbolicamente, a de um judeu em seu próprio *shtetl*,¹⁴⁹ ou seja, um agente que pertence à economia local e de alguma maneira irá influenciar a sociedade a ponto de fazer parte da mudança que está por vir.

A contribuição da figura do mascate para a economia do país não pode ser desprezada.¹⁵⁰ Muitos judeus começaram a ganhar a vida no interior como mascates, visitando os lugares ao redor das cidades, vendendo à prestação, o que os lojistas dessas cidades geralmente não faziam. Esse modesto mascate, que leva suas mercadorias nas costas, contribuiu para o melhoramento do *padrão* de vida do homem do interior, vendendo artigos que, nos idos de 1850, nem teriam chegado a suas casas ou cabanas.¹⁵¹

A título de ilustração do significado dessa personagem e sua importância na vida do país, cabe lembrar a obra de Meir Kucinski, *Imigrantes, Mascates e Doutores*,¹⁵² escrita no Brasil, na primeira metade do século, em língua ídiche. O livro traz contos sobre a vida e o cotidiano dos imigrantes vindos da Europa Oriental, entre os quais se destaca a figura dos mascates, que se tornaram populares com seus dramas e angústias, sonhos e desejos de ascensão social no novo país tropical. Em seus contos, Kucinski desvenda as dificuldades e

¹⁴⁸ LEWIN, Helena. “A economia errante: A inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro”. In *Ato de presença: Hineni, homenagem a Rifka Berezin*. Org. Moacir Amâncio. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p.311.

¹⁴⁹ Shtetl: significa cidadezinha ou vila; trata-se do nome ídiche dado às cidades judaicas na Europa Oriental (Polônia, Rússia, Belarus etc.). Essas cidades judaicas foram formadas pela política anti-semita da Rússia nos séculos XIX

¹⁵⁰ De acordo com Goulart: “O mascate foi, a seu tempo, um carregador de progresso e de civilização para as pequenas cidades, vilas e vilarejos do interior que visitava nas suas perambulâncias comerciais, sendo do mesmo passo, um difusor oral dos conhecimentos, um disseminador da cultura da época, inclusive pelas casas-grandes dos engenhos e fazendas que, carinhosamente, os acolhiam.” In GOULART, José Atílio – *O Mascate no Brasil*, Coleção Terra dos Papagaios nº 2, RJ, Conquista, 1967. p.12.

¹⁵¹ WOLFF, op. cit., p.43

¹⁵² KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, Mascates e Doutores*, Org. e seleção: Rifka Berezin e Hadassa Cytrinowicz. São Paulo: Ateliê, 2002.

labutas dos imigrantes, ao mesmo tempo em que descortina a paisagem tropical das terras brasileiras.

Esses dois aspectos do mascate, portador de notícias e agente que coopera em algum grau para o fortalecimento da economia das pequenas cidades brasileiras, dão a essa personagem um papel significativo do ponto de vista da trama do romance.

Recapitulando nossa leitura de *O Continente*, entendemos que o estranhamento é, na obra, parte do mecanismo que produz a ação na narrativa. De Missioneiro, passando pelo Capitão Rodrigo, chegando a Luzia, temos personagens que produzem o efeito do estranhamento no meio social em que estão inseridos, em um primeiro plano da narrativa. Em um segundo plano, os fatos da história oficial se atrelam ao enredo, a fim de compor o ambiente histórico do romance. Nesse segundo plano, personagens periféricas e coadjuvantes figuram nas cenas envolvidas com temas significativos para a construção social de Santa Fé, como as guerras e a imigração.

2.3. O estranhamento, o estrangeiro e o nacional em *O Retrato*

Na obra *O Retrato* o narrador expõe a configuração do florescer do século XX, por meio dos eventos relatados nos capítulos “Rosa dos Ventos”, “Chantecler”, “A Sombra do Anjo” e “Uma Vela pro Negrinho”.

Partindo do *leitmotiv* que alude a Dorian Gray, Verissimo compõe um entrelaçamento das unidades temáticas. O doutor Rodrigo Cambará, figura inspirada em Sebastião Verissimo, pai do autor, é retratado pelo artista plástico D. Pepe. O retrato pintado por ele não vai progressivamente se deteriorando em contraposição a impenetrável juventude do herói, mas mantém-se plástico, incorruptível, e se contrapõe ao corpo corruptível e corrompido pela ação do vento/tempo, que em sua síntese tudo consome. Nele o herói está cristalizado. A pintura realiza o papel de molde e condutor temático no enredo, fazendo com que os eventos narrados passem por ela, assim como ocorre com o Sobrado em *O continente*.

O contraste, característico do início do século, entre urbanização e tradição agrária, ganha relevância a partir de *O Retrato*. O herói central, doutor Rodrigo, é um homem urbano, por meio do qual o autor retrata a *Belle Époque* brasileira. Por meio de Toríbio, irmão de Rodrigo, Verissimo introduz uma oposição campo/ cidade.

O Retrato tem a ação iniciada no presente e, por meio de *flash-backs*, o narrador retoma o passado progressivamente. Segundo Pesavento,¹⁵³ *O Retrato* é uma obra que trata das derrocadas. Verissimo cria uma atmosfera de reflexão sobre a condição devoradora da modernidade. Ou seja, o romance é autofágico, a cada cena evapora-se algo que escapa à compreensão das personagens, como se tivesse sido tragado por um redemoinho devorador. Lembrando a fala de Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”.¹⁵⁴ Assim, a narrativa é marcada pela tragédia. Principalmente no capítulo “O Anjo da Morte”, a ambiência tem uma

¹⁵³ PESAVENTO, Sandra Jatahy, “A Temporalidade da Pedra (leitura de *O Retrato* de Erico Verissimo)”, op. cit., p. 90.

¹⁵⁴ Marx, em seu *Manifesto Comunista*, após expor e exaltar a função histórica da burguesia, que em sua posição efetiva é revolucionária, afirma: “todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas: todas as novas relações se tornam antiquadas antes de chegarem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar...” Apud Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.20.

melancolia que provoca um misto de saudade e consciência de algo errado no subsolo do processo histórico. O tema da ruptura e da queda acompanha o desfecho de cada capítulo.

A política tem seu papel na obra por meio da variação nos discursos políticos que permeiam a narrativa, desde a voz comunista na pessoa do filho, Eduardo Cambará, até a referência a Getúlio Vargas na pessoa do pai e protagonista Rodrigo.

A narrativa dos fatos vinculados à história política ocupa sempre o segundo plano da ação do romance, o que é perceptível no modo como é mostrada a penetração ideológica do positivismo.

Para compreender a estruturação política no Sul é preciso lembrar que o domínio político ao longo da República Velha foi exercido pelas oligarquias rurais. A estrutura partidária ainda era opaca e incipiente. A principal força era o Partido Republicano, que teve sua hegemonia entre os anos de 1892 e 1930. Por isso, sem ele não se compreende o quadro político no Rio Grande do Sul. Diante de uma oposição sem espaço, surgem no estado alguns levantes armados, como é o caso da Revolução Federalista de 1893 a 1895. “(...) as bases sociais dos federalistas encontravam-se principalmente entre os estancieiros da Campanha. Eles constituíram a elite política tradicional, com raízes no Império. (...)”, lembra o historiador Boris Fausto.¹⁵⁵ Ainda segundo Fausto, os republicanos buscavam apoio para sua causa principalmente na população do litoral e da serra, onde se encontravam muitos imigrantes.

O leitor de *O tempo e o vento* perceberá que a história gaúcha é marcada por uma sequência de lutas e batalhas que caracteriza a lógica política predominante nesse estado. Ainda segundo Fausto: “a intermitente luta armada na região favoreceu o contato entre oficiais e os partidos políticos. Da revolução federalista, por exemplo, nasceram os laços de vários oficiais com o PRR”.¹⁵⁶ A presença dos militares é um traço distintivo dos gaúchos na política nacional. Concorreram para tal aproximação peculiaridades como a difusão do positivismo, sistema filosófico cultuado no meio militar, e a afinidade entre a visão da política financeira dos republicanos gaúchos e a do grupo militar.

Os políticos gaúchos eram representantes de um estado que cultivava atividades voltadas para o mercado interno. Por isso lutaram para defender seus produtos, em especial o charque, contra a concorrência platina. O PRR defendia uma política conservadora de gastos

¹⁵⁵ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, op. cit., p. 255.

¹⁵⁶ Ibid., p.269

do governo federal e a estabilização de preços, uma vez que a inflação criaria problemas para o mercado do charque.

A política do café-com-leite correspondeu ao predomínio das oligarquias de São Paulo e Minas na cena política nacional na Primeira República.¹⁵⁷ Descontente, a elite gaúcha lutou como pôde para participar da vida política nacional. O acordo entre mineiros e paulistas durou até 1909 e a dissidência entre esses dois estados foi à oportunidade que os gaúchos esperavam para entrar na cena política nacional. O Marechal Hermes da Fonseca mantém um tom conservador, com o apoio do Rio Grande do Sul, de Minas e dos militares ganha as eleições, frustrando e desiludindo a restrita intelectualidade da época, partidária de Rui Barbosa, que tinha o apoio de São Paulo e da Bahia e procurou atrair votos da classe média urbana, defendendo princípios democráticos e se posicionando contra a intervenção do Exército na política.¹⁵⁸

Mesmo sem conseguir eleger um presidente até a Era Vargas, a oligarquia gaúcha mantém sua presença na política nacional. Para Fausto,¹⁵⁹ ela ascende ao poder após 1910, à medida que a elite paulista vai paulatinamente perdendo força e se concentra em seu próprio estado. Mas seria um equívoco pensar que a chegada de Getúlio Vargas ao poder tenha alterado drasticamente a inserção política do estado no cenário nacional.

Vargas fora testemunha, ainda menino, da Revolução Federalista, e começou sua vida política ao ingressar, em 1903, na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Em 1909, elege-se deputado da Assembléia dos Representantes do Rio Grande do Sul, ocupando uma vaga no PRR. Reelege-se em 1913, abdicando do cargo em favor de colegas do município de Cachoeiras do Sul que se haviam incompatibilizado com Borges de Medeiros.¹⁶⁰ Consegue voltar em 1917. Em 1922 reelege-se deputado e, em 1926, torna-se Ministro da Fazenda de Washington Luís.

Flores da Cunha cria o Partido Liberal, diante da derrota dos revoltosos, no intuito de dar apoio a Getúlio Vargas, o que o faz interventor da política gaúcha na era do governo provisório. Com a reconstitucionalização do país, em 34, ele assume de vez a posição de governador do estado. Sua gestão é, contudo, conflituosa, carregada de dificuldades econômicas e marcada pela continuidade da recusa do governo central de projetar a economia gaúcha.

¹⁵⁷ Ibid., p. 273

¹⁵⁸ VERISSIMO, op. cit., p.167.

¹⁵⁹ BORIS, Fausto, op. cit., p.272.

¹⁶⁰ Ibid., p.107.

A insistência de Washington Luís na candidatura de um paulista à sua sucessão, precisamente o paulista Júlio Prestes, reacendeu velhas feridas do embate da política do café-com-leite, o que levou mineiros e gaúchos a um novo acordo, reproduzindo e reorganizando as forças da campanha de 1909-1910.

Em 1929, depois de seguidos embates e negociações políticas, a oposição lança a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, com a figura de João Pessoa, sobrinho do governador da Paraíba, na vice-presidência, formando assim a Aliança Liberal.

Com a vitória de Júlio Prestes em 1º de março de 1930, o conflito ganha novos contornos. Borges de Medeiros reconhece a vitória paulista e declara apoio a Júlio Prestes. Soma-se a isso o assassinato de João Pessoa em meados de 1930. Ainda que combinasse razões privadas e públicas, na esfera local, o crime transformou Pessoa em mártir da revolução que estava por eclodir.

Chegando ao poder em outubro de 1930, Vargas mantém-se nele por quinze anos, como chefe de um governo provisório, presidente eleito pelo voto indireto e ditador.

Em 15 de julho de 1934, pelo voto indireto, Vargas foi eleito presidente da República, devendo exercer o mandato até 3 de maio de 1938. Desse dia em diante deveria haver eleições diretas.

A reorganização da política nacional, ocorrida na década de 30, foi decorrência direta do processo eleitoral como também do posterior movimento armado, que assinalou o cenário político brasileiro no final dos anos 20. Apesar dessa reorganização, na oposição permaneciam dúvidas sobre a convocação de novas eleições durante o governo provisório e sobre o possível controle dos “tenentes”. A Frente Única Gaúcha – composta pelos partidos regionais – rompeu com Getúlio, o que fez com que grupos paulistas, que já vinham conspirando, se apressassem a propor uma revolução, que ocorreu em São Paulo, em 9 de julho de 1932. Frustradas, algumas lideranças gaúchas ligadas à ala regionalista, como Assis Brasil,¹⁶¹ Borges de Medeiros e Batista Luzardo, apoiaram os constitucionalistas de São Paulo.

A cisão em torno dos constitucionalistas provocou a cisão nas elites gaúchas. Com a vitória do governo sobre os revoltosos de 32, Flores da Cunha fundou o Partido Republicano, que se constituiu como porta-voz dos apoiadores de Vargas dentro do estado.

Flores da Cunha mantinha ligações com o poder central, no entanto, as dificuldades da economia eram grandes na primeira metade da década de 30. Na tentativa de amenizar a

¹⁶¹ “O Chico Flores era um caudilho de fronteira, (...) O Lindolfo Collor um intelectual (...) Mas Getúlio o intrigava (...)” (VERISSIMO, op. cit., p.105)

insatisfação dos setores produtivos, Flores da Cunha passou a conceder empréstimos a produtores locais. Os recursos eram captados por intermédio do poder central, o que acentuava as práticas de subordinação política diante do mesmo. Com a reconstitucionalização do país, a partir de 1934, Flores da Cunha passou da condição de interventor para a de governador do estado. A associação de lideranças do Partido, por intermédio da Frente Única Rio-Grandense, formou um núcleo de oposição. O governo estadual procurou compor com a oposição por intermédio de ofertas de secretarias de governo. A tentativa de aproximação não teve o sucesso esperado. Getúlio Vargas, por sua vez, coordena uma manobra política, prometendo melhoria na projeção da economia gaúcha e nacional.

Em novembro de 1937 foi dado o golpe do Estado Novo. Dessa vez, Vargas apoiou-se na construção de sua imagem diante das massas trabalhadoras, por meio de veículos de comunicação e da construção simbólica de um codinome, “o pai dos pobres”.

Como o leitor perceberá, todo o arranjo histórico e político descrito acima está presente na narrativa do romance. Por isso, trechos em que Rodrigo Cambará trata Getúlio Vargas como mais um de seus correligionários são comuns na narrativa de *O tempo e o vento*: “Outro motivo de exasperação de Rodrigo era o fato de jamais ter encontrado Getúlio Vargas no Clube de Caçadores. Essa austeridade num homem tão moço não lhe parecia normal nem saudável.”¹⁶² Por mais enfeitada que seja a ação heróica que visa conferir a Rodrigo tonalidades quase “românticas” na primeira fase de sua juventude, ela não passará sem que personagens estreitamente ligados ao herói se contraponham a ele, como o filho Eduardo Cambará, comunista militante que se opõe à opinião política do pai. E também Don Pepe, que mesmo sendo freqüentador do Sobrado será um crítico da ação do herói. Aqui, cabe um paralelo entre D.Pepe e Stein. O papel que D.Pepe desempenha em *O Retrato* aproxima-se do de Stein em *O Arquipelago*, na medida em que ambos são amigos de Rodrigo, estrangeiros, e postulam uma posição militante de oposição teórica ao gauchismo de Rodrigo Cambará.

A presença de Don Pepe é marcada por sua posição anarquista, que possibilita ao narrador refletir sobre a política local. Nesse sentido, pode-se pensar Don Pepe como um portador de universalidade no campo político. Se o protagonista, assim como os convivas do Sobrado, tem que lidar com problemas de ordem política no estado do Rio Grande, Don Pepe será o contraponto teórico dessa visão. Pois ele, em seu anarquismo, projetará uma sombra de desconfiança sobre toda a ação do presente.

¹⁶² Ibid., p.107

Segundo Leenhardt, o retrato guardado no Sobrado remete à obra como um romance da descaracterização, no qual a imagem de Rodrigo é projetada, envelhecendo ao longo dos anos e com isso expondo as vicissitudes humanas, em um intertexto com *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde¹⁶³. Só que, ao invés de o quadro envelhecer para preservar a imagem do herói, como ocorre no caso da personagem de Wilde, em Veríssimo, a permanência crua e estanque do jovem Rodrigo estampado no quadro se contrapõe ao envelhecimento do protagonista. Assim, o quadro lembra o Rodrigo que na mocidade lutou contra um policial em defesa do direito de um homem pobre expressar sua posição política, para um outro, amadurecido, contudo entregue às vicissitudes do sistema, um Rodrigo deputado, que flerta com as manhas do poder e nele sucumbe: “o que fica, ao fundo dessa meditação da despersonalização necessária do espaço público democrático, é o desenho de um outro retrato, o retrato do diabo, o da negatividade hegeliana. A figura de Getúlio Vargas, tão ausente no romance, reaparece como um não-dito.”¹⁶⁴

¹⁶³

¹⁶⁴ LEENHARDT, Jacques. “Narrativa e História em *O Tempo e o Vento*”. In *Erico Veríssimo: o Romance da História*, op. cit., p.134.

2.5. O encontro do Arquipélago com *O Continente*

Leenhardt¹⁶⁵ caracteriza *O Arquipélago* como o romance da dispersão. Segundo esse autor, o modelo típico do romance histórico como propunha Lukács,¹⁶⁶ que possui um narrador objetivo com pretensões de apreender o real, perde nesse romance seu referente, surpreendendo o leitor que terá que lidar agora com o fato de estar diante de um romance marcado pela amnésia, ou seja, a subjetividade da personagem Floriano Cambará.

Com isso quer Verissimo não apenas propor um jogo ao leitor, em que brinca e ao mesmo tempo questiona a noção de História oficial, mas fazer que a história de Floriano, seu alter ego, também romancista, seja lida como consequência da História do país onde ele vive. O tema que alimenta o romance escrito por Floriano é a reconstrução política e social de um ambiente nacional jovem, tão jovem, que ao mesmo tempo em que lemos a crise do jovem escritor Floriano, lemos também a passagem de uma jovem nação para a maturidade desejada. A grande questão do romance é, portanto: Como alcançar tal maturidade? Verissimo não propõe uma resposta, mas um caminho de reflexão.

A primeira parte da obra está dividida em dois capítulos: em “Reunião de Família (I)”, tem-se a preparação da morte de Rodrigo Cambará, que será o primeiro Cambará a morrer na cama, contrariando o dito do bisavô, capitão Rodrigo, que dizia que “Cambará macho não morre na cama”. “Caderno de Pauta Simples (I)”, narrado em primeira pessoa, traz as memórias e reflexões de Floriano.

A segunda parte é constituída de sete capítulos: “O Deputado” abrange o período de 1925 a 1932. Em seguida, tem-se “Reunião de Família” (II) e (III), “Caderno de Pauta Simples” (II) e (III) e “Lenço Encarnado”. Esse último narra a revolução de 1923. “Um Certo Major Toríbio” narra a contraposição entre Toríbio e o irmão e as aventuras do Major na Coluna Prestes.

Na terceira parte, temos “Reunião de Família” (IV) e (V), “Caderno de Pauta Simples” (IV), (V) e (VI) e “O Cavalo e o Obelisco”. Na quarta parte, “Noite do Ano Bom”, “O Diário de Sílvia”, narrado em primeira pessoa, no qual Erico faz o olhar feminino retratar suas dores e

¹⁶⁵ Ibid., p.158.

¹⁶⁶ Lukács, George, op. cit., p.113

visão do mundo criado pela narração, e por fim “A Encruzilhada”, capítulo que narra a morte de Rodrigo e do judeu Stein.

Rodrigo e seu filho Floriano estarão no centro das cenas, que terá um conjunto de personagens periféricos tecendo uma rede de comentários, ora sobre a vida pessoal de Rodrigo Cambará, ora sobre problemas filosóficos, políticos e sociais do Brasil e do mundo. Entre os temas filosóficos e políticos no cardápio, está o totalitarismo representado por algumas personagens. Desde a figura de Júlio de Castilhos, ao amigo de Rodrigo Cambará, Getúlio Vargas, no âmbito nacional, e Hitler, Mussolini e Stálin, no âmbito internacional, todos são comentados e postos numa linha crítica por parte de personagens como Tio Bicho, Terêncio, Eduardo, os próprios Floriano e Rodrigo. Em meio a essas personagens temos a figura do judeu Arão Stein.

Para explicar sua opinião política como escritor ao pai getulista, a Eduardo e ao Padre Toríbio, Floriano usa a metáfora da ilha. Segundo seu conceito:

--Estive pensando... – Continuou Floriano. – *Nenhum homem é uma ilha...* O diabo é que cada um de nós é mesmo uma ilha, e nessa solidão, nessa separação, na dificuldade de comunicação e verdadeira comunhão com os outros, reside quase toda a angústia de existir. (...) ¹⁶⁷

(...) As pobres ilhas abandonadas procuram integrar-se na terra firme do Continente. (...) Para Eduardo o Continente é o Estado Socialista (...) Para outros, como para Zeca, a terra firme, o grande continente é Deus. (...) ¹⁶⁸

Há outro meio de o homem se identificar com o mundo que o cerca. É por meio do domínio (...). Parece-me que o doutor Borges de Medeiros encontrou uma compensação para a solidão física e psicológica através de um casamento místico com o povo do Rio Grande, no qual ele era o elemento masculino dominador e autoritário. E seu amigo Getúlio, papai, identificou-se com o Brasil. (...) ¹⁶⁹

A metáfora da ilha confirma duas noções que já tratamos aqui: a de que o individual é metáfora do social, como também assinala Leenhardt, ¹⁷⁰ e a de que a História é um processo ao longo do qual o país passa de um estado infantil para uma maturidade política. Tio Bicho e Stein aparecem como coadjuvantes da ação de moradores do Sobrado, principalmente de Floriano.

¹⁶⁷ VERISSIMO, op.cit., p.219

¹⁶⁸ Ibid., p.220

¹⁶⁹ Ibid., p.221

¹⁷⁰ LEENHARDT, Jacques, Op. cit., p. 159.

Floriano, herói da trama, como homem, vive à sombra das ações do pai, carrega o drama de não ter ainda alcançado seus próprios objetivos, que se dividem em dois: concretizar sua paixão platônica pela cunhada e amor de infância, Sílvia, e realizar seu desejo de escrever uma obra que seja representativa na literatura.

Assim, o objeto de busca de Floriano é um sentido para sua vida, o dragão existe não apenas no mundo empírico, social e político, mas principalmente no cosmos interno da personagem. É nesse cosmos que o mito do caos se estabelece. Sua vida é derrotar o dragão interior.

A busca de Floriano, por mais individualizada que seja, não deixa de ser em certo sentido uma busca pelo bem-estar do outro. Esse motivo aproxima Floriano de um herói cultural, para usar um conceito de Meletinski.¹⁷¹

Roque Bandeira incentivará Floriano a romper com as amarras internas que o paralisam, o que fará com que ele enfrente a paixão que nutre pela cunhada Sílvia. Nesse caso, não é uma rainha em um castelo que o herói irá salvar, mas Sílvia é a metáfora do próprio sentido de existir que ele busca. Floriano também terá que enfrentar o irmão, Jango, marido de Sílvia. É na figura paterna que Jango se projeta como esse rival. Floriano não tem um diálogo honesto e sincero com o pai, Rodrigo Cambará. O sentido que ele tanto busca, a maturidade, não chega até ele.

O segundo personagem que serve de apoio ao herói é Stein, que traz para dentro da trama e da vida de Floriano o elemento trágico, formando com Tio Bicho um só motivo, antitético, ambivalente, que deverá servir de razão pedagógica para o herói Floriano. O caráter aventureiro de Stein, somado ao teor trágico, lembra que, naquele exato momento em que Floriano está vivendo seu drama burguês de escritor em busca de um sentido, milhões de judeus morrem em campos de concentração na Europa. E tal fato fica nítido no discurso que Floriano profere quando vai atuar como professor nos E.U.A.

¹⁷¹ MELETINSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. São Paulo, Ateliê Editoria. 2002. p.73

3. Capítulo terceiro: Os imigrantes em *O Arquipélago*: Entre o Moderno e o Conservador

Ao comentar a ação das personagens imigrantes em *O Arquipélago* temos que ter em mente a configuração do quadro geral que viemos tentando expor até aqui. Nossa tese sobre a presença do imigrante na obra é que ela faz parte jogo social e histórico sobre a qual Verissimo se apóia para expor o problema da modernização conservadora. Entre os temas presentes na obra *O tempo e o vento*, a modernização projeta-se como um dos que paulatinamente vão ganhando dimensão no percurso narrativo.

Em cada um dos volumes, *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, percebeu-se a presença de um estrangeiro que sobressai e figura como amigo dos moradores do Sobrado. Foi assim com Winter, com Don Pepe e é assim com Stein. Esses três cumprem a missão de serem um contraponto, em algum nível da narrativa, ao discurso político do protagonista.

Outro aspecto que se deve lembrar é que para além da oposição simbólica, agora temos uma antítese social. E nessa oposição verifica-se de um lado, a elite rural gaúcha e, de outro, uma burguesia urbana, da qual um considerável grupo de imigrantes em ascensão social fará parte. Vejamos:

- Vamos então devolver o Brasil aos Bugres! – Exclama Bandeira.
 -- Não me interrompa! – vocifera Terêncio. – Aprenda a ouvir. Ouça e depois replique. Mas... Como eu dizia, vêm esses estrangeiros e querem repartir entre si o que é de domínio puramente nacional. **Na América somos demasiadamente tolerantes para com os imigrantes, dando-lhes todas as facilidades e oportunidades**, inclusive para poderem seus descendentes da primeira geração eleger-se para cargos administrativos ou legislativos.¹⁷²

O trecho acima é parte de um longo debate que ocorre durante a visita dos convivas ao Sobrado. Estão presentes o próprio Rodrigo, Stein, Tio Bicho e Terêncio, autor da fala em destaque. Esse último reclama de um problema que há muito vem incomodando a velha oligarquia rural. Não se ignora que o fato de a personagem ser portadora de um discurso conservador caracteriza adesão ao ideário do fascismo e nazismo. Contudo, o problema não é simplesmente étnico. De fato, há esse componente, mas a personagem destaca o fator

¹⁷² VERISSIMO, Erico, op.cit., p.851. (negrito meu)

econômico e, para compreender tal fala, deve-se reconsiderar os pressupostos da modernização conservadora.

A transição para a modernidade é em parte explicada por Barrington Moore Jr.¹⁷³ Usando os *Junkers* alemães como exemplo, Moore explica que, ao conseguir regular a transição para o mundo moderno, aceitando essa transição e mesmo estimulando-a, sobretudo no que incide sobre a industrialização, mas sem abrir mão do controle do campo, permanecendo suas propriedades mergulhadas em universo quase medieval, esse grupo realiza o que se denomina uma modernização conservadora. No Brasil, os grandes proprietários agrários do período mesmo de formação da Colônia continuaram poderosos durante o Império e a República. Eles fizeram com que o processo descrito por Moore tivesse algum paralelo com o modo de produção agrícola brasileiro. Pode-se dizer que o procedimento dessa elite rural ancorou-se na recusa em aceitar as mudanças fundamentais na propriedade da terra. Ela manteve o controle sobre a força de trabalho rural, a qual é incapaz de se libertar das relações de subordinação pessoal e de extração do "excedente" econômico de modo direto. Esse tipo de relação, assim como no caso dos *Junkers*, é que predomina no processo de modernização brasileiro, que por isso tem um caráter conservador.

O tipo de modernização do trabalho agrícola em países como a Inglaterra, onde ocorre à transição para uma mercantilização do trabalho da terra, ou França e México, onde se tem uma revolução camponesa que impede o predomínio de latifúndios por meio de uma rede de distribuição da terra, difere da modernização conservadora predominante no Brasil. Nesse caso, uma elite contrária ao processo de democratização é forçada pelos interesses agrários a agenda voltada para a modernização. Essa agenda por um lado permitiu a abertura à industrialização e em consequência a uma demanda imigratória limitada. Por meio do controle político sobre os trabalhadores e dos limites impostos à fronteira agrícola garantia-se o baixo custo e mais-valia do trabalho. Fizeram parte desse jogo os sindicatos que agiam baseados numa premissa corporativista estatal de influência e inspiração fascista. Assim, o fundamento central do que foi na Inglaterra a modernização, a liberdade, acabou suprimido no nosso caso, o que gerou o que se denomina modernização conservadora.¹⁷⁴

O processo de modernização no país teve sempre em maior ou menor escala que lidar com forças antagônicas. Entretanto, a modernização conservadora acabaria por ser também o

¹⁷³ MOORE Jr., B. *As origens sociais da ditadura e da democracia*. São Paulo: Martins

¹⁷⁴ IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.65.

veneno que minaria a força do grupo conservador e das ideologias ligadas a ele, na medida em que trouxe, por bem ou por mal, o elemento da modernidade e da modernização. Como a ideologia intrínseca à modernidade é a liberdade, promoveu-se cada vez mais no quadro político nacional tanto o surgimento de indivíduos com posturas e crenças democráticas, libertárias e humanistas, como a resistência de grupos de esquerda que, imbuídos de ideários contrários ao conservadorismo, dificultaram o desenvolver da ação conservadora. No caso do romance em questão, pode-se pensar no próprio protagonista, que se situa no intervalo desses dois mundos, de um lado, amigo de Getúlio, de outro, autodenominado liberal. Mas ainda que esse Rodrigo Cambará não seja um legítimo conservador como o pai Licurgo, ou um liberal como Floriano, sua condição demarca a hibridez do processo político vivido por sua geração no curso do surgimento da modernização.

De acordo com Diegues Júnior,¹⁷⁵ as condições que levam ao aparecimento da indústria distinguem-se por marcas e traços peculiares a cada zona. Contudo, tanto a urbanização como a industrialização são partes de um mesmo processo e possuem uma interdependência. “Pode-se verificar que, não raro, urbanização e industrialização andaram de mãos dadas no processo de surgimento da cidade nas áreas de imigração.”¹⁷⁶

Esse processo se acentua no caso do Rio Grande do Sul, em que de fato urbanização e industrialização ocorrem em paralelo. A figura do imigrante é um contribuinte importante nesse processo, como lembra Diegues Júnior: “No caso da arquitetura urbana se fizeram sentir influências decorrentes de contactos mais íntimos e numerosos com centros alemães, em consequência do aumento das populações e aquisição de importância econômica.”¹⁷⁷ Vejamos como o fato é descrito no romance:

O clã dos Teixeiras, que com a morte recente de seu chefe, se havia transformado num matriarcado, habitava um casarão acaçapado e feio como um quartel, com frente para a praça Ipiranga. Nele reinava a viúva, Dona Josefa, cercada de filhos, noras, genros, e netos. Em princípio daquele ano, José Kern inaugurará sua residência ao lado da mansão dos Teixeiras, com uma festa que teve quase um caráter de *kerb* e pra qual convidou seus amigos de Santa Fé de Nova Pomerânia. Cantou-se, dançou-se, comeu-se e bebeu-se com entusiasmo ruidoso, desde as sete da noite até o amanhecer. No dia

¹⁷⁵ DIEGUES Junior, Manuel, op. cit., p.127

¹⁷⁶ Ibid., p.128

¹⁷⁷ Ibid., p.129

seguinte D. Josefa disse a uma amiga: “Não pude dormir a noite inteira. Houve uma bacanal na casa nova, ao lado da minha. Por sinal parece uma igreja, com aquelas torres... E que é que a Senhora me diz daqueles anõezinhos de barro pintado no jardim? Pois é, acho que temos que mudar. A nossa zona está sendo invadida pela alemoada”.¹⁷⁸

Quanto às oligarquias rurais representadas por uma elite tradicional caracterizada por um caudilhismo personalista, pelo irracionalismo emocional do homem cordial, que levanta com orgulho o passado agrarista e iberista, tal como mostra Sérgio Buarque de Holanda,¹⁷⁹ estavam fadadas ao fracasso. E nesse ponto, novamente, encontram-se paralelos entre esse autor e Erico Verissimo.

Holanda propõe que há uma ética do trabalho e uma ética da aventura, o que significa dizer que o indivíduo do *tipo trabalhador* só atribuirá valor moral positivo à ação quando esta estiver vinculada ao parâmetro *trabalho*, e assim, irá repudiar as ações vinculadas ao parâmetro *aventura*. A ética da *aventura* se opõe à do trabalho, uma vez que o *trabalho*, em sua capacidade de estruturar, de organizar, de definir horários e medir o tempo para a realização do produto, limita e aprisiona o indivíduo, impedindo que este se sinta livre para praticar o descompromisso com horários, o ócio, o desejo repentino e romântico, que, enfim, compõem o tipo do aventureiro. Tanto o capitão Rodrigo, de *O Continente*, como seu neto em *O Arquipélago* lidarão com a tensão presente nessa antítese. O capitão Rodrigo, quando já assentado, casado, em uma situação típica de quem tem que praticar a ética do trabalho, sofrerá um sentimento de desconforto provocado pelo aventureiro que há dentro dele. Ao lidar com o cotidiano típico de um comerciante, vê-se impedido de concretizar sua sina aventureira.

Seu neto, por sua vez, não será um bom praticante da ética do trabalho. Como dono de farmácia e proprietário rural, será desleixado, sempre deixando o trabalho e suas exigências na mão do pai Licurgo ou do irmão Toríbio, vivendo, assim, em uma linha tênue entre a ética do trabalho e a do aventureiro.

Esse fato não será restrito somente aos protagonistas do romance. Coadjuvantes como D.Pepe, ou mesmo Tio Bicho e Stein, terão que lidar em algum grau com a tensão oriunda

¹⁷⁸ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipélago III*, p.491.

¹⁷⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.38.

desse conflito. No caso de Stein, o drama está em decidir entre ajudar a mãe no ferro-velho deixado pelo pai ou se entregar à vida aventureira contida na proposta da militância.¹⁸⁰

A tensão presente na dicotomia do aventureiro e do trabalhador será, em certa medida, ponto de partida para uma reflexão que abrange não apenas o nível do indivíduo, do particular, mas também o nível das relações sociais e históricas. Desenvolve-se o tema do imigrante como um homem que se vincula à ética do trabalho, em contraposição à adesão ao ócio por parte dos personagens ligados à tradição brasileira, que pertencem à elite rural:

Que Santa Fé se transformava, era coisa que se podia observar a olho nu. Começava a ter sua pequena indústria, graças, em grande parte, aos descendentes de imigrantes alemães e italianos como os Spielvogel, os Schultz, os Lunardi, os Kern e os Cervi, os quais, à medida que prosperavam economicamente, iam também construindo suas casas de **moradia na cidade e estavam já entrando nas zonas** até então ocupadas apenas pelas famílias mais antigas e abastadas.¹⁸¹

Em *O Arquipélago*, o debate político irá incluir em certa medida a reflexão sobre a influência do comportamento dos agentes sociais na economia. E nisso, tem-se em Verissimo um paralelo com Sérgio Buarque de Holanda e suas *Raízes do Brasil* ou, pelo menos, a visão sociológica de Holanda encontra ressonância na obra de Verissimo.

Holanda comenta: “É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português”.¹⁸² No romance, percebe-se o paralelo com as idéias de Holanda na exposição das diferenças entre nativo e imigrante quanto ao modo de lidar com a ética do trabalho: “Os Spielvogel enriqueciam no negócio de madeira. Com sua casa de comércio, os Schultz era o maior concorrente da Casa Sol, cujo proprietário, o Veiguinha, **envolvia a sua indolência** no manto prestigioso da tradição.”¹⁸³

Percebe-se nesse fragmento, retirado do volume *O Arquipélago*, a presença do imigrante, que já se insinua como uma pequena semente em *O Continente*, porém, aparece

¹⁸⁰ Ibid., p.44

¹⁸¹ VERISSIMO, Erico. *O arquipélago* vol. II. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1982, p.491. (negrito meu)

¹⁸² HOLANDA, op. cit., p. 38

¹⁸³ VERISSIMO, Erico, op. cit., p.491 (negrito meu)

agora modificada, robusta; cresceu e se tornou uma grande árvore, que incomoda seus antigos vizinhos.

A festa da “alemoada” poderia contradizer a fala de Holanda, mas, ao contrário, confirma o fato exposto por esse autor. Ao longo das partes *O Retrato* e *O Arquipélago*, o leitor será convidado a participar de vários saraus ocorridos no Sobrado e patrocinados por Rodrigo Cambará. Apesar de o fato apontar para o caráter personalista da personagem, aponta também para um fato social. As festas e saraus são parte cultural da tradicional família rural brasileira. A única condição para a sua realização era o poder econômico. Os saraus eram um sinal de *status* financeiro. No trecho acima há uma festa de imigrantes contrapondo-se a esse quadro. O que se comemora não é a cultura do ócio ibérico, baseado nos privilégios da tradição, mas a conquista da força da religião do trabalho, como propõe Holanda.

Os desdobramentos do processo migratório não são ignorados no romance. A questão do trabalho na vida do imigrante, por exemplo, é um dos aspectos que se fazem presentes. A família de Stein sobrevive por meio de um pequeno comércio de ferro-velho, os alemães têm no comércio de lojas e adegas um recurso para o sustento financeiro, sem contar a parte relativa que insistiu em manter-se na agricultura. Ainda de acordo com Diegues Júnior: “Devem-se aos artífices entrados como imigrantes o começo dessa formação industrial.”¹⁸⁴ A cultura do imigrante seria uma das razões do seu êxito econômico: “A princípio, realizados individualmente os trabalhos de consertos ou reparos, foram depois se constituindo em oficinas. O trabalho familiar fazia dos filhos aprendizes, dentro do sentido de profissão hereditária trazido pela cultura imigrada.”¹⁸⁵

Como se pôde perceber, na parte *O Arquipélago*, Verissimo expõe e percebe a importância do tema da imigração no âmbito da reflexão sobre a sociabilidade nacional. Isso se constata por meio da voz de Floriano, alter ego do autor:

Na minha opinião – diz Floriano – o fenômeno sociológico mais importante da História do Rio Grande, nestes últimos cinquenta anos, é o declínio da aristocracia rural de origem lusa e o surgimento duma nova elite com raízes nas zonas de produção agrícola e industrial onde predominam elementos de ascendência alemã e italiana. Neste meio século processou-se a marcha do colono da picada para a cidade, da pequena plantação para o comércio. Antigamente o produtor menor e assalariado não podia nem sequer sonhar

¹⁸⁴ DIEGUES Junior, Manuel, op. cit., p.210

¹⁸⁵ Ibid., p.211

com uma carreira política. Agora a situação está mudando. O estancieiro perde seu poder econômico e político, e os nossos deputados, senadores e governadores já não são mais, digamos assim, eleitos pela força do boi. Hoje os candidatos chamam-se também Spielvogel, Greenberg, Lunardt, Schmit, Kunz e Kalil.¹⁸⁶

Esse trecho sintetiza os principais temas que cercam o imigrante na obra de Verissimo: a oposição entre a oligarquia rural e a presença significativa do imigrante na nova elite urbana, a participação desse imigrante no processo de modernização, principalmente na industrialização, o efeito da modernização conservadora para os próprios agentes dela, os velhos senhores do boi e do charque, a importância do tema sociológico que é a imigração nesse momento da história e sua relação com a identidade nacional. Essa fala posta na boca de Floriano induz o leitor certamente a uma simpatia com a causa dos imigrantes, uma vez que Floriano é um dos protagonistas. Contudo, Verissimo não trata o tema monoliticamente. O leitor verá um Tio Bicho, personagem que também goza da simpatia do leitor, dizer, ainda que titubeante: “(...) Concordo que Terêncio é um tanto reacionário nas suas idéias, mas devo confessar que eu tenho cá minhas reservas com relação ao elemento alemão e italiano. Sempre tive.”¹⁸⁷

Verissimo está preocupado com a História, registra a não-adesão dos imigrantes alemães à guerra de 23. Do mesmo modo, por meio da fala de Tio Bicho, aponta para a questão do nazi-facismo, como também para a modernização conservadora que se refaz nesse processo. Mas sem deixar de contrapor essas idéias ao significado positivo da presença do imigrante, quando Floriano toma de novo a palavra: “A mim me parece tão absurdo querer italianizar ou germanizar o Rio Grande como pretender ignorar a grande contribuição que o imigrante alemão e italiano trouxeram para nossa vida.”¹⁸⁸

A fala de Floriano parece ser esclarecedora de dois aspectos. Um é a influência e a participação do imigrante no nível econômico e outro, a influência no nível cultural. O primeiro se evidencia no que diz Floriano sobre a relevância do imigrante na construção do Rio Grande do Sul e, se tomarmos o processo metonímico que viemos acompanhando até aqui, do Brasil, pelo menos do Brasil moderno. Mas ao mesmo tempo em que concordamos

¹⁸⁶ VERISSIMO, Erico, op.cit., p.851-2.

¹⁸⁷ Ibid., p.851-2

¹⁸⁸ Ibid., p.853

com Floriano no que toca à importância do imigrante nesse nível, nos indagamos sobre o outro nível de sua influência. Até que ponto se pode afirmar que esta se dá também no construto cultural? E de que maneira ambas as influências interferem na questão da formação nacional e da sociabilidade?

A relevância das questões acima ganha proporção na medida em que compreendemos como o tema “nacionalismo” foi incorporado no discurso da intelectualidade do pós-guerra. Como nos lembra Mônica Pimenta Velloso:

O clima do primeiro pós-guerra determina alterações fundamentais na forma de se pensar o Brasil. Modificado o quadro internacional, altera-se conseqüentemente a configuração da parte Brasil. A crise de valores que sacode o cenário europeu tem seus reflexos imediatos aqui. Recorrendo às metáforas organicistas, nossos intelectuais exprimem a idéia da velha e da nova civilização: o Brasil é o organismo sadio e jovem, enquanto a Europa é a nação decadente que deve fatalmente ceder lugar à América triunfante.¹⁸⁹

Como sugere Velloso, a necessidade de se forjar uma identidade nacional está na ordem do dia na pauta da intelectualidade na primeira metade do século. A mesma autora prossegue: “Em 1915, na conferência ‘A unidade da pátria’ Afonso Arinos prega a necessidade de uma campanha destinada a criar a nação”. E ainda: “Tomando esse sentimento de orgulho e resignação, os intelectuais brasileiros se auto-elegem executores de uma missão: encontrar a identidade nacional, rompendo com o passado de dependência cultural.”¹⁹⁰

Para essa autora, na construção do ideário de nacionalidade, política e literatura caminham juntas. A arte ganha incumbência de apreender, compreender e explicar o nacional. Se a arte é a ferramenta para explicar a brasilidade, São Paulo se impõe como o estado que representa o centro pensante onde se constrói essa brasilidade:

(...) Mais do que qualquer outra região, o estado paulista vive diretamente os impactos da migração européia, com a expansão do café dando surgimento ao proletariado e subproletariado urbano. Em meio a este clima de intensa

¹⁸⁹ VELLOSO, Mônica Pimenta, “A Brasilidade Verde e Amarela: Nacionalismo e regionalismo paulistano”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.89-112. Mônica Pimenta é pesquisadora do CPDOC/FGV. p.1

¹⁹⁰ Ibid., p.1

agitação social, política e intelectual nasce o movimento modernista, procurando expressar, simbolicamente, o fluxo da vida moderna.¹⁹¹

É claro que esse fato não passa ileso a resistências críticas de intelectuais de outras localidades, como o Rio de Janeiro.

A questão que unia os modernistas era o nacionalismo, o que os distinguia e dividia era o modo de concretizar tal projeto. O entendimento do nacional como fator que elimina as partes (regionalismo) em favor do conjunto passa a ser uma das idéias centrais do modernismo. No entanto, não há consenso. O obstáculo à sua aceitação residia na predominância de forte tradição regionalista de cunho ainda local e geográfico. Com a finalidade de encontrar um caminho que preserve tanto a noção regionalista e como o conceito de nacional, “(...) Mário de Andrade, um dos intelectuais mais representativos do movimento, defende com precisão essa idéia através da teoria da ‘desgeografização’ – processo através do qual se descobre, além das diferenças regionais, uma *unidade* subjacente relativa à sua identidade”.¹⁹²

Apesar da tentativa de Mário de propor uma síntese entre o nacional e o regional, não houve consenso no seio do grupo modernista:

Entre 1925 e 1926, os verde-amarelos rompem com os grupos Terra Roxa e Pau Brasil. Desencadeia-se a partir de então uma verdadeira polêmica que tem como pano de fundo a questão da relação regionalismo-nacionalismo. Para os verde-amarelos, as demais correntes modernistas cometem um erro fundamental: encaram o regionalismo como motivo de vergonha e de atraso. Isto acontece, segundo seu ponto de vista, porque esses intelectuais teimam em ver o Brasil "com olhos parisienses", o que leva, em decorrência, a que qualquer manifestação de brasilidade seja reduzida a regionalismo.¹⁹³

Para estes intelectuais do movimento Verde e Amarelo a construção de um projeto de cultura nacional tem que obedecer ao retorno idílico às tradições do país, por meio do qual se rememora o período colonial como o momento áureo de nossa civilização, pela integração

¹⁹¹ Ibid., p.4-

¹⁹² Ibid., p. 9

¹⁹³ Ibid., p.9

pacífica entre o elemento colonizado e o colonizador. A identidade brasileira é vista como isenta de conflitos, nela reina a integração e a harmonia. O tupi é eleito o eixo construtor da brasilidade por simbolizar a passividade.¹⁹⁴

O debate em torno da construção da identidade nacional, quer pelos grupos sectários, como os integralistas e o verde-e-amarelo, quer pelos moderados como Mário de Andrade e Oswald, irá esbarrar em contradições e ambivalências difíceis de equacionar. Essas contradições passam por um novo elemento, que é parte do Brasil moderno, o imigrante. A questão é a mesma que viemos pensando neste trabalho até aqui: Como o imigrante se insere na construção do que é o nacional? Segundo Velloso, o que se observa dentro do grupo modernista, mesmo dentro da ala dos verde-amarelos, é uma reificação da imagem do imigrante, a partir de uma compreensão integradora do seu papel. O imigrante é aquele que pode contribuir para uma nacionalidade na medida em que abandona seus laços culturais e se mistura com a cultura nacional predominante.¹⁹⁵

Toda essa reflexão sobre brasilidade, ainda que ganhe outros contornos, permanece nas chamadas gerações de 30, como nos explica Bordini:

Essa tendência secular de representar o que se passa no país, na literatura, para conferir-lhe uma feição própria, se radicaliza na geração de 30, que lhe atribui uma função não apenas identificadora, mas formativa: o romance deve expressar o modo de ser das sociedades mais ou menos reacionárias do Brasil, para, denunciando-as, conscientizar o povo a reagir contra elas. Ao nacionalismo tradicional, reúne-se, em 30 (na verdade desde 22), um projeto de modernização que lê o Brasil conforme a malha ideológica de cada grupo. Todos continuam buscando uma identidade, que varia segundo o ideário adotado e as formas de luta nele implicadas.¹⁹⁶

Neste ponto de nossa análise, é pertinente entendermos como se situa nesse quadro como se pode entender esse nacionalismo presente na obra de Veríssimo? Haveria em sua representação do fenômeno da imigração algum paralelo com os pontos teóricos referidos acima no debate sobre a brasilidade, o nacional e o regionalismo? O imigrante é visto como

¹⁹⁴ Ibid., p.10

¹⁹⁵ Ibid., p.19

¹⁹⁶ Bordini, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995, p.56-7.

um ente que deve ser incorporado ao ideário da nacionalidade, abrindo mão de suas características de origem? Novamente Bordini lança luz sobre essas questões:

Poder-se-ia conjecturar que visava manter uma relação fácil com o público, já educado pela tradição para esperar o realismo e nele procurar utopias. Ao contrário, tudo indica que seu romance não estava alistado nas hostes dos combatentes pela identidade nacional, nem se afastava das vanguardas por razões comerciais. **Erico possuía um conhecimento suficiente das técnicas das vanguardas, assim como tinha uma visão internacionalista da missão da literatura.**¹⁹⁷

A visão internacionalista da qual fala Bordini não significa que Verissimo não estivesse preocupado com a importância do nacional, ou que ele não situasse num contexto histórico o papel do imigrante na construção social do país. O que a autora ressalta é que ele não se enquadrava na linha xenófoba e radical de alguns autores modernos. Não estar “alistado nas hostes dos combatentes pela identidade nacional”, no contexto da exposição de Bordini, equivale a dizer que não há radicalismos em Verissimo, o que de fato é verificável em sua obra. Contudo, não se entenda com isso que não há uma preocupação com o tema identidade em seus romances.

Erico pensa a imigração como um aspecto da história nacional sem perder de vista que esse fenômeno está diretamente ligado à história global. O Brasil que surge em sua obra não é um Brasil cristalizado, fixo, modelar ou mitológico, mas um país em processo, sempre um “vir a ser”. E, nesse sentido, o imigrante é parte construtiva e modificadora do fenômeno brasilidade. A importância que Verissimo dá à História em sua narrativa ultrapassa a pretensão de descrever um ideário nacionalista.

A notícia da libertação dos escravos, festejada por Licurgo e seu povo no terraço do Sobrado, não é um evento nacional que tem sua configuração no jogo da política global? E também não o é a imigração? E ambos os fatos não são faces de uma mesma moeda no que diz respeito à construção nacional? De acordo com Diegues: “Esta relação tão íntima entre imigração e escravidão, relação essa, que vai marcar os períodos em que se desenvolve a entrada do imigrante no Brasil.”¹⁹⁸

¹⁹⁷ Ibid., p.57 (negrito meu)

¹⁹⁸ DIEGUES Júnior, Manuel, op. cit., p.24

Ianni,¹⁹⁹ ao descrever o cenário de autores que se preocuparam com a temática da nacionalidade, integra Erico Verissimo ao grupo.

Segundo Leenhardt,²⁰⁰ podem-se perceber no volume *O Retrato* paralelos com *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. E isso parece fazer sentido na medida em que se avança na leitura de *O tempo e o vento*. No decorrer da saga da família Terra, da evolução social do vilarejo de Santa Fé, nota-se no nível da ficção aquilo que Holanda propõe no campo teórico. Pensemos em alguns pontos de contato: “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.”²⁰¹

No caso do Rio Grande do Sul, o imigrante se estrutura socialmente e ao mesmo tempo preserva qualitativamente a cultura européia trazida. O apego à educação, que se traduz no valor da cultura escrita, e principalmente a ética do trabalho parecem ser em seu conjunto pontos ressaltados na obra como responsáveis pela ascensão econômica desse imigrante. Essa afirmação pode ser mais bem compreendida, quando pesamos sobre os conflitos entre imigrante e velha oligarquia rural. Em o *Arquipélago*, durante um passeio ao lado de Florianópolis, Tio Bicho observa a vigorosa ascensão econômica dos imigrantes, que contrasta com as falências dos antigos senhores do charque, que, acostumados e presos à indolência da tradição, mergulharam numa derrocada econômica.

Finalizando nossa comparação, a idéia de que “nem um vizinho soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade”²⁰² ganha força nas partes *O Retrato* e *O Arquipélago*, nos quais temos a imperiosa figura de Doutor Rodrigo, metonímia do governo Vargas. Sua atuação em Santa Fé, se não é paternalista, aparenta-se à de outros tantos coronéis do romance, que lidam com o povo de acordo com o figurino da cultura personalista.

Como já dito, refletir sobre o imigrante é pensar nas condições sociais e históricas que ensejaram a imigração. No caso do Brasil,²⁰³ cerca de 3,8 milhões de estrangeiros entraram no país entre 1887 e 1930. O que buscavam, o que os impelia? Tal demanda imigratória se explica, entre outros motivos, pelo grande apelo que possuía para essas comunidades a

¹⁹⁹ IANNI, Octávio. “Tipos e mitos do pensamento brasileiro”. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 7, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

²⁰⁰ LENHARDT, Jacques. “O Retrato de Rodrigo Cambará” in *Érico Veríssimo: O Romance da História*, op. cit., p.130

²⁰¹ HOLANDA, op. cit., p.31.

²⁰² Ibid., p.32

²⁰³ FAUSTO, op. cit., p.75-6

promessa de trabalho nas lavouras de café. Foram as regiões Sul e Sudeste que receberam maciça leva de imigrantes.

Os italianos, ao lado de alemães, espanhóis e portugueses, formaram grupos majoritários, seguidos de grupos minoritários, como sírio-libaneses, japoneses e judeus. Mesmo sendo minorias étnicas, esses grupos tiveram, qualitativamente, relevância na construção política e social do país.

O debate sobre a modernização conservadora e sua relação com a formação brasileira perpassa os diálogos dos visitantes do Sobrado:

A raça portuguesa – replica Terêncio – é das mais belas da Europa. Se degradou no Brasil por causa da mistura com o índio e o negro. E que me diz do progresso de São Paulo? – Não se deve em grande parte ao imigrante italiano e seus descendentes? -- Terêncio volta para o Irmão Toríbio seu olhar de Templário. – Senhor se esquece, irmão, a contribuição básica do elemento tradicional, do paulista de quatrocentos anos, sem cujo apoio o imigrante pouco ou nada poderia ter feito. A indústria paulista não se teria agüentado sem o amparo duma agricultura forte. E depois não devemos nos entregar a essa febre de industrialização provocada pelos comunistas, que tudo fazem para criar no Brasil um proletariado urbano que lhe será fácil manejar politicamente de acordo com os interesses da Rússia Soviética. -- Estranho seu entusiasmo pela agricultura... – observa Tio Bicho com malícia. – Outra noite o Senhor defendia a pecuária e atacava a agricultura com sendo uma expressão “gringa” (...).²⁰⁴

Até os anos 20 o governo brasileiro, influenciado pela elite rural cafeeira, apostando numa política de branqueamento do quadro étnico nacional, via com bons olhos a mão-de-obra européia. No entanto, a partir dos anos 30, a presença do imigrante é uma nota dissonante na ideologia do período. O projeto de imigração passa a ser um problema para uma parte da elite, que entendia que o grupo imigratório europeu poderia ser portador do perigo vermelho e influenciar politicamente a sociedade.²⁰⁵

²⁰⁴ VERISSIMO, op. cit., p.853

²⁰⁵ LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, diplomacia e preconceito*. Trad. Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.33.

A elite nacional manteve-se até certo ponto aberta para a penetração estrangeira, em virtude da necessidade de mão-de-obra para a lavoura cafeeira. No entanto, uma parte dessa elite, embora pequena, constituída principalmente por setores ligados ao Exército, influenciados pelo positivismo, ia pouco a pouco introduzindo uma barreira à penetração estrangeira no país, em nome da preservação de uma cultura cristã-católica, com o apoio também de uma burguesia com pretensas idéias nativistas.

A motivação para idéias racistas por parte dessa parcela da elite perdura e perpassa as duas grandes guerras, ganhando fôlego durante o Governo Vargas,²⁰⁶ que controla o fluxo perturbador do povoamento imigrante, com a finalidade de evitar conflitos verticais.

De acordo com Waldman,²⁰⁷ a imigração foi um fator de desconforto para um setor da elite nacional, na medida em que mexia com a composição estrutural do país, pondo em cena a reavaliação do conceito de nação homogênea fundada na mistura das heranças ibérica, africana e indígena.

Mas até que ponto as idéias racistas²⁰⁸ vigoram na história social brasileira? Em que nível pode-se dizer que o Brasil é de fato um país racista?

Em seu artigo “Modernidade, identidade e suicídio: o ‘judeu’ Stefan Zweig e o ‘mulato’ Eduardo de Oliveira e Oliveira”, Mônica Grin explica o suicídio desses dois homens que viveram suas vidas fazendo do Brasil seu lar e seu refúgio, a partir da construção simbólica da ambivalência racial presente na modernidade brasileira: “No país da ‘mestiçagem’, da ambivalência racial da ‘mulatice’, não há lugar para os que desejam a solidez de uma identidade pura, definida e diferenciada. No país das mesclas não convém ser só negro ou só branco”²⁰⁹ A autora compõe sua análise contrapondo as experiências das duas figuras históricas. Enquanto Zweig entende a miscigenação como um fator positivo, que distancia o país da intolerância racial européia, Eduardo de Oliveira e Oliveira reconhece nessa ambigüidade racial brasileira um elemento de exclusão e alienação dos negros no Brasil. Grin, ao localizar e contextualizar ambos, os aproxima: “As razões que tornaram insuportável ao ‘mulato’ Eduardo de Oliveira e Oliveira viver em um mundo que o queria racialmente

²⁰⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.33.

²⁰⁷ WALDMAN, Berta, Op. cit., p.XVIII. (introdução)

²⁰⁸ Nos referimos principalmente às idéias racistas influenciadas pelo positivismo, defendidas por intelectuais brasileiros ligados ao catolicismo e mesmo por grupos que se integraram aos modernistas, como os integralistas.

²⁰⁹ GRIN, Mônica, “Modernidade, identidade e suicídio: o ‘judeu’ Stefan Zweig e o ‘mulato’ Eduardo de Oliveira e Oliveira”. in *Experiência cultural judaica no Brasil*, org. Mônica Grin e Nelson Vieira. Rio de Janeiro: TopBooks, 2004, p.219.

ambivalente são as mesmas que garantiriam existência confortável ao ‘judeu’ Zweig, caso elas existissem na modernidade européia, ambiente do qual nunca desejou se retirar.²¹⁰

Para essa autora, o discurso da democracia racial que tinha no mulato seu tipo idealizado, a despeito de todo ganho e vantagem em relação ao purismo racial, é o outro peso da balança da obsessão racial presente na modernidade. “Pode-se dizer, nessa perspectiva, que a modernidade inventa a taxonomia racial, tal como inventa o sujeito de sua perversão: o miscigenado, o ambivalente, o híbrido. Um não existe sem o outro, a obsessão racial é o que alimenta recorrentemente esse jogo”.²¹¹

O debate da construção dos mitos nacionais, da necessidade de delimitar um caráter nacional, ou mesmo uma nacionalidade, implicará cedo a reflexão sobre a exclusão social e o racismo. Veja-se a fala de Terêncio: “raça portuguesa – replica Terêncio – é das mais belas da Europa. Degradou-se no Brasil por causa da mistura com o índio e o negro.” O trecho citado acima nos faz perceber como no romance tal noção vincula-se à reflexão sobre o nacional.

Cabe aqui lembrar Sorj, em seu artigo “Sociabilidade brasileira e identidade judaica: as origens de uma cultura não anti-semita”. Sorj²¹² afirma que no Brasil não se pode falar de um preconceito cristalizado nos moldes europeus. Mesmo durante a Era Vargas, a tentativa de uma determinada elite de impor ao quadro nacional idéias fascistas não teria tido efeito no quadro histórico-social total da sociabilidade brasileira, ou seja, proporcionalmente, em comparação com outras nações, não houve no Brasil os efeitos nocivos e práticos de tais idéias racistas. Se de fato tais idéias vingassem, com a adesão de um grupo político numericamente razoável, certamente, acompanhando algumas elites européias, a elite brasileira teria lançado mão de circunstâncias como a ascensão social de algumas minorias imigrantes e a adesão ao comunismo. Sorj não ignora que esses pretextos foram aproveitados para reforçar políticas e sentimentos anti-semitas, mas numa escala pequena. O anti-semitismo não teria tido aqui a dimensão que Jeffrey Lesser pretende dar. Sobre o livro de Lesser, Sorj comenta: “Um exemplo paradigmático é o livro de Jeffrey Lesser (1995), que apesar de importantes méritos, possui carga normativa que o leva a enfatizar a problemática da judeufobia e anti-semitismo e que o leva a distorcer a interpretação dos achados de sua própria pesquisa.”²¹³

²¹⁰ Ibid., p.220.

²¹¹ Ibid., p.221

²¹² SORJ, Bernardo. “Sociabilidade brasileira e identidade judaica: as origens de uma cultura não anti-semita” in: *Identidades judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.15.

²¹³ Ibid., p.15

Além de repensar os conceitos presentes na obra de Lesser, Sorj introduz a tese da não-existência, no Brasil, de preconceito nos moldes enrijecidos da cultura americana. Seu fundamento é a reflexão de Roberto DaMatta sobre a sociabilidade brasileira.²¹⁴

O argumento de DaMatta é o de que o conceito de igualdade racial brasileira é fabuloso, uma vez que mascara uma estrutura de poder hierárquico, herdada de uma cultura católica e ibérica, baseada justamente na existência da desigualdade hierárquica. O mito da equivalência entre negro, índio e branco, sustentado pelo mecanismo da miscigenação que redundaria no futuro branqueamento do país, foi visto como fator positivo e integrador pelas elites nacionais, diferentes nesse ponto das elites européias e de outros países latinos.

Por esse motivo no Brasil hierárquico não haveria motivo de segregação, uma vez que todo o composto social está fortemente demarcado e a hierarquia assegura a hegemonia e superioridade branca. Tal não ocorre no universo anglo-saxão, onde a sociedade tem pretensões igualitárias e individualistas, sendo a segregação a única forma de uma elite branca manter sua hegemonia. O Brasil teria, assim, um racismo moldado na hierarquia e não no individualismo.

Sorj focaliza a oposição Brasil / mundo anglo-saxão para repensar a sociabilidade nacional. Ao contrário de DaMatta, ele não vê o mundo anglo-saxão como um todo coerente e propõe um modelo em que interagem a ideologia político-jurídica liberal brasileira e as práticas socioculturais hierárquicas.

Em uma sociedade consumista, o preconceito subordina-se à condição social e econômica do indivíduo. O *status* de branco se define muito mais pelo poder de aquisição de bens, do que pela etnia.

No Brasil, a hierarquia não anula o fato de existir uma sociedade aberta, com mobilidade social, enquanto, em outras, predomina um caráter fatalista e religioso da estratificação social.

Para os Estados nacionais, em geral, principalmente no caso europeu, o passado é fundamento e o futuro incerteza. O presente é ponto para revisão do passado que sustenta as mitologias nacionais, ou seja, o arcabouço de valores a manter, para que se preserve o sentir nacional. Essas mitologias apegam-se a um momento áureo do passado, e dele se valem para pensar a moral nacional presente.

²¹⁴DAMATTA, Roberto. *Relativizando: para uma sociologia do Dilema Brasileiro*. Fórum 1996. Rio de Janeiro: Iser, 1997.

No caso do Brasil, o mito nacionalista está orientado para o futuro. A idéia de que o brasileiro é sem memória, unida ao chavão “Brasil, o país do futuro”, revela esse fato. O mito nacional brasileiro apóia-se não no saudosismo da colônia, porque a escravidão tem de ser esquecida. O paraíso perdido dos brasileiros está no futuro, de modo que o imigrante não é visto como um elemento estranho que ameaça a integralidade moral dos filhos da pátria, pelo contrário, é visto como o elemento modernizador que, associado antropofagicamente ao projeto de futuro nacional, coopera para seu êxito.

Ao pensar no imigrante na obra de Verissimo, somos obrigados a localizar o Rio Grande do Sul, especificamente Santa Fé, como ponto de partida para a reflexão. Como perceber a pertinência das reflexões de Sorj aos problemas dessa região? O próprio Sorj²¹⁵ alerta para o aspecto particular do Rio Grande, que tem uma composição fortemente européia.

De modo geral, pode-se dizer que há pontos de contato entre a obra de Verissimo e as reflexões sociológicas e antropológicas que acompanhamos até aqui. Não encontramos apenas uma das linhas de força sugeridas por Sorj, na medida em que a reflexão sobre a identidade nacional em *O tempo e o vento* encontra similaridades, em várias instâncias, com várias dessas interpretações. E isso, Verissimo soma ao debate sobre a importância do imigrante na construção social brasileira. Não se limita a apresentar o imigrante como um fator de embranquecimento usado pelas elites, nem tampouco sugere ser ele um corpo estranho em meio à miscigenação congenial ao brasileiro.

Na obra de Verissimo a idéia de DaMatta sobre a hierarquização social surge como possibilidade discursiva. O Brasil que Floriano tipifica é estratificado. Em *O Continente* e *O Retrato* essa estratificação é notória. Contudo, em *O Arquipélago*, a ascensão dos imigrantes ilustra a fala de Sorj sobre o Brasil ser uma sociedade aberta.

Há um trecho no capítulo “Noite do Ano Bom” em que Floriano, ao travar um diálogo com Mandy, a americana, sobre as diferenças de identidade do Brasil em relação aos Estados Unidos, acaba profetizando o golpe de Getúlio Vargas. Mandy replica afirmando que a idéia de um governo dar um golpe em si mesmo era absurda, mas Floriano explica: “O Brasil não é um país lógico, mas um país mágico”.²¹⁶

Verissimo, ao propor a discussão sobre o que é ser brasileiro, ou o que é o Brasil, não descamba para o otimismo que contaminou o alemão e judeu Stefan Zweig²¹⁷ e tantos outros

²¹⁵ SORJ, Bernardo, op. cit., p.10

²¹⁶ VERISSIMO, op. cit., p. 809

²¹⁷ STEFAN Zweig, *Brasil: o País do Futuro*. trad. Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 129.

teóricos que viam na miscigenação um fator positivo capaz de projetar o Brasil para o futuro. Também não aceita, de forma contundente, a visão de que o reconhecimento do preconceito é a única forma de perceber o que de fato é a estrutura nacional.

Pensando na influência do modernismo gaúcho, parece que Verissimo também não descarta uma interpretação lúdica dessa visão do ser brasileiro. Ao dizer que o Brasil é um país mágico, Floriano não se refere ao mito do Brasil como paraíso perdido, pois essa mágica é o que possibilita o golpe de Getúlio. A contraposição é feita em relação à América do Norte, onde predominaria a lógica. Se quisermos entender os norte-americanos temos que nos valer desse recurso, mas, para entender o Brasil, é preciso compreender quanto de surreal há em nossa estrutura. O mágico é fator de encantamento, na mesma medida em que nos dá um golpe. A “cordialidade” brasileira é nesse jogo mágico o elemento que nos diferencia, mas também nos enquadra em nosso próprio drama. No capítulo final da obra, “A Encruzilhada”, Floriano irá proferir: “Estamos numa encruzilhada, esse país, o mundo, eu, essa família.”²¹⁸

Vale a pena dizer que, ao definir-se em uma encruzilhada, o escritor Floriano, por meio das polaridades família/eu, nação/mundo, constrói uma rede interpretativa que liga o sentido dos termos em um único ponto, a localidade. Todos não apenas são, mas estão. A encruzilhada é a metáfora da condição existencial em que a história os coloca. Floriano vê-se ligado não por uma etnia, ou por sua condição mestiça, tampouco este é um fator que pareça vir a definir em absoluto o país. Mas a relação de interdependência existencial que projeta luz sobre o que é o mundo, o país e a família explica em certo grau quem ele, um escritor gaúcho pertencente a uma elite rural, é.

As perguntas nos levam à reflexão, contudo não temos a pretensão de encontrar respostas cabais. O que de fato parece sobrar da releitura da obra *O tempo e o vento* é a posição que tomaremos com relação ao significado do termo identidade. Ao ler o romance sobre o Rio Grande do Sul e pensar sobre o imigrante, de fato deparamos com a reflexão sobre a identidade nacional e também com o problema da identidade do grupo imigrante estudado, no caso, os judeus.

Centraremos a partir desse momento nosso estudo na figura do judeu na obra, tendo em vista o modo como ela atua em relação à forma e ao conteúdo do romance. Será pensada a identidade nacional em relação à judaica.

²¹⁸ VERISSIMO, op. cit., p.962

A personagem sobre a qual recai nosso olhar é Arão Stein. Até este momento temos pensado nos imigrantes enquanto grupo coeso e fenômeno sociológico no romance. Sem, contudo, abandonar essa perspectiva, passaremos a tratar do objeto central desta dissertação, que é o imigrante judeu. Quando falamos sobre o mascate que aparece no segundo volume da obra, refletimos sobre o tema a título de introdução e preparação para a análise da personagem de que iremos falar agora: Arão Stein.

Arão Stein aparece no capítulo “O Deputado”, em *O Arquipélago I*. Nesse último volume, temos a continuação e desfecho da história da família Terra Cambará na pessoa do doutor Rodrigo. É aqui que o escritor põe fim à análise que faz de um povo e seu mergulho na era moderna.

A família de Stein imigra para Santa Fé e vive do comércio de ferro-velho. Lá seus membros conhecem o doutor Rodrigo Cambará, que se torna amigo da família e chega a oferecer uma bolsa de estudos em Medicina para Stein, que, por orgulho, não aceita. (Dois imigrantes são o alvo do favorecimento do protagonista Rodrigo Cambará: Stein e Dante Carmerino.) Com a morte do pai, quem acaba cuidando do ferro-velho é a mãe, Sara, enquanto Stein persegue seu ideal comunista publicando panfletos na clandestinidade. Seu fervor político o leva para a guerra da Espanha, o que acarreta a morte da mãe, por desgosto. Mais tarde, ele mesmo, após se sentir injustiçado pelos próprios companheiros do partido, comete suicídio.

3.1. Stein: a pedra fora do muro

O conto de Sartre “O muro”²¹⁹ narra de maneira densa e existencial a angústia de um grupo de personagens que se encontram presos durante a Guerra Civil Espanhola. Em primeira pessoa, são desvelados com sutileza os sentimentos de medo e pavor das personagens diante do fuzilamento dos companheiros. O narrador-personagem vai aos poucos se degradando entre o pânico de ser o próximo e a necessidade de resistir diante do fato iminente da tortura. Entre as personagens do conto há dois homens que acabam por sucumbir e morrer fuzilados, tendo seu sangue espalhado pelo muro. Curiosamente um deles se chama Pedro, o outro se chama Steinbock. A imagem que se tece diante do leitor é de que o muro é a metonímia do sistema que os oprime, ou a metáfora da impossibilidade sufocante naquela situação de iminência da morte.

Tomamos de empréstimo essa imagem presente no conto de Sartre não apenas para nomear este capítulo, como também para introduzir Arão Stein, a segunda personagem judaica do romance. Não apenas a relação metonímica que se pode estabelecer entre o nome de Stein (pedra) e o título do conto, mas também o fato de Stein ter lutado na Guerra Civil Espanhola torna possível a aproximação entre os dois textos.

Há alguns aspectos a serem levados em conta na análise da figura de Stein: Qual a significação de sua opção política e de sua condição judaica (e de imigrante) num contexto de modernidade? Em que medida esses dois fatos, sua devoção ao marxismo e sua etnia judaica, explicam o teor da tragédia que o cerca, que se traduz na perda da mãe, no romper com o partido e no suicídio?

Neste capítulo pretendemos traçar as linhas gerais que possam nos permitir enxergar melhor essa personagem dentro do enredo, o que deverá contribuir para nossa análise sobre o papel do imigrante.

²¹⁹ SARTRE, Jean Paul. *O Muro: Contos*; [Trad.] H. Alcântara Silveira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Stein será dentro do enredo de *O tempo e o vento* um tijolo que não se encaixa no muro, na mesma medida que outros estrangeiros, já mencionados, como o alemão Winter e o espanhol Don Pepe. Pode-se dizer que para cada parte da trilogia temos um estrangeiro que assume essa condição. Dono de um espírito romântico, Stein será indigesto mesmo para os próprios companheiros de partido, que acabarão por rejeitá-lo.

A Guerra Civil Espanhola entrou para a História como a última guerra romântica. Durou o intervalo de três anos, entre 1936 e 1939. Os dois atores dessa guerra, republicanos governamentais e monarquistas revoltosos, incluídas as subdivisões ideológicas e respectivas correntes, como o movimento democrático e comunista internacional e as forças organizadas pelo nazi-fascismo europeu, receberam ajuda em forma de mantimento e suplemento, tanto quanto material humano em sua empreitada bélica.²²⁰

Não é simples explicar as razões que motivaram a Guerra Espanhola, que se enraíza na própria constituição dos eventos gestados à época, como as duas guerras mundiais e a disputa pelo controle nacional, movida a interesses tanto econômicos como ideológicos. No entanto, fato é que, enquanto os franquistas mantinham unidade de interesses políticos, econômicos e sociais, os republicanos achavam-se profundamente divididos por diferenças ideológicas e de estratégia revolucionária. Isso acontecia principalmente entre os grupos de esquerda, divididos em facções que iam do tímido reformismo dos socialistas até o radicalismo dos anarco-sindicalistas. As esquerdas²²¹ estavam divididas em várias correntes que frequentemente lutavam entre si. O POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), o partido socialista espanhol, dirigido por Idalécio Prieto, era reformista, seguindo a orientação da II Internacional Comunista. Os anarquistas militavam na CNT (Confederación Nacional de Trabajo). O Partido Comunista opunha-se à entrega de armas aos sindicatos, por temor de que trotskistas e anarquistas viessem a se voltar contra ele.

A derrocada das forças rebeldes foi acelerada com a organização dos nacionalistas, que, se valendo das vacilações dos republicanos, ganharam influência em diversas províncias e conseguiram colocar os adversários na posição de defensores de Madri, Valência e Barcelona.

²²⁰ ALMEIDA, Roberto de. “Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na Luta contra o Fascismo”. *Revista de Sociologia e Política*, junho, nº 12. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999, p.35.

²²¹ BERTOLLI FILHO, Cláudio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996. p. 14

O que também ocorreu na região basca, outrora conservadora, mas então ao lado da República que lhe dera autonomia.

Franco foi apoiado, desde o início de seu levante, por um forte aplauso dos governos fascistas e nazistas. No mês de julho, em 1936, os franquistas receberam poderoso auxílio desses governos, traduzido em suplemento e principalmente em material bélico, com toda sua pompa e técnica. Também foram enviados combatentes, o que redesenhou o mapa político da Espanha e a transformou em um grande campo de testes para a Segunda Guerra.

Em contrapartida, a União Soviética²²² ainda que tomando partido na guerra, cooperou com o governo republicano, com empréstimos insignificantes, além de obsoleto material de guerra. Os países representantes das democracias ocidentais²²³ optaram por não intervir no conflito, receando que ele se generalizasse. Diante disso, do ponto de vista político, foi criada a significativa Brigada Internacional para defender a jovem República contra o fascismo que tomava conta da Europa.

Intelectuais do mundo todo, como Hemingway, André Malraux, George Orwell, Spender, Auden e muitos outros²²⁴, aderem com um suspiro romântico e apaixonado em defesa da liberdade, dirigindo-se voluntariamente para a Espanha a fim de combater ao lado dos voluntários vindos de todas as partes do mundo.

É nesse clima que George Orwell escreve seu relato de guerra *Orwell en España – Homenaje a Cataluña y otros escritos sobre la Guerra Civil Española*. De igual maneira, GAY DA CUNHA, um dos brasileiros que combateram nas trincheiras espanholas, escreve o livro *José: Um brasileiro na Guerra Civil espanhola*.²²⁵

É também nessa ambientação heróica e romântica que Verissimo encontra material para construir o roteiro de pelo menos duas de suas personagens: Vasco e Stein. Romance narrado em primeira pessoa, *Saga* tem como protagonista Vasco Bruno, brasileiro que se alista na Brigada Internacional e conta suas experiências como combatente na Guerra Civil Espanhola. Vasco é primo de Clarissa, com quem se casa. Personifica o homem da terra. Depois de *Saga*, ele ressurge em *Um Lugar ao Sol* e *Música ao Longe*.

²²²BERTOLLI FILHO, Cláudio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom, op. cit., p.25

²²³Ibid., p.23

²²⁴Ibid., p.24

²²⁵CUNHA, José Gay da. *Um brasileiro na guerra espanhola*. Porto Alegre: Editora Globo, 1946.

A viagem de Vasco à Espanha lhe rende muitos amigos, e aqui o romance lembra os relatos de Gay da Cunha. Entre seus amigos estão o chileno Garcia, Axel, escandinavo, o sargento De Nicola, o experiente professor; Green, norte-americano, um libertário que lutava com coragem e acabou fuzilado por tentar fugir; Brown, o negro norte-americano, que agoniza lentamente na última batalha ao lado de Vasco; Pepino, o pícaro, palhaço sem graça que é fuzilado por estuprar uma garota catalã. E, por fim, o judeu, Marcus Silberstein, o melancólico músico com quem Vasco cruza em Tortosa.

Não é a etnia, nem a bandeira política, nem a posição como personagens que aproxima Stein e Vasco, e sim o sonho idealista e romântico que os leva a combater na guerra civil. É no capítulo “O Diário de Sílvia” que temos uma das poucas informações sobre a ação de Stein na guerra:

Stein nos apareceu em fins de abril do ano passado. Era a primeira vez que tinha visto um fantasma ruivo. Em 1937 chegou à notícia que ele tinha sido morto em combate na Guerra Civil Espanhola. A história foi desmentida, mas no ano seguinte, correu como certo que ele tinha morrido de gangrena, no campo de concentração.²²⁶

No capítulo “O Diário de Sílvia”, no qual Sílvia, amor secreto de Floriano, desnuda seu olhar na primeira pessoa sobre os moradores e freqüentadores do Sobrado, Verissimo faz algo até certo ponto semelhante ao que fez em *Clarissa*. Nesse romance ele apresenta na terceira pessoa o universo da alma feminina de uma adolescente, ao passo que, por meio do recurso do diário, em que se emprega a primeira pessoa, ele recompõe o quadro pelo prisma não da puberdade, mas da maturidade de uma mulher em seus caminhos e descaminhos.

No capítulo “O Diário de Sílvia”, o eu feminino possibilita uma visão mais afetiva das personagens, o que nem sempre é possível em outros capítulos, narrados na terceira pessoa, de *O tempo e o vento*:

Foi em algumas dessas noites de sábado do outono e do inverno que Arão Stein me contou suas andanças na Espanha, como legionário da brigada internacional. Tomou parte em vários combates, ferido gravemente por um estilhaço de granada, esteve à beira da morte num hospital de Barcelona. Depois da derrota dos republicanos fugiu com um bando de

²²⁶ VERISSIMO, Op.cit., p.888

companheiros para a França. Foi internado em um campo de concentração onde passou horrores. Andava coberto de muquiranas, mais de uma vez comeu carne podre, quase morreu de disenteria e quando o inverno chegou, para abrigar-se do vento que soprava dos Pirineus, metia-se como toupeira num buraco que cavara no chão e que podia ter sido sua sepultura. Finalmente repatriado, ficou preso no Rio, onde se juntou aos camaradas e começou a trabalhar ativamente pelo Partido. Preso pela polícia, quando pichava muros e paredes, escrevendo frases antifascistas, foi interrogado, espancado e finalmente atirado, com trinta outros presos políticos, nuns cárceres que normalmente teriam lugar, quando muito, para oito pessoas.²²⁷

O tema do sofrimento em um campo de concentração será revivido na personagem de *O Senhor Embaixador*, Augusta Schneider, que também tem que lidar com a memória e o horror desse fato. No caso dela, contudo, pesa apenas a condição de judia, ao passo que Stein é perseguido por ser judeu e comunista.

Percebe-se que aspectos da vida de Stein antes narrados na indiferença e distância da terceira pessoa, ou simplesmente não narrados, no capítulo “O Diário de Sílvia” são narrados de forma mais detalhada, o que nos aproxima da pessoa de Stein: “Sou agora uma espécie de confidente do Arão Stein.(...) Esse homem tem levado uma vida rica de aventuras e paixão. Ponho paixão no singular porque ele só tem uma: a causa do comunismo.”²²⁸

Cabe aqui uma indagação: Como o comunismo é abordado no romance? Qual é a relação possível desse comunismo com o comunismo que se firmou historicamente no Brasil na primeira metade do século XX?

O leitor de *O tempo e o vento* certamente perceberá a paixão única de Stein. Tal amor incondicional à causa do comunismo por parte de Stein lhe renderá, por vezes, um caráter abstermismo que permitirá a Fresnot comentar:

Na verdade, Erico Verissimo faz de ambos, numa certa medida, caricaturas. Apesar de a ação se desenrolar no período stalinista, em plena luta contra o fascismo, os comunistas Stein e Eduardo surgem para o leitor através de certos traços comuns muitas vezes pouco simpáticos, ou por meio de

²²⁷ Ibid., p.889.

²²⁸ Ibid., p.888

estereótipos que nos parecem por vezes exagerados. Ambos são fanáticos e para eles o comunismo, mais que religião, é sacerdócio.²²⁹

Antes de atentarmos diretamente para o termo “caricatura” usado por Fresnot, pensemos um pouco sobre o qualificativo “pouco simpáticos” usado por esse autor para se referir a Eduardo e Stein. Temos que concordar que, de fato, o comunismo que essas personagens praticam, pela sua insistência, sua práxis discursiva exacerbada no texto, faz o leitor cansar-se, a ponto de quase repetir a fala de Fresnot. Por que, então, Verissimo permite que esse modelo de comunismo quase religioso, como nos diz o próprio Tio Bicho, prevaleça no texto? Provavelmente Verissimo viu-se muitas vezes à mercê do discurso marxista, sendo instado a assumir uma atitude mais à esquerda. Apesar de Fresnot chamar de caricaturas tais personagens, não se pode imaginar que elas sejam necessariamente um modelo sem par no mundo empírico. O fato é que Verissimo parece se dispor a mostrar por meio dessas personagens aspectos da história do próprio comunismo no Brasil.

Com respeito a isso, o trabalho de Leandro Konder, *Intelectuais Brasileiros e o Comunismo*, nos traz alguma luz. É claro que não é verdade que todos que aderiram ao marxismo, nesse período, se tornaram discípulos cegos, “religiosos” e “panfletários”. Como nos mostra Konder, figuras como Astrogildo Pereira, Caio Prado Junior, Oswald de Andrade e Mário, Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Roberto Schwarz, entre outros, foram modelos de mentes arejadas e dispostas a uma reflexão aberta sobre suas convicções políticas. Contudo, essa abertura não foi o que predominou na grande massa militante do partido, que recebeu influência direta de um intelectual como Octavio Brandão, uma das mentes formadoras do primeiro momento do comunismo no Brasil.

Brandão, segundo Konder, fanático, carismático, teimoso, intermitente, devoto incondicional da causa marxista, essa figura histórica, tinha tal admiração por Lenin que chegava a dizer que o mérito de Karl Marx era ter sido a base para a introdução do maior de todos os pensadores. Interpretou mal a dialética: “Para o autor de *Agrarismo e industrialismo* (1925), a dialética se reduz à tríade tese-antítese-síntese.”²³⁰ Sua total ausência de senso de humor e sua moral inquebrável faziam de Brandão uma personagem pitoresca,²³¹ para não

²²⁹ FRESNOT, Daniel. *O Pensamento político de Érico Verissimo*. Rio de Janeiro: Edições do GRAAL, 1977, p.30.

²³⁰ KONDER, Leandro. *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988, p.23.

²³¹ Ibid., p.20

dizer grotesca, que em muitos aspectos lembra o que Fresnot chama de caricato em Stein ou Eduardo.

Konder expõe assim o retrato de Brandão:

Havia em Brandão uma autenticidade que o tornava digno de admiração. Sua abnegação chega a comover. Sua revolta contra o elitismo da nossa sociedade revela uma coragem excepcional, nas condições de isolamento em que ele viveu. Brandão era audacioso em suas formulações e íntegro em seu caráter. Era, também, obviamente insensato. Mas a insensatez evidente de tantos critérios e de tantas de suas posições nos parece reveladora de uma situação marcada pela extrema fraqueza teórica e política do marxismo no Brasil. Brandão não pode ser transformado em um bode expiatório: com seus exageros e inutilidades, ele era a expressão de um momento extremamente difícil da história do pensamento da esquerda no Brasil.²³²

A descrição que Konder faz da personalidade de Brandão pode ser posta em paralelo à figura de Stein, teimoso, autêntico e abnegado, corajoso e audacioso, íntegro e dogmático. Não podemos afirmar o quanto ou se Verissimo leu, conheceu ou presenciou das ações de Brandão. Mas se Verissimo não usou a figura propriamente dita como molde para sua criação, certamente traços de Brandão chegaram de forma indireta aos olhos observadores do escritor gaúcho. Nesse sentido, pode-se dizer que Stein e Eduardo são personagens-tipo, aqui no sentido weberiano do termo. Ambos representam o aspecto, se não preponderante, mais decisivo naquele momento histórico do comunismo brasileiro.

É verdade que personagens como Stein, Eduardo e mesmo Tio Bicho possuem traços distintivos, fortemente cômicos ou trágicos, escolhidos e marcados, no sentido empregado por Candido.²³³ E é, também, o próprio Tio Bicho, amigo de Stein, quem concorda com a crítica de Fresnot e entra em sintonia com a opinião de Sílvia sobre o fervor apaixonado de Stein: “– Eu vivo dizendo, comunismo é religião.”²³⁴ Contudo, a afirmação de Fresnot sobre a possível construção caricata dessa personagem, ainda, merece um outro comentário. Não se trata de uma caricatura tal como empregada pelos escritores que aderiram ao integralismo, que representavam o imigrante, e também o judeu, de maneira jocosa e preconceituosa. O aspecto

²³² Ibid., p.24

²³³ CANDIDO, Antonio, “A personagem no romance”, op. cit., p.63

²³⁴ VERISSIMO, op. cit., p.708

caricato ressaltado aqui se deve ao fervor comunista, que Stein tem na mesma medida que Eduardo, segundo a opinião de Fresnot. É preciso lembrar de que elemento Verissimo se vale para construir suas personagens. De acordo com Candido:

Como ficou dito, o seu romance dirige-se ao indivíduo situado na sua classe e em relação permanente ao seu meio. O sentimento de vida que despertam os seus livros é devido, sobretudo a esta concepção do romance. Seus personagens têm sempre uma posição relativa – isto é, só adquirem significação relativamente às complexas relações que os unem, numa rede de ações, reações e determinações mútuas. Érico Veríssimo é muito mais sociólogo que psicólogo, e as suas criaturas têm uma vida mais de relação do que de profundidade. Daí o caráter que eu chamaria de horizontal da sua psicologia – que é antes a de um descritivo. A maneira pela qual ele nos põe em contacto com sua gente é, de fato, a do acúmulo sucessivo de traços – traços objetivamente vistos, que fazem conhecer de fora as direções da vida interior. Ele não levanta os personagens com dois riscos nem os revela com um só golpe. Vai descrevendo, vai pintando, vai sugerindo, vai mostrando o seu comportamento – num lento trabalho de quem desconfia das soluções rápidas e prefere a descrição sugestiva ao toque intuitivo.²³⁵

Essa percepção da composição das personagens de Verissimo apresentada por Antonio Candido, se, por um lado, não invalida a opinião de que há nelas um tanto de caricatura, por outro, reinterpreta o conceito de caricatura.

Esse amor único que Sílvia destaca descortina ao leitor os universos interiores de Stein, universos que, segundo Sílvia, estão repletos, além de paixão, também de aventuras. Ainda que seja uma personagem coadjuvante, Stein está ligado a personagens como o índio Pedro Missioneiro, Capitão Rodrigo, Luzia e Toríbio por meio da figura do Vento que simboliza o aventureiro.

Por serem filhos do vento, essas personagens tem em sua trajetória um ponto em comum: um caráter aventureiro-romântico. Sua vida é de curta duração, como curta é a passagem do vento. O vento pode passar rápido, mas não sem deixar sua marca na terra e no tempo. Foi assim com o índio Pedro, com o guerreiro Rodrigo. O amante de Ana Terra possui traços que lembram o arquétipo indígena criado pelo romantismo brasileiro: heróico,

²³⁵ CANDIDO, Antonio. Romance popular, op. cit., pp. 68-9

vidente, cheio de honra e com uma missão a cumprir. O arquétipo do guerreiro, mesclado à figura do gaúcho, também heróico e aventureiro, não escapa à figuração romântica.²³⁶

Pedro Missioneiro e Capitão Rodrigo são representantes de um mundo quase mitológico, arquétipos estruturadores da cosmologia criada por Verissimo na primeira parte da trilogia. Os outros três – Luzia, Toríbio²³⁷ e Stein –, no entanto, já não têm suas vidas implicadas na gênese do romance, porque vivem segundo a ordem caótica da modernidade.

Luzia e o próprio Stein também terão que lidar com o tormento de possuir idéias próprias e ser escândalo para o grupo a que deveriam pertencer e de igual maneira encontrarão uma morte precoce.

Luzia, Toríbio e Stein possuem um traço comum que os diferencia de outras personagens, como o próprio doutor Rodrigo, Tio Bicho, Floriano. Os primeiros são personagens capazes de ações românticas, aventureiras. Não o é um Tio Bicho, que protagoniza várias cenas ao lado de Stein, participando de intensos debates, mas não vai, além disso. E o Doutor Rodrigo, apesar de ser um homem de ação, de participar de guerras, de realizar muitas atividades, de ser uma personagem complexa, não cumpre integralmente a sina aventureira, acabando sua vida numa cama, contrariando o ditado do bisavô que rezava: “Cambará macho não morre na cama”.

Rodrigo chega a brigar com o irmão Toríbio por seu apoio a Getúlio Vargas. Na verdade, sugere ao leitor, nos primeiros momentos de sua carreira adulta, que pode vir a se tornar um herói romântico. Protagoniza em sua juventude uma cena na qual luta com um soldado para defender o direito político de um homem comum de dizer o que pensa. Verissimo, entretanto, vai ao longo da narrativa transformando sorrateiramente a alma de Doutor Rodrigo, que se apegava aos seus deveres e se torna um chefe de família, um político respeitado.

Stein, diferente das personagens citadas acima, não se dobra à vida comum. Tal dureza moral encontra correspondência no significado de seu nome: Stein – pedra. Esse significado dialoga com figuras conhecidas do imaginário judaico-cristão. Por exemplo, alude ao

²³⁶ ZILBERMAN, Regina. *Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977, pp. 47-89.

²³⁷ Toríbio travará uma luta intensa para se desvencilhar das amarras do mundo-modernidade e entregará sua alma ao sonho de ser um dos heróis míticos que tanto ouviu da boca de Fandango. Será exatamente essa busca do mitológico que lhe dará uma alma descompassada e o fará lançar-se em várias aventuras. Assim, ele chega a participar da Coluna Prestes e por fim encontra a morte, durante uma noite, em uma briga de boate.

personagem bíblico homônimo de Stein, Arão, irmão de Moisés, que encontramos na narrativa do Gênesis.

Como se sabe, Deus escolhe Moisés como libertador do povo de Israel, escravizado no Egito. A missão de Moisés consistia em ir até ao Faraó e avisá-lo de que Deus requeria a liberdade de seu povo. Moisés reclama a Deus por sua falta de condições de libertador, dizendo que não era homem de muitas palavras, ou que era um homem pesado de língua (o que mais tarde fez com que alguns exegetas caracterizassem Moisés como gago). Reconhecendo o limite de Moisés, Deus elege Arão para dirigir a palavra ao Faraó. Assim, Moisés seria o porta-voz de Deus, enquanto Arão seria a voz do profeta.²³⁸

A figura de Arão ocupa um lugar de reverência tanto no contexto bíblico, como na cultura hebraica. Arão é mencionado no salmo 133, “Quão bom e agradável é, que os irmãos vivam unidos” (...). O óleo na barba de Arão mencionado no salmo é o signo da união e da fraternidade.

Há uma lenda judaica publicada no livro de Bin Gorion,²³⁹ *As lendas do Povo Judeu*, que diz: “Atenta para a devoção a Arão!”. Nessa lenda são relatados vários fatos sobre o Arão bíblico.

O bastão florescente de Arão era um dos 12 bastões que Moisés cortara de uma única vara. Na ponta do bastão de Arão estava escrito o verdadeiro nome de Deus e assim era o único entre os 12 que florescia. E mais, o bastão carregava amendoeiras e não romãs ou nozes. Israel é comparado à amendoeira, e por isso esse bastão tornou-se o cetro de todos os reis de Israel. Quando Jerusalém caiu, ele foi escondido e algum dia o Messias o vibrará novamente.

O Arão bíblico morreria no monte Hor, isto é, em um monte que fica sobre outro monte, como uma pequena maçã que fica sobre uma outra maior. Quando os filhos de Israel caminhavam pelo deserto, uma nuvem ia à frente aplainando cada colina e elevando cada descida, amenizando as dificuldades e também permitindo que o povo visse o deserto como quem vê uma área plana, lisa. A tenda dos israelitas, onde quer que fosse montada, ficava em um lugar alto.

²³⁸ Tal fato é narrado no livro de Êxodo: “Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala fluentemente; e eis que ele sai ao teu encontro e, vendo-te, se alegrará em seu coração. Tu, pois, lhe falará e lhe porás na boca as palavras; e eu serei com tua boca e com a dele e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus.” (ÊXODO: 4: 14 15,16.)

²³⁹ GORION, Bin. *As Lendas do Povo judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980, pp.317-9.

Dessa forma, além de outros milagres realizados no deserto, Deus deixou três montes como símbolo: o Sinai como sede da divindade, o Nebor para que Moisés pudesse nele morrer e o monte Hor para que nele morresse Arão.

Conta ainda a lenda que, ao lado de Moisés e Eleazar, subiu Arão ao monte Hor e lá chegando Moisés anunciou que era a hora de morrer. Estando Arão preparado, Moisés o despiu até o tornozelo e lhe perguntou: como é a morte? E respondeu Arão: Apenas uma nuvem divina que envolve os membros nus. Então, despindo-o até o pescoço, pergunta-lhe novamente Moisés: como é a morte? E Arão replica: continuo sentindo que é apenas uma nuvem. Então, ao retirar toda a roupa do irmão, a nuvem cobrindo todo o corpo, Moisés pergunta novamente: Meu irmão, onde estás e como é a morte do justo? Onde estou não posso dizer, apenas que gostaria de ter chegado aqui antes!

Quando o povo viu Moisés e Eleazar descer do monte sem Arão pensou que ele tinha se retardado na viagem e não acreditou que já era falecido. Assim, todos se recusaram a subir ao monte para lhe prestar homenagens. Deus, vendo o fato, fez com que Arão pairasse sobre o acampamento dos israelitas, que lhe prestaram homenagem por trinta dias.

Essa série de recortes lendários sobre a figura de Arão lembra a importância do nome dessa personagem bíblica para a cultura judaica. A mesma lenda ressalta que muitos homens choraram a morte de Moisés, mas a de Arão foi pranteada por mulheres e os anjos entoaram coros em seu funeral. Depois que Arão morreu, as nuvens da glória desapareceram, os cananeus desejaram lutar com os filhos de Israel e o povo quis retornar ao Egito. Cabe, por assim dizer, uma relação entre o Arão de *O tempo e o vento* e o Arão mitológico. Arão era uma voz, um mensageiro, e participou ativamente do processo de libertação do povo, o que também se dá com o Arão de Verissimo.

Não apenas o nome de Stein, mas também o de seus pais, Sara e Abraão Stein, nos fornece dados.

Arão Stein era filho dum imigrante judeu russo, que chegara a Santa Fé em princípio do século, estabelecendo-se na Rua do Império com um ferro-velho. Era Abraão Stein um homem corpulento, ruivo e melancólico, de fala engrolada e choro fácil. Costumava contar tétricas histórias de pogroms que presenciara na Rússia e durante os quais vira parentes e amigos estripados pelas lanças e sabres dos cossacos. Sofria de reumatismo e Rodrigo se apiedava do homem, tratava dele sem cobrar vintém, fornecendo-lhe também gratuitamente todos os remédios necessários.²⁴⁰

²⁴⁰ VERISSIMO, op.cit., p.80

Essa é uma das poucas menções ao pai de Stein na trama. Para caracterizar a condição social do imigrante nesse momento histórico, Verissimo caracteriza o ambiente de tal forma que a família de Stein chega a lembrar as personagens de Michael Gold,²⁴¹ em sua obra *Judeus sem dinheiro*. E isso é suficiente para dar a perceber o conteúdo trágico que envolve essas personagens. A aura de piedade com que Verissimo cobre a personagem parece mesmo afastar qualquer alusão às fontes mitológicas. Ainda que os nomes de Sara e Abraão possam ser comuns entre judeus e mesmo entre cristãos, é possível um paralelo entre os pais de Stein e os heróis bíblicos. Os pais de Stein poderiam ter nomes russos ou qualquer outro tipo de nome judaico e de referência bíblica, mas Abraão e Sara são os nomes do patriarca e da matriarca de Israel e parecem sugerir a fundação de algo. No caso dos pais de Stein esse fato é quase uma paródia, uma vez que estamos lidando com o gênero romanesco, no qual as personagens aproximam-se de um quadro realista. A única relação possível com uma expectativa de um novo “Aeon”, criação de um novo mundo, é a condição de imigrantes que os pais de Stein têm nesse novo continente a que chegam, onde estão a salvo da perseguição sofrida no Velho Mundo. Quanto à pessoa de Stein, esta pode adquirir também um caráter dentro dessa *ordem fundamental*, mas não apenas como um imigrante, mas na prática de seus ideais comunistas.

Em razão disso, cito ainda outro aspecto do nome de Stein. Em alemão, Stein significa pedra. Pedra é também o nome grego dado a Simão, discípulo de Jesus, ou, como é conhecido, Pedro. A célebre declaração de Jesus a seu discípulo – “Simão, tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei minha igreja” (MAT. 16:18) – foi usada pela Igreja como um dos argumentos que sustentam o dogma papal. Pedro seria assim o que possui acesso às chaves do céu. O que nos interessa é novamente a possibilidade de fazermos uma analogia com Stein. Como o mito de Abraão na Bíblia Hebraica, esse trecho da Bíblia Cristã traz outro mito fundante de uma cultura. É sobre esse mito que se estrutura o catolicismo.

No caso de Stein e seus pais, essa ordem fundante, contudo, dá-se somente como possibilidade, que não se realiza e finda em tragédia. Os pais morrem de doença no corpo e na alma, e o próprio Stein termina sua trajetória no suicídio.

²⁴¹ O romance *Judeus sem Dinheiro*, escrito por Michael Gold (1897-1967), descreve bem as agruras do bairro judeu norte-americano Lower East Side naquele período (1905-1914). In GOLD, Michael. *Judeus sem Dinheiro*. São Paulo: Editorial Pluma, 1961.

3.1 O trágico e o moderno na figura de Stein

Um caminho para se refletir sobre isso é salientar o traço trágico que compõe Stein. Essa personagem, desde o primeiro momento em que entra em cena no romance, aponta para a direção do trágico:

Era a imagem viva da desgraça. Rodrigo compreendeu que Stein não podia passar sem sua dose de drama, tão essencial à sua vida espiritual quanto o alimento ao corpo. Talvez tivesse prazer em imaginar-se personagem de Dostoievski – o jovem estudante pobre que abandona seu ideal de cultura porque precisa ganhar o pão de cada dia em uma sórdida loja de objetos usados.²⁴²

O trecho acima relata o momento em que Stein vai até Rodrigo Cambará, seu amigo e padrinho, e lhe diz que não vai aceitar a bolsa de estudos de Medicina que ele oferecera. Rodrigo associa a recusa à decisão de Stein de ajudar a mãe na loja de ferro-velho. Não será a única vez que Stein será relacionado a uma personagem de Dostoievski no romance. Por ocasião de seu suicídio, Roque Bandeira fará menção ao universo do escritor russo, como veremos adiante.

A doença do pai, a descrição da mãe, a luta incansável de Stein em sua militância frustrada possuem dentro do romance um teor trágico.

A aura trágica que envolve Stein é também irônica, no sentido posto por Frye: “A interpretação fatalística da tragédia não distingue a tragédia da ironia, e é mais uma vez significativo falarmos na ironia do destino em vez de sua tragédia. A ironia não precisa de uma figura central de exceção: como regra, quanto mais descolorido o herói, tanto mais pronunciada a ironia.”²⁴³

A comparação que o narrador faz com o herói de Dostoievski revela o caráter obstinado de Stein. É a teimosia que impõe um paralelo entre Stein e Raskolnikov. É este também um elemento do herói trágico: “mais uma vez é verdade que a grande maioria dos heróis trágicos

²⁴² Ibid., p.81.

²⁴³ FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1957, p. 207.

possui hybris, um ânimo soberbo, apaixonado, cheio de obsessão ou de arrojo. Que acarreta uma queda moralmente inteligível. Tal hybris é o agente precipitador da catástrofe. (...)”²⁴⁴

A narrativa trágica refere-se ao fato de que ele não está acomodado ao contingente social que o cerca. Stein é uma personagem profundamente incomodada.

De um certo modo, outras personagens que atuam em *O Arquipélago* irão possuir uma dose de melancolia trágica, quase que existencial, e isso porque elas vivem o contexto da modernidade.²⁴⁵ A fragmentação do ser, em menor ou maior grau, poderá ser percebida em boa parte das personagens que visitam o Sobrado.

O suicídio de Stein nos obriga a repensar o que significou viver no período de Vargas, não apenas do ponto de vista da vida política, mas também no plano existencial. *O Arquipélago* expõe ao leitor um sentimento de crise iminente e, em alguns casos, esse sentimento desemboca num niilismo, como no caso de Tio Bicho, que parece justificar o desejo do suicida. Stein não é único. Tio Bicho não comete suicídio ativo, mas passivo, na medida em que, com seu modo anedótico e por vezes patético, seu fumar incessante, sua preguiça e seu deboche, vai se deteriorando, flertando com a morte. Nesse sentido pode-se dizer que é um suicida em potencial. Por não ser capaz de saltar o muro, de desafiar o Deus *kronos*, vai envelhecendo e se decompondo em uma vida melancólica, sem permitir que o leitor fique sabendo ao certo o seu fim.

O teor trágico que cerca a vida de Stein ressurgue em certa medida na voz sarcástica e ferina de Roque Bandeira. Nele a tragédia se dá pela inércia, o que torna Bandeira a personagem da antiação. Nesse sentido, Bandeira é uma composição curiosa. Por seu relacionamento com os moradores do Sobrado, como Maria Valéria, que o apelida de Tio Bicho, pela moderada amizade com Rodrigo, que por vezes beira a vassalagem, ao mesmo tempo em que há oposição crítica, por sua conduta relaxada que se contrapõe à imagem do gaúcho mítico, ele terá um recorte próximo ao bufão. E é nessa medida que lembra vagamente o cômico, o *gracioso* da comédia, nos moldes de um Fígaro, um Leporello de *Don Giovanni*, ou mesmo figuras intermediárias do século XIX, tais como Micawber e o Touchwoor do *St. Roman's Well*, de Scott. É tal condição que caracteriza Roque Bandeira como uma personagem apática, presa a uma visão de mundo niilista e por vezes determinista, sem nenhuma peripécia ou ação concreta no romance. Sua ação se resume ao conselho a Floriano e ao papel de crítico

²⁴⁴ Ibid., p.207

²⁴⁵ BERMAN, MARSHALL. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. tradução, Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

sarcástico, legitimado por Rodrigo Cambará, dos freqüentadores do Sobrado. Estes em sua maioria irão sustentar pontos de vista distintos sobre a vida social ou filosófica, no âmbito nacional e global, os quais serão submetidos à indiferente e irreverente língua de Tio Bicho.

No caso de Stein o sentir-se moderno carrega um ingrediente que o distingue dos outros. Sua paixão pelo comunismo está carregada de idealismo romântico, anticapitalista. Nisso difere de Eduardo, que também é comunista, tem seu grau de idealismo, no entanto, milita na esfera do discurso, vivendo seu marxismo à sombra do pai. Por vezes, o leitor perceberá que Eduardo parece fazer do comunismo o motivo de birra para chegar ao coração paterno. Por mais que se revolte e tente se libertar do Rodrigo getulista, estará sempre ao redor dele. Stein, por sua vez, corta o cordão umbilical, abandona a mãe, o próprio protetor Rodrigo e sofre as consequências desse ato.

Michael Löwy, em seu livro *Redenção e Utopia*, nos ajuda a compreender melhor o caráter desse espírito romântico presente em Stein. Baseando-se no estudo da afinidade seletiva, ele se ocupa de uma corrente particular do universo da *Mitteleuropa*: uma geração de intelectuais nascidos no último quarto de século que tem no centro de seus escritos a presença do romantismo alemão e o messianismo judaico. Estão incluídos nessa geração vultos como: Kafka, Lukács, Benjamin, Toller, Wolfsteins, Carl Einstein, Hasenclever, Martin Buber, Erich Fromm, Tucholsky, Tikkoun e outros. Trata-se de um time de sonhadores utópicos.

O pensamento deles é organicamente judeu-germânico, segundo Löwy. Ele detecta que a afinidade com o pensamento místico judaico acaba por eclodir numa visão anárquico-messiânica-socialista na obra daqueles autores. Para Löwy, há um espírito anticapitalista presente de forma profícua em seu pensamento.

Esse espírito anticapitalista é, entre outras coisas, um dos pontos que impedem a adesão direta ao stalinismo, exatamente porque no centro do pensamento anticapitalista está uma aversão ao Estado organizado como tal. Esses autores aspiravam à revolução que apontava para o futuro, para a era messiânica. Cada um deles, desde Buber a Benjamin e Lukács, teve sua forma de representar o que denominaram de era messiânica. O fato é que seu espírito romântico não comportava a ordem estatal, quer capitalista, quer a stalinista, da Rússia, como afirma Löwy.²⁴⁶ É em certa medida esse espírito romântico, anticapitalista, sonhador e aventureiro que encontramos em Stein. Ele é expulso do PC por não concordar com a linha stalinista imposta. Nem poderia, o espírito romântico não lhe permitiu acomodar-se à estrutura

²⁴⁶ LÖWY, Michael. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo da afinidade eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 148.

social que o cercava. Stein, ao optar pelo suicídio, enquadra-se entre os *vencidos da história*, para usar um termo cunhado por Löwy: “Ainda **Stein**. Essa criatura de Deus me preocupa. Deve estar sofrendo uma crise de consciência, algo de muito sério, que ele não revela nem a esta sua confidente. Quando Trotsky foi assassinado, ficou num desconsolo, que durou duas semanas.”²⁴⁷

Stein projeta a figura do judeu na modernidade, na mesma medida em que se interpõe a ela com sua atitude romântica. É nisso que temos o caráter irônico da tragédia. Stein é devorado pelo dragão moderno, mas acaba por ser indigesto na medida em que, agindo como um legítimo materialista dialético, rompe com o autoritarismo dentro da estrutura do próprio PC.

Torna-se, assim, símbolo para uma geração de judeus que combateram por uma causa que estava para além das negociatas stalinistas ou do Estado marxista que predominou na história. Seu marxismo é insistente e teimoso, mas nisso ele ganha coerência. Stein vê no marxismo o remédio, no que não difere de Eduardo Cambará ou de outro comunista de seu partido. Contudo, a cura que pretende está além do simples estabelecimento de um Estado comunista a qualquer custo. É o sonho, a utopia que o move. De acordo com Konder,²⁴⁸ um dos grandes erros dos pensadores marxistas foi não compreender em essência o espírito da dialética, permitindo a introdução de um viés metafísica, pragmática, mas simplista. Esse teria sido o caso tanto da doutrina de Stalin quanto de alguns aspectos do pensamento de Friedrich Engels.

Qual seria, portanto, sua tragédia? O suicídio? A expulsão do partido? A morte da mãe? O advento do nazismo e sua possível investida política no mundo, perseguindo e matando judeus ao redor do globo? O capitalismo com seu lucro sem freio? O próprio comunismo stalinista, que toma rumo diferente do que ele, Stein, almejava para o PC e para o futuro do marxismo? Sim, isso tudo, e um último elemento: o fato de não ser compreendido por quem ele esperava maior grau de compreensão, os parceiros de crença marxista, presos num mundo de extremos e extremidades.

E nesse ponto Stein não difere de nenhum homem moderno, a tragédia não é apenas sua, é a tragédia de seu próprio povo, a tragédia do intelectual da era moderna. É a tragédia dos seus amigos que freqüentavam o Sobrado. É a tragédia de doutor Rodrigo, de Tio Bicho, de Floriano e Sílvia, enfim, é a de seus correligionários judeus, Gildo e Moisés. Diante disso

²⁴⁷ VERISSIMO, op. cit., p.892

²⁴⁸ KONDER, Leandro, op. cit., p.28

podemos ir mais longe e dizer que é a tragédia do próprio autor. Afinal, Verissimo viveu no período em que se passam os fatos do romance e, como se sabe, muitas vezes foi pressionado pelos extremos dessa sociedade. Se, de um lado, era considerado pela Igreja Católica como um escritor obsceno e impróprio, além de comunista, de outro, foi pressionado pelo grupo de intelectuais de esquerda.

Stein coopera com Floriano em seu caminho para a construção do sentido e do mito da procura. E ainda que ele seja somente uma personagem coadjuvante do herói, sua obstinação, peculiar à personagem trágica, por vezes lança luz sobre Floriano: “... no seu inconsciente a cena do enforcamento de Stein como parte inevitável do seu romance que ainda ia escrever.”²⁴⁹

Um ponto que determina a tragédia é a violação da lei moral: “A outra teoria interpretativa da tragédia é a de que o ato que desencadeia o processo trágico deve ser primeiramente uma violação da lei moral.”²⁵⁰ É como consequência da violação da lei que a tragédia se instala. Mas a personagem trágica é ao mesmo tempo, e paradoxalmente, quem deve violar a lei, a ela sendo dado um destino extraordinário. O brilho desse destino não se vai completamente com o instaurar da tragédia.

Pode-se aproximar o desempenho do herói trágico a fatos relacionados com Stein. Afinal, é seu fervor idealístico, sua paixão pela causa socialista, a ponto de não suportar a frustração imposta pelo rumo tomado pela história do comunismo no mundo, que fará com que ele opte pela quebra da lei, ou seja, o suicídio.

Frye relaciona o substrato da tragédia e da ironia ao tempo. Para ele a ação trágica está encerrada na roda do tempo.²⁵¹ É só em virtude da queda adâmica que o tempo começa a se fazer sentir. O que ele entende como ação do tempo, ou a história, retoma a noção, já discutida antes neste trabalho, do tempo como devorador.

No período pré-queda do herói trágico o tempo é um não-devir, um lugar no Éden, mas, com a fatalidade da queda, a tragédia se processa, e o tempo passa a ser o grande Cronos, o devorador.

²⁴⁹ VERISSIMO, op. cit., p. 934.

²⁵⁰ FRYE, Northrop, Op. cit., p. 207

²⁵¹ Ibid., p.210.

3.2. Diante do matricídio e do martírio

Em seu retorno da Espanha, Stein tem que se defrontar com a notícia de que a mãe morreu de desgosto. Observemos a descrição: “Dona Sara, alva e gorda, fazia pergunta aflita ao ‘dotór’”. Essa única sentença descritiva revela o caráter incisivo e preocupado de Sara Stein. Certamente uma mulher sentimental e afetiva. Vejamos o quadro descritivo posto pelo narrador:

– Rodrigo gostava de conversar com o filho do casal, o Arão, que vivia com o nariz metido em livros. Era um menino inteligente e sério, que tinha a paixão do saber. Terrível perguntador, suas curiosidades o mais das vezes deixavam Rodrigo desnortado.

(...) Em um dia, num assomo de entusiasmada generosidade, disse: “Seu Stein fique tranqüilo, quem vai educar esse menino sou eu, dou-lhe tudo: cadernos, lápis, roupas, o que for preciso. Quando ele terminar o primário, vai fazer os preparatórios em Porto Alegre por minha conta”. Os olhos de Arão brilharam, os do pai encheram-se de lágrimas. **Dona Sara beijou com lábios trêmulos as mãos do doutor, e se foi a choramingar para o fundo da casa, arrastando as pernas pela elephantite.**²⁵²

O texto prossegue informando que o Doutor Rodrigo Cambará manteve sua palavra custeando as despesas de Stein até o preparatório na capital, tendo que agüentar a choradeira dos pais de Stein, que não suportavam ficar longe do único filho. Com a morte do pai, que em 1918 é vítima da gripe espanhola, Arão Stein abandona os estudos, voltando para Santa Fé, contra a vontade do padrinho, para tomar conta da mãe e do ferro-velho. Contudo, Stein abandona Sara por amor de outra mãe:

Não esquecerei nunca mais a noite em que Stein nos contou, exaltado, o que sentiu quando viu e ouviu *La Pasionária*, num dos

²⁵² VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipelago III*. p. 80. (negrito meu)

primeiros anos da Guerra Civil espanhola. Ela tinha vindo especialmente para dirigir a palavra aos legionários da Brigada Internacional. Falou do alto de uma colina (...) Nós éramos todos irmãos e *La Pasionária era nossa mãe*. Não tenho vergonha de confessar que chorei. Chorei de alegria e orgulho... De fraternidade.²⁵³

A causa comunista arrasta Stein para longe de Sara, o que redundará na doença e na morte dessa última.²⁵⁴ Fica gravado em Stein o estigma do matricídio: “Olhei para o Stein e pensei comigo mesma: **‘Três matricidas’**”.²⁵⁵

Observemos o diálogo entre dois jovens judeus que ocorre durante o enterro de Sara Stein:

Na manhã do último dia do ano de 1937, o corpo de **Sara Stein** foi enterrado no cemitério dos judeus, que fica por trás do campo-santo de Santa Fé. Umassas vinte pessoas, membros da comunidade israelita local, formavam o acompanhamento fúnebre.

Era pouco mais de dez horas, o sol brilhava num céu sem nuvens, o ar estava seco e límpido, e uma brisa fresca trazia das coxilhas em derredor um cheiro de grama e queimadas.

A comitiva esperava em silêncio, enquanto os coveiros desciam o rústico esquife ao fundo da sepultura. A quietude do cemitério era quebrada apenas pelo rechinar duma cigarra e pelas **lamentações de três senhoras idosas**, vizinhas e amigas da defunta, que soltavam **exclamações de dor em ídiche**, os corpos sacudidos de soluços, as lágrimas a escorrerem pelas faces sofredoras.

A oração fúnebre ia ser pronunciada pelo **velho franzino**, encurvado e macilento que estava à beira da cova. Tinha longas barbas grisalhas, vestia surrada sobrecasaca negra, e trazia na coroa da cabeça um barrete também preto. De braços cruzados sobre o peito, as pálpebras cerradas, parecia imerso em profunda meditação. Houve um momento em que um dos companheiros lhe tocou o braço, chamando-lhe a atenção para quatro homens, evidentemente cristãos, que haviam entrado no cemitério e agora, as

²⁵³ Ibid., p. 893. (negrito meu)

²⁵⁴ Ibid., p.772

²⁵⁵ Ibid., p.909 (negrito meu)

cabeças descobertas, faziam alto a uns dez metros da cova, como se tivessem vindo especialmente para prestar uma homenagem à morta. **O patriarca abriu os olhos**, fitou-os nos recém-chegados, sorriu com satisfação e explicou em hebraico de quem se tratava. O cavalheiro de branco era o Dr. Rodrigo Cambará, uma das figuras mais importantes não só de Santa Fé, como também da República. Os dois jovens que estavam ao seu lado deviam ser seus filhos. O homem de roupa cinzenta? Ah! Esse era o **Dr. Dante Camerino**, o médico que assistira Dona Sara com a maior dedicação até a última hora. **Todos amigos do Arão...**(...) A atenção de **Rodrigo foi despertada pela conversa de dois jovens judeus** (...) Falavam em voz baixa, mas audível. Dizia este último: - Não concordo. Ele tinha que ir. Era um dever. - O dever dele era cuidar da mãe. – Não. Um homem não pertence apenas à sua família, mas a toda humanidade. Ou então não é um homem verdadeiro. – Quem é um mau filho não pode ser bom cidadão. O Stein deixou a mãe sozinha, passando necessidades. “A velha morreu de desgosto”.(...) A causa da República espanhola – continuou – é a causa da liberdade e da dignidade humana. É a nossa causa, Moisés. Quando os aviões bombardearam Guernica eu chorei. Chorei de pena das crianças, das mulheres, e dos velhos indefesos que os bandidos nazistas mataram. Mas também chorei de raiva destes carniceiros, e de vergonha por estar aqui de braços cruzados... (...) ²⁵⁶

A narração do enterro é em terceira pessoa, o olhar do narrador acompanha o da comunidade judaica, o que faz com que Rodrigo, o protagonista, seja num primeiro momento observado como o diferente que chega e interfere na harmonia do ambiente. Quando Rodrigo é apresentado pelo patriarca, o leitor de imediato reconhece o protagonista, que até agora ainda não tinha sido reconhecido na narrativa pelo olhar do outro. Com isso, Verissimo dá destaque à diferença de culturas no jogo social presente. É somente com o devido reconhecimento da importância, afetiva, para a família de Stein, e simbólica, no plano político e social, da figura do Doutor Cambará que a estranheza se desfaz.

Logo depois, o narrador chama atenção para o fato de Rodrigo estar ouvindo o diálogo de dois jovens judeus. O leitor toma conhecimento da cultura judaica por meio de Rodrigo

²⁵⁶ Ibid., p.757-8. (negritos meus)

Cambará. Não é um narrador distante que nos informa, pois ele está próximo do olhar e dos ouvidos de um não judeu: Doutor Rodrigo Cambará, amigo de Stein.

Isso se deve à intimidade e amizade que Rodrigo e outros personagens possuem com Stein. O fato de o herói da história voltar os olhos para um grupo que para ele possui costumes tão diferentes e uma linguagem tão própria revela a intenção do escritor de colocar em relevo a cultura estrangeira. Esta, no período histórico resgatado no romance, ia ganhando notoriedade diante dos olhos dos que se consideravam “brasileiros”.

Se fizermos uma comparação desse trecho com trechos literários de natureza xenófoba e de cunho fascista,²⁵⁷ conclui-se que em Verissimo tem-se a inversão salutar no olhar para o outro. Em *O tempo e o vento* o outro existe não como uma ameaça, mas como aliado, ainda que sua complexidade cultural não seja plenamente compreendida.

Doutor Camerino, o médico que tomou conta de Sara Stein em seus últimos dias, merece um sucinto comentário, em virtude do seu paralelo com Stein na narrativa. Camerino é um imigrante italiano que, assim como Stein, tem seu curso de Medicina custeado por Rodrigo. Ao contrário de Stein, que desiste da bolsa de estudos, vai até o fim, forma-se e tem uma profunda admiração e gratidão a Rodrigo como seu padrinho. Numa rápida digressão, esse paralelo nos mostra até que ponto o autor do texto destaca um aspecto relativo à sociabilidade do brasileiro, que é o “favor”.

O favor já aparece no romance de 30 como um dos traços da vida social brasileira. Vale destacar a personagem José Amaro,²⁵⁸ do romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, que, por ser agregado, morar de favor, sente-se injustiçado, angustiado e impotente diante dos coronéis que lhe oferecem o chão para a vida ao mesmo tempo em que o oprimem e roubam. Mas como esse tema surge no romance *O tempo e o vento*? A relação que Rodrigo Cambará mantém com Stein e com Camerino ilumina a questão. O favor praticado por Rodrigo Cambará é da mesma natureza daquele representado na obra de José Lins do Rego? Aparentemente não. E sabemos disso pela relação amistosa e pelo respeito pela figura de Rodrigo Cambará por parte dos dois imigrantes, Stein e Camerino, que são favorecidos com a bolsa. Então, por que a inquietude e relutância de Stein com o “favor”, e por que ele acaba por

²⁵⁷ CARNEIRO, Maria L. Tucci, op. cit., p.113

²⁵⁸ “Nesta primeira parte, pode-se destacar a violência, principalmente implícita, e a opressão que envolve a relação entre o proprietário e o homem pobre do campo, morador de *favor*. Essa sociabilidade rústica encerra uma ambigüidade, pois o morador de *favor* não participa do processo produtivo direto e, desta forma, sua dispensabilidade redundava em total subordinação. É esta a situação do velho e doente seleiro Mestre Amaro.” In Souza Filho, Vinebaldo Aleixo, “*Fogo Morto: Violência e Opressão no Sertão Coronelista*” in <http://www.marilia.unesp.br/revistas/baleianarede/numero1/jlr4.htm> (acessado às 18h do dia 22/10/2007)

recusar a bolsa de estudos? Parece-nos que há duas possibilidades: a primeira seria buscar a motivação para a atitude no fator étnico e cultural, e a segunda seria considerar que a ideologia marxista de Stein predomina e o faz rejeitar uma prática marcante na cultura nacional, o apadrinhamento, as relações de favor.

Seria o fator étnico capaz de responder a essa questão? Ou seja, as características culturais de Stein, como um judeu filho de imigrante russo, poderiam ter pesado na hora de ele tomar essa decisão? Sorj nos diz também que a comunidade judaica no Rio Grande do Sul possui suas especificidades.²⁵⁹ O judeu que cresceu nessa comunidade não deixa de ser ao mesmo tempo brasileiro e judeu. E esse é o caso de Stein. De maneira que entender sua rejeição ao “favor” de Rodrigo por meio de fatores ligados a sua construção identitária pode ser uma possível resposta.

Essa questão nos leva ao debate sobre o que vem a ser o “elemento identitário”. Até que ponto este é capaz de mover a ação de um indivíduo, mesmo quando se trata de alguém que não assume esse elemento identitário para si? Cabe avaliar se é possível pensar que o que influenciou a decisão de Stein foram os valores judaicos recebidos na infância, os quais de alguma maneira diferem dos valores nacionais, como propõe Sorj:

Numa sociedade em que a “privacidade” não é um valor consolidado, não há espaço para desenvolvimento de uma consciência individual e diferenciada – e angustiada –, e nem a procura de raízes identitárias. Ser brasileiro é “curtir” a vida, procurar nos amigos um desafogo para os dramas existenciais e estar aberto ou ser muito tolerante a todas as formas de tradições religiosas e experiências místicas. Isto pouco se enquadra com o monoteísmo rígido(...).²⁶⁰

A diferenciação cultural entre o “ser” brasileiro e o judaico pode nos ajudar a compreender que, na rejeição da bolsa de estudos, prepondera em Stein seu lado judaico? A resposta a essas indagações parece ser negativa. De fato o favor, se pensarmos a figura de

²⁵⁹ SORJ, Bernardo, Op.cit., p. 10

²⁶⁰ SORJ, Bernardo. “Sociabilidade brasileira e identidade judaica: As origens de uma cultura não anti-semita”. p.10

<http://www.centroedelstein.org.br/pdf/sociabilidadebrasileiraeidentidadejudaica.pdf>. (acessado dia 10/09/2007 às 18h)

Rodrigo Cambará como símile da imagem de Getúlio Vargas, ganha um conteúdo político, e deve ser pensado nessa chave.

Antes, lembremos que Stein é filho de um imigrante e, como tal, traz em sua bagagem formativa a cultura do país para onde imigrou. Inserido no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que é visto como estrangeiro pelos de dentro, vê-se como brasileiro.²⁶¹ Como lembra Stuart Hall: “As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”²⁶² Assim, a questão colocada por Sorj, das diferenças entre brasileiro e judeu, não pode ser aplicada ao caso de Stein. Resta então somente a segunda hipótese: Stein recusa a bolsa por motivos ideológicos. E isso possui relação com o desenvolvimento do protagonista e com o Brasil. Na medida em que Rodrigo Cambará se aproxima da figura de Getúlio, e na medida em que o Brasil caminha na direção histórica que a figura de Getúlio projeta, o imigrante Arão Stein toma também um caminho, o mesmo de muitos outros imigrantes nesse período, o caminho da esquerda. Sua escolha implica diretamente uma decisão pessoal e moral, que o faz recusar a bolsa.

A opção pelo comunismo marcará a personagem, que, a partir do momento da recusa da ajuda que Rodrigo Cambará lhe oferece, terá que lidar com vários conflitos de ordem social e moral.

Essa é a questão debatida pelos dois judeus no enterro de Sara Stein. Lá, os dois jovens discutirão a legitimidade da ação de Stein, pondo em xeque sua condição de judeu. Ao optar pela causa marxista ele não traiu os valores judeus?

Ao refletir sobre a legitimidade da ação de Stein, os jovens judeus questionam também o sentido da própria comunidade judaica e o papel deles mesmos dentro dela, uma vez que a resposta à questão diria muito sobre o que é ser judeu.²⁶³ O debate travado por eles alude à estrutura talmúdica. O Talmud, um dos pilares da tradição judaica, permite, pelo seu caráter

²⁶¹ BART, Frederick *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p.32; 57

²⁶² HALL, Stuart. “Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais”. Org. Tomas Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kanthym Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

²⁶³ Para compreender a importância da questão relativa a ser ou não judeu, para a cultura judaica, é útil ler o artigo “Uma biblioteca, muitos donos”, de Marta F.Topel. A autora questiona o monopólio do ponto de vista religioso ortodoxo na definição de quem é ou não judeu, ponto de vista assumido pelo Estado israelense. Topel pergunta até que ponto um Estado que se define como laico tem o direito de arbitrar sobre uma questão de foro pessoal. E lembra a proposta de grupos ligados a uma visão laica, a autodefinição como um critério a ser assumido por esse Estado. in: Topel, Marta F. “Uma biblioteca, muitos donos” in *Revista 18*, Ano IV, nº 18, Dez. 2006 – Jan./ Fev. 2007, p.16-7.

dialógico, a coexistência de vários pontos de vista, como nos lembra Amâncio.²⁶⁴ O debate nas academias rabínicas era “apimentado”²⁶⁵ porque coexistiam dois pontos de vista, sem que um preponderasse dogmaticamente sobre o outro.

O judeu poderá negar ou assumir sua posição com relação a sua cultura judaica. Poderá ser religioso ou laico, mas de uma forma ou de outra não poderá fugir ao fato de ser parte desse grupo. Até que ponto o *pertencer* pode ser visto somente como um fator de identidade sem que seja ao mesmo tempo um estigma? ²⁶⁶

De um lado, um dos jovens condena Stein por abandonar a mãe. Esse ponto de vista encontra eco na tradição e na própria religião, visto que honrar pai e mãe é um dos mandamentos da Lei Mosaica, sedimentado, não apenas na Bíblia Hebraica, como uma das maiores *Mitzvot*²⁶⁷ que um judeu possa praticar. De outro, Gildo Rosenfeld, o outro jovem judeu, defende a ação de Stein como um ato de heroísmo. Propõe que a causa da humanidade é a causa judaica. Afinal, o idealismo presente no pensamento comunista, a igualdade, a luta contra o opressor, por justiça, enfim, também fazem parte, de um certo modo, do ideário da cultura judaica.

Do amor de Stein à causa pode-se inferir erroneamente que ele não possuía nenhuma afeição pelo indivíduo. Contudo, lemos o seguinte trecho:

Numa ocasião em que o Stein falava da fatalidade da socialização do mundo, declarando que achava legítimo todos os sacrifícios de hoje para garantir a felicidade da humanidade de amanhã, eu lhe sussurrei: “Posso te dizer uma coisa? Amas tanto a humanidade que não te sobra muito amor para os indivíduos.” E ele me lançou um olhar perdido... Desandou a falar da mãe por tê-la deixado só e desesperada em Santa Fé, quando fora à Espanha.²⁶⁸

²⁶⁴ AMÂNCIO, Moacir. *O Talmud*, tradução e notas. Coleção Menorah. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 19.

²⁶⁵ “(...) as academias se tornaram pimenteiras de idéias – *Pilpul* – termo usado para designar as discussões, com a mesma raiz de pimenta (...) A esse estudo chamamos *Guemarah*, significa tanto estudo como complemento. Aí estão debates dos mestres e discípulos através dos séculos e que se cruzam num vasto jogo de perguntas, respostas, suposições, parábolas e novas perguntas deixadas no ar.” Ibid., p. 20

²⁶⁶ SORJ, Bernardo. “Diáspora, Judaísmo e Teoria Social” in *Experiência Cultural judaica no Brasil, Recepção, inclusão e ambivalência*. Mônica Grin e Nelson Vieira (orgs.). Rio de Janeiro: TopBooks, 2004, p.78.

²⁶⁷ Mandamento, preceito, lei, obrigação religiosa; boa ação; ação de caridade, de acordo com o *Dicionário de Hebraico-Português* /Jaffa Rifka Berezin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p.393.

²⁶⁸ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipelago III*. 19 ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 894.

O traço do fervor político não é tão absoluto a ponto de excluir a culpa, ou a dor, não impede Stein de questionar suas convicções. Stein aparece como alguém certamente inflexível às vezes, mas humano o suficiente para titubear diante da sua própria ação.

No que diz respeito ao pensamento dessa comunidade em relação ao ato de Stein, pode-se concluir que Verissimo faz questão de deixar o debate em aberto. Como se o próprio “debater” fosse um elemento definidor desse grupo. Ou seja, como se ele assinalasse que o “ser judeu” é algo que está em formação, em processo. E não há uma única resposta.

Já vimos que a comunidade judaica descrita por Verissimo surge com duas visões sobre a pessoa de Stein, mas como será que o próprio Stein se define? O que se pode dizer sobre isso é que a identidade de Stein enquanto judeu passa pelo processo descrito por Sorj quando assinala que a modernidade separou os judeus do judaísmo: “pois enquanto na versão tradicional cada judeu procurava realizar uma imagem compartilhada, na sociedade moderna cada indivíduo realiza sua versão do que seja para ele o Judaísmo.”²⁶⁹

O debate sobre ser ou não judeu não mobiliza a consciência de Stein, para ele, o fato de ser judeu não importa, pois ele se define como um revolucionário. Mas se ser judeu significa praticar *mistvot*, e se o cerne dos preceitos é o desejo de melhorar a vida humana, certamente Stein é nesse aspecto um judeu convicto, como pensa Gildo Rosenfeld, o outro jovem judeu que afirma que a causa da humanidade é a causa judaica.

O desinteresse por se autodefinir como um judeu não exime necessariamente Stein do fato de sê-lo. Na verdade, sua ideologia marxista, seu comportamento revolucionário e militância indicam que ele, enquanto judeu, está inserido na modernidade, como nos lembra Topel: “Mas é na modernidade que observamos a multiplicação de expressões judaicas já não exclusivamente religiosas – com o surgimento de uma nova figura: o judeu laico (...).”²⁷⁰

3.3.O suicídio – Um grito diante do muro

²⁶⁹ SORJ, Bernardo. “Identidade e Identidades judaicas” in *Ato de presença: Hineni, homenagem a Rifka Berezin*. Org. Moacir Amâncio. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, p. 281.

²⁷⁰ TOPEL, Marta Francisca. “Judaísmo(s) brasileiro(s): uma incursão antropológica”, in *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 186-197, set./out./nov. 2005, p.191.

Pretendemos agora fazer uma abordagem do suicídio de Stein de dois ângulos. Primeiro, em sua relação com o tema “A modernidade e o caráter trágico”, já trabalhado acima; depois, passaremos ao exame dos pontos de contato com a imagem de Judas Iscariotes.

Em seu artigo “O suicídio: um estudo sociológico”, Durkheim considera que o suicídio, antes de ser estudado em seu processo individual, psicológico, deve ser pensado como fato social. Para ele o conflito psicológico, ou seja, o drama que constitui o universo pessoal, por si não explica o suicídio. Durkheim afirma que as tendências coletivas têm uma existência própria, específica, e são forças reais que agem sobre o indivíduo. Ao viver unidos em sociedade, os indivíduos formam um só ser; a coletividade social é, portanto, em certo aspecto, um ser psíquico. Desta maneira, a constituição psíquica da coletividade difere da psique individual. A primeira deve ser abordada pela sociologia e a segunda, pela psicologia.

O suicídio, sendo um fato social, só se explica pela ciência social. Durkheim afirma que os ideais morais, como o egoísmo, o altruísmo e uma certa anomia, se combinam em proporções variadas no construto social. O indivíduo, para viver em sociedade, deve em alguma medida renunciar a si próprio pelo bem da comunidade. Assim, quando essas três correntes morais se ajustam e se compensam mutuamente, o agente moral encontra-se num estado de equilíbrio que o preserva de qualquer idéia de suicídio, mas, se uma delas ultrapassar certo grau de intensidade em prejuízo das outras, o suicídio surge como possibilidade quase única para o indivíduo.

Durkheim considera que a modernidade exacerba a pressão sobre o indivíduo e é capaz de levá-lo ao suicídio: “A hipercivilização que dá origem à tendência egoísta tem também como resultado afinar os sistemas nervosos (...)”²⁷¹ A pressão é exercida num quadro de desequilíbrio entre as forças de coesão moral, o que nos leva a questionar, no caso do suicídio de Stein, qual das esferas morais, o egoísmo, o altruísmo ou a anomia, prevalece.

Para responder a essa questão relembremos as considerações de Frye sobre o herói trágico, que em sua força de ação encontra-se predisposto a uma alta dosagem de sacrifício. Segundo Frye, a tragédia é uma imitação do sacrifício.²⁷² Seria possível a partir de tal idéia explicar o suicídio de Stein? Um jovem judeu comunista que renega uma bolsa de estudos furta-se ao dever de cuidar da mãe e parte para a Espanha a fim de defender a causa socialista, que ele crê ser a causa da justiça. Esse jovem tem de lidar com a realidade do falecimento da

²⁷¹ DURKHEIM, Émile. “O suicídio: um estudo sociológico” in Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.201.

²⁷² FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1957, p.211.

mãe e com a expulsão do partido. Quando descobre que seu gesto sacrificial beira a inutilidade, que aqueles que defendem a mesma causa que ele, os companheiros de partido, são os primeiros a traí-lo e a terem uma postura preconceituosa em relação à origem étnica, Stein acaba por não encontrar razão para acreditar na vida que tem. Perde seus pontos de referência e, tomado pela angústia, termina por romper com os elos que o prendiam à vida. Então, será que os postulados sobre o suicídio proposto por Durkheim explicaram a reação de Stein? Talvez sim, talvez não, fato é que Stein viveu em um mundo que lhe pôs grandes fardos no ombro.

Talvez negando sua vida por meio do suicídio, não negaria somente a particularidade e a pessoalidade contida na vida de um jovem, nega o mundo que o cerca em sua estruturação social e ideológica. Como se o suicídio fosse, assim, uma forma de protesto, um meio de enviar um recado aos que ainda insistem em viver sob o jugo de tal ordem social e política.

Como nos lembra o próprio Durkheim – “o homem médio não se mata”²⁷³ – é preciso que o indivíduo tenha um elemento que o torne diferente da média. No caso de Stein, esse elemento é sua vocação para o trágico, seu anseio romântico, seu não suportar a vida cotidiana em um mundo moderno e normalizado, que torna o lucro à medida de todas as coisas.

Como diz Marx no *Manifesto*:²⁷⁴ “A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais”. Assim, em seu ímpeto, a sociedade moderna avança transformando o veículo mais sacro em profano, ou seja, fazendo do sagrado também uma mercadoria. Um espírito rebelde, como Stein, não poderia ter um fim harmônico diante de tal circunstância social brasileira, como pressupõe Konder: “O futuro precisa lutar para nascer, para assumir uma feição determinada: precisa enfrentar criticamente o presente. E os rebeldes, que sentem na consciência o sopro vivo dessa luta, têm boas razões para rejeitar as admoestações dos conservadores (...).”²⁷⁵ Em um libreto pouco conhecido, Marx também tece considerações sobre o tema do suicídio: “Tudo que se diz contra o suicídio gira em torno do mesmo ciclo de idéias. A ele são contrapostos os desígnios da providência, mas a própria existência do suicídio é um notório protesto contra esses desígnios ininteligíveis”.²⁷⁶ Marx

²⁷³ DURKHEIM, op. cit., p.186

²⁷⁴ MARX, Karl. *Manifesto comunista de 1848*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

²⁷⁵ KONDER, Leandro, op. cit., p.20.

²⁷⁶ MARX, Karl. *Sobre o Suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006, p.26.

acrescenta à leitura durkheimiana um dado relevante para a compreensão do caso de Stein, a idéia do suicídio como protesto.

Resta-nos explicar a relação com a figura de Judas. Pensemos, Stein morre enforcado numa figueira. A figueira possui algumas conotações simbólicas que merecem um rápido comentário. Ela é símbolo da sabedoria e surge nas parábolas dos profetas como símbolo de Israel (JR. 24.4). No romance, nela se dão pelo menos dois enforcamentos, o enforcamento público do negro Severino, em *O Continente II*, e o de Stein.

Como dissemos, o enforcamento de Stein numa figueira alude, de imediato, à desconcertante figura de Judas Iscariotes, o símbolo da traição para os cristãos. Fica difícil não relacionar esse episódio do romance de Erico Verissimo a obras anti-semitas, comuns na Era Vargas.²⁷⁷ Como nos lembra Tucci Carneiro:

E o chamado anti-semitismo moderno, que emerge apoiado nas teorias científicas do século XIX, reassume uma tônica teológica, à medida que tem suas raízes cristãs. Recuperam-se mitos medievais sustentados pela igreja, reforçando a idéia do judeu como o Anti-Cristo, o traidor, o explorador dos mais fracos, ganancioso (centrado na figura de Judas), e o herege por tradição.²⁷⁸

Será que o fato de o judeu figurar no livro como comunista não endossa mais ainda a visão de que o judeu é um dos criadores e fermentadores do “diabólico comunismo”?²⁷⁹

Não ignoramos o fato de que a associação da imagem de Stein à de Judas Iscariotes traz em si questões complexas que se vinculam à variável popular, estereotipada e preconceituosa, que via o judeu como traidor: “aquele que matou o Filho de Deus”. Tal visão preconceituosa é parte do pacote anti-semita religioso, propagado pela Igreja, tão presente na cultura brasileira. Mas, ainda admitindo que a morte de Stein de fato evoca todo esse conjunto de imagens

²⁷⁷ Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, após comandar a Revolução de 1930, que derrubou o governo de Washington Luís. Seus quinze anos de governo caracterizaram-se pelo nacionalismo e populismo. Sob seu governo foi promulgada a Constituição de 1934. Fechou o Congresso Nacional em 1937, instalou o Estado Novo e passou a governar com poderes ditatoriais. Seu governo assumiu contornos centralizadores e controladores. Criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para controlar e censurar manifestações de oposição. Perseguiu opositores políticos, principalmente partidários do comunismo. Enviou Olga Benário, esposa do líder comunista Luís Carlos Prestes, para o governo nazista. In: FAUSTO, *História do Brasil*, op. cit., p.360

²⁷⁸ CARNEIRO, Maria L. Tucci, op. cit., p.112

²⁷⁹ Ibid, p. 115.

preconceituosas sobre o judeu, não entendemos que estas sejam a visão prevalecente no desenho do imigrante judeu na obra.

O romance de Erico Verissimo procura trabalhar suas personagens por meio do dialogismo.²⁸⁰ Da pluralidade de vozes que fizeram parte do momento histórico. O que ele faz é apresentar as vozes que compunham o quadro histórico representado. E é claro que esse quadro não seria verossímil se nele não estivesse o discurso anti-semita. Mas Verissimo faz muito mais do que simplesmente expor o discurso: reflete sobre ele.

Não entendemos, portanto, a associação do suicídio de Stein à figura de Judas como uma nota de anti-semitismo, mas como uma referência a esse discurso anti-semita, que nos faz enxergar o preconceito popular. Em um contexto em que comumente se vê o judeu como traidor à semelhança de Judas, advoga-se a causa do heroísmo trágico de Stein, pois ele não morre de fato por ter traído, mas por ter sido traído. É sua decepção com o partido e a falta de coerência ideológica deste que o fazem negar a vida. A notícia de que a mãe havia morrido durante sua ausência, somada à sua descrença no partido, precipita o gesto de Stein.

Como já dissemos, a figura de Stein nos chega pelos olhos de seus amigos não judeus: Sílvia, Floriano, Tio Bicho e Rodrigo. Dessa forma, dificilmente o leitor tem uma imagem antipática de Stein. Pelo contrário, o carinho e a amizade desses personagens são quase sempre os pincéis que o pintam. Vejamos um trecho do diário de Sílvia: “Ainda Stein. Essa criatura de Deus me preocupa. Deve estar sofrendo uma crise de consciência, algo de muito sério, que ele não revela nem a esta sua confidente. Quando Trotsky foi assassinado, ficou num desconsolo que durou duas semanas.”²⁸¹

No trecho acima, vemos a construção de uma figura que aos olhos dos amigos não é um traidor. Ainda que o partido o tenha considerado um traidor, os amigos não compartilham desse ponto de vista. Verissimo, pela boca de Bandeira, aproxima Stein de um dos mais emblemáticos heróis da história da literatura (ou melhor, anti-herói), que é Raskolnikov.

A mesma imagem que identifica o judeu como traidor se refaz. Trata-se de uma imagem antitética, não é um traidor que vai à força, mas o não ouvido, o que tem o discurso

²⁸⁰ Dialogismo é o termo usado por Mikhail Bakhtin para definir a polissemia que cada personagem e o próprio texto do autor russo Dostoiévski apresentavam: “Ocorre que a combinação do caráter aventuresco com a aguda problematidade, o caráter dialógico, a confissão, a vida e pregação não eram, em hipótese alguma, algo absolutamente novo e inédito. Novo era apenas o emprego polifônico e a assimilação dessa combinação dos gêneros em Dostoiévski”. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3ª. Ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1997, p. 105.

²⁸¹ VERISSIMO, Erico, op. cit, p.892

censurado, emblema de uma esquerda que também, simbolicamente, foi à força como último recurso e protesto.

O ato de suicídio²⁸² tem, portanto, uma faceta política e beira o martírio. Por mais sem sentido que soe essa afirmação, por mais que a tradição considere suicídio um pecado imperdoável, esse ato é um inegável grito, que em sua eloquência só é intolerante por não suportar a intolerância.

A fala de Bandeira durante o enterro nos ajuda a compreender melhor o papel de Stein:

Pobre Raskolnikov! – exclamou Bandeira, aproximando-se do esquife. – acabou assassinando a dona da casa de penhores! Racionalmente ele justificava o crime, mas emocionalmente repudiava-o. Seu sentimento de culpa levou-o à autopunição!- **Mas acha que sua expulsão do partido não teve nada a ver com isso?** – teve, é claro, e como! **Stein cometeu matricídio para ajudar seu irmão Marx. Por fim esses irmãos ingratamente o declaram renegado, o expulsam da família,** acusando-o de traidor. Nosso Raskolnikov gritava que estava com a razão nas suas divergências com o Partido, mas na noite em que o expulsaram, um dos camaradas o chamou de traidor, de Judas, e esse cretino tomou a coisa tão ao pé da letra, que acabou parodiando Iscariotes. Claro que tinha que ser uma figueira! Tens ainda alguma dúvida quanto à força diabólica dos símbolos e dos mitos? ²⁸³

Stein será comparado por duas vezes ao personagem Raskolnikov de Dostoievski, por Rodrigo Cambará, quando Stein abre mão da bolsa de estudos, e por Roque Bandeira, por ocasião de sua morte. Meletinski diz a respeito de Raskolnikov: “como se sabe o assassinio da velhota-usurária, que foi perpetrado por Raskolnikov para ajudar a mãe e a irmã, tem motivação deslocada para um segundo plano, pois surge como motivação, a motivação em prol da idéia”. ²⁸⁴

O que Meletinski afirma sobre Raskolnikov projeta-se até certo ponto sobre Stein. Ele também, como comenta seu amigo Bandeira, para ajudar sua mãe – o socialismo – assassina simbolicamente a outra mãe: a tradição na figura da mãe, o próprio judaísmo. A virtude da moral que lhe servia de guia de conduta no período da inocência agora lhe é chicote; é o abutre que vem devorar-lhe o fígado.

Stein parodia Raskolnikov e, em sua paródia, arrasta para si o mesmo processo da ação da personagem de Dostoievski. Assim, Stein também é um personagem que age em prol da

²⁸² VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipélago* vol. III. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 933.

²⁸³ Ibid., p. 936 (negritos meus)

²⁸⁴ MELETINSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.223.

idéia. Também um Prometeu que rouba o fogo em benefício da humanidade e tem no deus Júpiter o opositor, aqui travestido na voz do Partido Socialista que o acusa de traidor e o aprisiona no rochedo do abandono. Como o próprio Prometeu, Stein não se retrata, preferindo outro caminho: o suicídio.

Esse ato, porém, tem um preço, pois ele acaba acorrentado sobre o imenso rochedo da culpa. Mas Stein não é o protagonista da obra como é Raskolnikov em *Crime e Castigo*, e sim coadjuvante. A ação de Stein pesa em contraponto à morte de Rodrigo, e também em relação à não-ação de Floriano, que, ao observar Stein, faz dele parte do Brasil que seus olhos projetam. Nesse sentido, toda a ação de Stein ilumina a parte escura de um cenário do Brasil que não aparece na estatística. Então Stein será uma memória, um grito aos ouvidos de Floriano, que precisa escrever sobre sua nação, mas não poderá, ao retomar o tema da identidade, agarrando o touro pela unha, como lembra Tio Bicho ao escritor, esquecer de Stein, imigrante, comunista, judeu.

Nesse sentido, Stein é voz profética na narrativa. A idéia de que Stein é uma voz a gritar no romance carece de maior esclarecimento. O termo profético pode ser entendido de muitas maneiras, mas o sentido que lhe atribuímos não é o de agoureiro, ou vidente, como poderia compreender o senso comum. O profeta ²⁸⁵ não era apenas aquele que tinha uma voz. Claro que ter voz era uma atribuição profética, mas o profeta era aquele capaz de se transformar em uma voz. E isso muitas vezes não é somente retórica, figura de linguagem. É claro que a analogia e o símile estão presentes na construção da ação profética, mas o material imagético do profeta é a própria vida; como é o caso do profeta Oséias que tem de se casar com uma prostituta e ser traído por ela várias vezes, para que sua história sirva também de exemplo para o povo, que veria no fato sua própria prostituição escancarada.

Em Stein temos agrupados alguns discursos que reclamam o lugar do imigrante na história brasileira. Nesse sentido, Stein não está sozinho, pois é parte do corpo de imigração representado por vários personagens no texto, desde o alemão Karl Winter, até os Kunz, Kalil, Spielvogel, Greenberg, Lunardi, Schmidt e outros. Ele também é discurso enquanto comunista, trotskista, humanista e militante. É discurso enquanto brasileiro, uma vez que viveu e cresceu nesta terra; suas relações sociais, históricas, psicológicas e econômicas se dão no contexto deste país. Por isso, assim como ele é comunista, imigrante, é também brasileiro, gaúcho e santafesense.

²⁸⁵ Maimonedes nos diz que a prática da profecia implica a prática do estudo e da correção moral. In MAIMONEDES, *Guia dos Perplexos*. São Paulo: Landy Editora, 2003, p.195.

É discurso enquanto judeu. Pois ainda que não religioso, Stein não foge ao fato de pertencer a essa cultura, por mais que isso possa estigmatizá-lo. Mesmo que ignore a importância cultural atrelada à história dos pais, ele não poderá fugir às heranças que lhe são atribuídas tanto pelos de dentro, como pelos de fora, os não judeus.

Esse agrupar de vozes possui relação com a complexidade que o construto da identidade adquire para o indivíduo numa sociedade complexa como aquela em que Stein vive. Como nos lembra Barth: “poder-se-ia dizer que cada pessoa está ‘posicionada’ em virtude de um padrão singular formado pela reunião, nessa pessoa, de partes de diversas correntes culturais, bem como em função de suas experiências particulares.”²⁸⁶

É nesse sentido que o suicídio de Stein parece ganhar força como uma voz que se propaga na narrativa. Dessa maneira, ele é uma personagem que faz coro com os muitos judeus empíricos que lançaram mão do suicídio como forma de protestar contra o horror moderno em que viviam.²⁸⁷ Claro que esse horror moderno, de maneira geral, era em justa medida um produto dos feitos nazistas. Mas a história de Stein ilustra uma peleja contra o PC e também contra o preconceito velado de que eram agentes os próprios colegas de partido. E isso, em larga escala, remete ao sofrimento que Stalin impôs a muitos que lhe eram contrários.

3.4. A expulsão do Partido: O extremismo de Stalin a Hitler

Temos ainda a discutir um último aspecto da trajetória de Stein: o motivo pelo qual ele foi expulso do partido. O que de fato levou seus companheiros a essa atitude? Seria a linha extremista da esquerda brasileira que apoiava Stalin a única responsável pelo suicídio de Stein?

Floriano segue a direção do olhar do amigo Arão Stein, que atravessa o redonde, por trás da fonte. Sai a caminhar em direção do judeu, gritando: Stein! Stein! O outro volta a cabeça, mas não pára; pelo contrário: estuga o passo, como a fugir. Floriano, porém, alcança-o e toma-lhe afetuosamente o braço. – Homem! Parece mentira. Faz mais de um mês que cheguei a Santa Fé e ainda não tinha te visto. Onde andas metido? – Ah! Stein entrega-lhe uma mão mole, e fria – Como vais?

O diálogo entre Stein e Floriano continua em tom fático, quando: - Mas o que há contigo? – Eles não me deixam em paz. Vivem me seguindo. – Eles

²⁸⁶ BARTH, Frederick. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p.137.

²⁸⁷ O conceito de suicídio como um ato heróico ou mesmo como um tipo de martírio ou protesto não encontra unanimidade. Hannah Arendt, por exemplo, opõe-se ao suicídio dos refugiados do nazismo, adjetivando-os como atos imorais. Arendt, H. *The Jew as Pariah*. Nova York: Grow Press, 1978, pp. 58-60.

quem criatura? - Querem destruir folha de serviços, querem me desmoralizar perante os outros camaradas. Recorrem a todas as infâmias. Tu sabes dos sacrifícios que eu fiz pelo Partido. Mas eles exigem a minha cabeça. Não descansarão enquanto não me liquidarem. Vem de Stein um cheiro de suor rançoso – juro de suores antigos que acabaram capitalizados. Floriano faz um sinal na direção do banco.

.....
 Stein ergue a gola do casaco e acrescenta: - Estou entre muitos fogos. Os capitalistas me odeiam porque sou marxista. Os da minha raça me desprezam porque sou um renegado. Os comunistas me perseguem porque inventaram que atraí o Partido. Me chamam de Judas Iscariotes. Dizem que vendi minha cabeça por trinta moedas de prata aos banqueiros de Wall Street. Tu sabes que não sou Judas. Então passe bem, não sou Judas, não sou.²⁸⁸

A questão da expulsão de Stein nos propõe uma reflexão sobre a esquerda brasileira desse período e a relação dessa esquerda com o imigrante judeu. Essa questão é importante não só porque analisamos uma personagem judia e comunista na obra de Verissimo, mas também pelo fato de que não foram poucos os agravos que a comunidade judaica sofreu por conta da relação direta feita pelo Governo Vargas entre os termos *judeu* e *comunismo*. Ambos historicamente possuem um rastro que envolve mitos e lendas que serviram a propósitos políticos e ideológicos por parte do poder estabelecido. Como nos lembra Carneiro:

O olhar vigilante da polícia concentrava-se em grupos de esquerda, principalmente naqueles identificados com atividades programadas pelo PCB. Havia um programa especial de ação de controle dos grupos discriminados como *idiomáticos*, instituídos “no seio dos diferentes núcleos de imigrantes”, dentre os quais estavam os judeus de fala iídiche. A polícia acreditava que o trabalho desenvolvido pelo PCB com os emigrados era dirigido aos grupos eslavos e à colônia israelita.²⁸⁹

Não se pode dizer, contudo, que a relação entre os imigrantes e as idéias marxistas era absurda ou sem fundamento, ou simples fruto de uma imaginação cheia de preconceitos. É fato que houve exagero e manipulação política por parte do governo Vargas, e que muitos imigrantes foram injustiçados, sofrendo os preconceitos que geraram perseguições

²⁸⁸ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento, O arquipélago III*. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997, pp.707-8.

²⁸⁹ CARNEIRO, Maria L. Tucci. *Bolchevismo & judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.34.

infundadas.²⁹⁰ Contudo, a recepção das idéias marxistas possui, sim, vínculo com a chegada dos imigrantes na primeira metade do século XX, como ressalta Blay: “Os imigrantes europeus tinham trazido uma experiência antiga e uma vivência partidária que já atingira patamares mais organizados, enquanto no Brasil restava tudo por conquistar.”²⁹¹ Leandro Konder, em seu livro *A Derrota da Dialética, a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*, relata que “a chegada das idéias de Marx à América do Sul, tal como a chegada delas à América do Norte, dependeu amplamente do deslocamento dos imigrantes, que vinham da Europa e atravessavam o Atlântico para *fazer a AMÉRICA*”.²⁹²

Esses relatos por si nos dão uma visão de como era estreita a relação entre alguns imigrantes e o PCB. Também nos fornece material para perceber a tensão que pairava nos círculos mais íntimos do partido, e como os membros viviam, na clandestinidade, seus conflitos ideológicos e existenciais. Mas como os imigrantes eram vistos e tratados pelos membros do próprio partido? Como eram percebidos, num período em que a xenofobia permeava a mentalidade de muitos intelectuais? Veríssimo, por meio de Stein, não deixa essa questão incólume.

O judaísmo terá que lidar com o marxismo, para além da situação nacional. Já desde a revolução de 1917 na Rússia, essa relação é de aproximação, mas nem sempre harmônica. O BUND,²⁹³ um misto de sindicato e de partido operário judaico, manteve intenso debate com a alta cúpula do socialismo russo: “A União Soviética incorporou o BUND ao PCUS e tratou de incentivar seus cidadãos judeus a participarem do projeto soviético. Tinha dentro de seu quadro inúmeros judeus, inclusive na alta cúpula do PC. Personagens de importância como Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Radek e Litvinov eram de origem judaica.”

A atitude do partido para com Stein pode ser vista apenas como uma ação política, que visa defender a opinião da maioria stalinista contra as idéias de um trotskista. Afinal, no plano superficial dos fatos parece ser esse o motivo da expulsão de Stein do Partido, como nos lembra seu amigo Tio Bicho: “E era lá por volta de 43 discordou do Comitê Central e parece que manifestou publicamente sua discordância. Exigiram dele uma autocritica, mas o nosso

²⁹⁰ Ibid., p.41

²⁹¹ BLAY, Eva. “Inquisição, Inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sociopolítica brasileira nos anos 30”. in *Revista de Sociologia da USP*, S. Paulo, (1) pp.105-130, 1º. sem. 1989. p.108.

Ver também CARNEIRO, Maria L. Tucci. *Bolchevismo & judaísmo*, op. cit., p.37

²⁹² KONDER, Leandro. *A derrota da Dialética*, op. Cit., p. 50

²⁹³ FELDMAN, Sérgio Alberto. “Os Judeus Vermelhos”. *Revista de História Regional*, nº 6: 137-146. 2001. p.138

amigo se recusou, pois acha que nunca se desviou da mais pura linha marxista-leninista. Foi tachado de trotskista e expulso do Partido.”²⁹⁴

No entanto, ao observarmos atentamente a explicação que o próprio Stein dá para os fatos, encontramos um outro motivo. Seus camaradas de partido podem ter ficado em desacordo com o judeu no plano racional, mas, quando se vêem diante da discordância de Stein, não é a um argumento racional que eles recorrem, mas a uma atitude baseada na paixão. E que paixão seria essa? Seria a paixão ideológica marxista? Não é o que transparece na fala de Stein: “Me chamam de Judas Iscariotes. Dizem que vendi minha cabeça por trinta moedas de prata aos banqueiros de Wall Streett.” No discurso dos camaradas de Stein não há apenas a lógica materialista dialética, mas mesclado a ela existe um componente anti-semita. É curioso perceber que o anti-semitismo não se mostra como um discurso racional, mas situa-se no campo da paixão. Valendo-se por vezes do discurso da racionalidade, é de fato paixão, ódio em forma coletiva, como nos lembra Jean-Paul Sartre: “Aliás, o anti-semitismo é coisa bem diferente de um pensamento. É antes de tudo uma paixão. Sem dúvida, ele pode apresentar-se na forma de proposição teórica. (...)”²⁹⁵

As razões que levaram à discordância entre Stein e seus companheiros de partido podem ter de fato relação com uma postura teórica, mas o ostracismo a que é condenado Stein e as palavras usadas para atacá-lo revelam claramente uma atitude preconceituosa. A imagem que eles escolhem para criticar o companheiro de partido é de “Judas o traidor”. Essa imagem refere-se diretamente ao estereótipo que demoniza o judeu, de caráter secular e religioso, que tem uso largamente difundido na cultura popular brasileira.²⁹⁶

É perceptível, portanto, que o debate entre Stein e o Partido pode ter ocorrido em algum momento no âmbito da discussão teórica, mas de alguma forma ocorreu um desvio de intenção que levou os opositores ao campo do preconceito. Podemos nos perguntar por quê. Afinal, por que os companheiros de partido, ao se oporem a Stein no campo teórico, não usaram de argumentos baseados nesse mesmo campo? Por que não justificar o desligamento de Stein usando argumentos legítimos? Em vez, enredaram pelo caminho do estereótipo anti-semita, perseguindo e injustiçando um dos seus. Como explicar isso? A verdade é que não é fácil encontrar resposta para essas perguntas. Ainda mais se temos em vista que o próprio Karl Marx pode ser interpretado como anti-semita, se tomarmos como base seu livro *A Questão*

²⁹⁴ VERISSIMO, op. cit., p.807

²⁹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *A questão Judaica*. São Paulo: Editora Ática, 1995, p.10.

²⁹⁶ OMEGNA, Nelson. *Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Record, 1969, p.??

Judaica. Vejam-se frases como: “Qual era o fundamento da religião hebraica? A necessidade prática, o egoísmo (...)” “O deus da necessidade prática e do egoísmo e do dinheiro (...)” “A letra de câmbio é o Deus real dos judeus.”²⁹⁷ Ou mesmo afirmações contundentes como esta: “Pois bem, a emancipação da usura e do dinheiro, isto é, a emancipação do judaísmo prático, seria a auto-emancipação da nossa época”.²⁹⁸

Tais afirmações poderiam soar aos ouvidos de muitos como anti-semitas. É de estranhar que o jovem Karl Marx não tenha apoiado seus argumentos em bases científicas, pautando-se, pelo contrário, em observações de caráter subjetivo, e não objetivo, que nesse caso possivelmente estavam alicerçadas em noções anti-semitas que circularam livremente ao longo da história.

Não há em sua obra *A Questão Judaica* nenhum estudo exaustivo sobre a religião, ou pesquisa contundente amparada na experiência e na observação empírica da religião, como é o caso de Weber²⁹⁹ em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Por essa razão, suas afirmações tendem a um simplismo confuso e mais parecem, a uma primeira leitura, apoiar-se no território da paixão, não da razão. Contudo, há um cuidado a ser tomado com essa primeira impressão. O principal ponto em Marx não é o judaísmo e, por isso, caracterizá-lo como anti-semita é precipitar o passo. Numa leitura mais apurada da obra percebe-se que ele defende com paixão não a discriminação contra o judeu, mas o fim da religião. Marx está preocupado em afirmar a necessidade da emancipação humana; é preciso que o homem se liberte do sistema religioso, assim como do sistema político e econômico que o escraviza.

Retornando à questão posta anteriormente, como explicar o anti-semitismo na ação do PC ao expulsar Stein? Podemos até supor que talvez isso esteja relacionado a um uso indevido dos textos do próprio Marx, como as passagens citadas acima, por seus camaradas. Contudo, não podemos ignorar que no governo de Stalin a vida dos judeus não foi um mar de rosas.

Até aqui temos investigado a ação do Partido, ou seja, dos membros que o compunham, no episódio da expulsão de Stein. Seria interessante indagar o motivo pelo qual Verissimo permite que essa ação anti-semita seja deflagrada justamente pelos comunistas. Essa injustiça do partido levou Stein ao suicídio. E seguindo a leitura, veremos que esse fato é comentado

²⁹⁷ MARX, Karl. *A questão judaica*. São Paulo: Centauro: Editora, 2005, p.59.

²⁹⁸ Ibid .p. 59

²⁹⁹ WEBER, Max, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1985.

pelos amigos dele, como Tio Bicho, Sílvia, Floriano, que sofrerão com o ocorrido. Assim, o leitor será levado a tomar o partido de Stein e acabará por ver o PC com um olhar reprovador.

O que se depreende disso é que na verdade não é apenas o judaísmo na figura de Stein que está sendo posto em análise por Verissimo, mas também a ação socialista no Brasil. É o mito do comunismo como resposta para todos os males que está em xeque. Se não, vejamos a reflexão que Tio Bicho faz sobre o Partido ao comentar a morte de Stein:

Eu vivo dizendo o comunismo é religião. Já trataste com padre que abandonou o sacerdócio? Fica com a marca de batina pro resto da vida. Jamais encontra completa paz de espírito. Assim é o comunista. Uma vez fora do partido porque perdeu a fé ou porque foi expulso, porta-se exatamente como um defroqué.³⁰⁰

O totalitarismo é uma chaga, quer seja o totalitarismo de Stalin, o de Hitler, o de Júlio de Castilhos ou de Vargas. Se, para Karl Marx, a religião é “ópio do povo”, pois o entorpece para que o sistema o aprisione, na fala de Tio Bicho encontramos o próprio marxismo na categoria de “ópio entorpecedor”.

É preciso colocar a crítica ao comunismo feita por Verissimo dentro de um quadro da análise textual do próprio romance da década de 30. Lembramos que os contemporâneos, que fizeram romance regionalista, optaram por uma abordagem social que em alguns casos chegou a beirar mesmo um romance-ensaio, com profundo teor de militância.³⁰¹ No caso de Verissimo temos uma outra abordagem, não se encontra nele o apelo ideológico marxista, mas acima de tudo uma posição humanista: “(...) a partir de *Música ao Longe*, alcançará a sua dimensão mais profunda em *O tempo e o vento*, constituindo uma verdadeira reflexão sobre a marcha da História e o sentido da temporalidade no destino humano.”³⁰²

Não há uma militância partidária nem ideológica no sentido marxista, o que não significa ausência de crítica social. O texto de Verissimo é engajado em um ponto: na necessidade de refletir sobre um dos grandes temas de sua época, o totalitarismo. A ausência de respeito aos direitos humanos, a arbitrariedade do poder são questionadas em várias instâncias.

³⁰⁰ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipélago III*. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997, p.708.

³⁰¹ CHAVES, Flávio Loureiro, op. cit., p.4

³⁰² Ibid., p.15

Em *O Arquipélago*, são criticadas e repensadas quer na relação pai e filho, no relacionamento de Rodrigo com seus dois filhos, Floriano e Eduardo, quer num partido, no caso de Stein, ou mesmo no governo de uma nação, como o de Vargas.

Um último ponto para ser pensado sobre o caso de Stein e sua expulsão do partido é a relação disso com o anti-semitismo, o mito anti-semita do complô judaico-comunista. Esse tema foi pesquisado com muita propriedade por Taciana Wiazovski,³⁰³ na sua dissertação *O Mito do Complô judaico-comunista no Brasil: Gênese, Difusão e desdobramentos (1907-1954)*. Segundo essa autora, o mito do complô judaico também tem raízes no discurso antijudaico teológico, que já vingava na cultura brasileira desde os tempos da Coroa, mas ganhou forma no começo do século, principalmente em 1907, com o advento de um grupo de intelectuais católicos organizados em torno da revista *Vozes de Petrópolis*, que se anunciava como a boa imprensa.

A idéia de uma conspiração judaica mundial já tinha se difundido na Europa com a publicação dos *Protocolos dos Sábios de Sião*,³⁰⁴ traduzido no Brasil em 1936 pelo integralista Gustavo Barroso. O anti-semitismo moderno, sedimentado na questão racial com argumentos pseudocientíficos fornecidos pela Biologia, Antropologia social e Eugenia, somado ao levante de 1935, à política xenófoba do governo Vargas, durante a época de 1930 a 1940, e ao modo de viver recluso da comunidade judaica, fortaleceu a crença no mito de que haveria um complô judaico-comunista para dominar o Brasil.

O mito do complô judaico pode não ter uma relação direta com a atitude do Partido para com Stein, mas ele sofreu as conseqüências da propagação desse mito. Vejamos novamente o que ele diz a Floriano: “Estou entre muitos fogos. Os capitalistas me odeiam porque sou marxista. Os da minha raça me desprezam porque sou um renegado. Os comunistas me perseguem porque inventaram que atraíoei o Partido. (...)”

Stein relata seu caso, que, em certo sentido, não foi diferente do de muitos judeus daquele período. É claro que não é possível generalizar a situação de Stein para todo judeu da época. Os judeus, na maioria, estavam em sintonia com suas comunidades e não eram renegados. Evidentemente, nem todos os judeus militavam no Partido. Aliás, fazia parte do discurso anti-semita a idéia de que todo judeu era comunista. Mas na obra de Verissimo temos

³⁰³ WIAZOVSKI, Taciana, *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. (dissertação de mestrado) FFLCH/USP, 2005.

³⁰⁴ ROSENFELD, Anatol. *Mistificações literárias: Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

outros personagens judeus que não são nem pretendem ser comunistas, como a família de Stein e a comunidade judaica que aparece no enterro de Sara Stein. Esses outros judeus devem ser pensados na obra como parte de uma comunidade de imigrantes.

Quanto a Stein, é a personagem imigrante de maior projeção em *O Arquipélago*. Sabemos de sua origem, suas batalhas, e de seu fim, como ocorre com o protagonista doutor Rodrigo. Entendemos que, na narrativa, ele exerce função similar à de um Winter e D.Pepe. Quanto à simbologia por traz de tempo e vento, caos e ordem, passageiro e perene, Stein figura do lado dos que se caracterizam pelo desejo e amor às liberdades, ao caos e ao vento. Seu suicídio é estampado não como uma fuga, mas como um protesto contra as forças que representam o autoritarismo.

3.5. O ressurgir do mascate e Stein

(...) Segundo murmuravam – do movimento anti-semita que irrompera ridiculamente na cidade de princípios de 1937, e durante o qual alguns negociantes de ferro-velho e uns dois ou três tintureiros da Rua do Império, o gueto local, foram aparentemente responsabilizados pela pirataria financeira internacional dos Rothschild, dos Lazar Brother e “banqueiros judeus da Wall Street”. (...) Por essa época um mascate judeu, popularíssimo em Santa Fé, e que andava de porta em porta a vender gravatas e pente foi apedrejado na Rua do Comércio, em plena luz do dia, por três rapazes alourados que tinham o aspecto iniludível de membros da juventude hitlerista.³⁰⁵

Em nossa análise do volume II de *O Continente* chamamos a atenção para o rápido aparecimento do mascate em Santa Fé. Aludimos aos fatos históricos, como as guerras napoleônicas e a Revolução Francesa, que possibilitaram que temas como guerras e luta de classes viessem à tona no discurso cotidiano da massa. Fizemos um paralelo entre a Guerra da Criméia e a do Paraguai e postulamos a tese de que o mascate ganha relevância como aquele que traz uma mensagem que se projeta para o futuro das duas guerras mundiais e para a modernidade que floresce. Diante disso, traçamos um paralelo simbólico entre Stein e o mascate, indicando que um era tipo do outro, na medida em que ambos tinham a função de mostrar ao leitor o significado do horror advindo da modernidade.

³⁰⁵ Ibid., p. 782

No trecho acima, tem-se a presença de um outro mascate judeu. Esse mascate vem em última instância lembrar-nos de como esse ofício significou em boa medida, para muitos imigrantes, uma primeira possibilidade, ainda que informal, de sobrevivência: “Do trabalho brutal na estrada de ferro bandearam-se para a mascateação, distribuindo-se pelas cidades mais populosas do Estado, inclusive Porto Alegre. Da mascateação derivaram-se para as prestações, até finalmente estabelecerem suas casas de comércio.”³⁰⁶

Esse segundo mascate ajuda a delinear, ao lado de Stein, o ambiente político delicado e trágico, no qual uma camada da sociedade flertava com idéias nazistas, quer nas hostes do governo getulista, quer num grupo de intelectuais integralistas, parodiado neste trecho por Verissimo:

Entre as figuras exponenciais do integralismo em Santa Fé, a mais colorida era indiscutivelmente a do Vivaldino Vergueiro, que tinha veleidades literárias e se considerava o filósofo do movimento. Os desafetos chamavam-lhe “o mulato Vergueiro”. Era um homem alto, magro e encurvado, de idade indefinida. (...) integralista da primeira hora, proclamava aos quatros ventos que era racista e gabava-se de ter correspondência pessoal com o pai da doutrina arianista de Hitler.³⁰⁷

Diante disso, questiona-se até que ponto o pensamento integralista representou uma mentalidade, como diz Tucci Carneiro,³⁰⁸ e até que ponto essa mentalidade pode ser percebida na obra. De que maneira esse tipo de preconceito ideológico se relaciona com o debate sobre identidade nacional?

³⁰⁶ SCHWEIDSON, op. cit., p.44

³⁰⁷ VERISSIMO, Erico, Op. cit, p. 782

³⁰⁸ CARNEIRO, Maria L. Tucci, op. cit., p.40

3.6. A comunidade nazi-fascista de Santa Fé

Vejamos agora como Stein, no mesmo sentido do segundo mascate, se projeta como uma voz da cultura judaica na obra. O aspecto relevante é a denúncia da ação conservadora, nazista e autoritária conduzida por um grupo de brasileiros, no texto representado por uma parcela da comunidade italiana e alemã.

José Kern teve habilidade de conservar o café tal como sempre fora. Alimentou secretamente a esperança – que por fim se realizou – de que o Poncho Verde acabasse sendo um ponto de encontro natural entre os integralistas e os nazistas de Santa Fé, assim como ele próprio, membro influente de ambos os grupos era uma espécie de ponte viva entre o fascismo alemão e o indígena.

Fundado em 1933, o núcleo da Ação Integralista Brasileira ganhara logo muitos adeptos, principalmente entre os teuto-brasileiros e alguns dos descendentes italianos que na época andavam fascinados pelos discursos de Mussolini e os empreendimentos do Fascismo.

.....
(...)Depois das revoltas comunistas de 1935 o número dos adeptos do integralismo ali em Santa Fé, como no resto do país, aumentou consideravelmente. As novas adesões locais foram anunciadas pelo *Anauê*, o semanário do Partido: a do vigário, a de três oficiais do Exército, a do juiz da comarca, isso para não contar com uns cinquenta jovens que passaram a integrar briosamente a milícia dos camisas verdes.³⁰⁹

A narração de como as idéias integralistas e fascistas vão ganhando corpo nas comunidades de imigrantes em Santa Fé (o que nada mais é do que um símile do que ocorria em âmbito nacional) vem logo após o velório de Sara Stein. O capítulo “Noite do ano bom” abre-se com a presença de Rodrigo Cambará, Floriano e Eduardo no enterro da mãe de Stein. Nessa altura do capítulo há farta menção a questões relacionadas à cultura judaica. Após esse episódio, o leitor será exposto ao desabrochar de idéias antijudaicas dentro de Santa Fé, como nos mostra o trecho acima. Ao que parece, Verissimo vincula esses dois momentos, a morte da mãe de Stein e a narração da ascensão do nazi-facismo.

Na verdade, não se trata de um elemento novo em *O tempo e o vento*. Se lembrarmos da fala de Winter sobre a “asneira brutal”³¹⁰ da ação coletiva, entendemos que esse episódio é prenunciado por eventos passados. Assim, a fala de Winter lança luz sobre a narração dos fatos

³⁰⁹ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipélago* vol.III. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997, pp.777-9.

³¹⁰ Ver p. 64 desta dissertação.

nesse trecho, na mesma medida em que o enterro de Sara Stein pode fornecer dados para se pensar os acontecimentos no Café Integralista.

É como se Verissimo tivesse a intenção de construir uma narrativa sobre a imigração alemã, italiana e judaica paralela à narrativa maior de *O tempo e o vento*. Assim, nessa narrativa sobre os imigrantes europeus, ele discorrerá sobre os conflitos sociais e ideológicos que cada uma dessas comunidades traz consigo. Tais conflitos, desejos, sonhos, preconceitos criarão raízes em terras brasileiras junto com as respectivas comunidades.

No caso, não se crê que o preconceito fosse generalizado nas comunidades de origem alemã. Muitos alemães, dentro e fora de seu país, não se deixaram captar por idéias fascistas. E isso, Verissimo nos mostra muito bem com os Spielvogel e os Kuns, que se opuseram ao predomínio das idéias fascistas na comunidade alemã de Santa Fé: “(...) O confeitiro Schnitzler, dois ou três dos Spielvogel e Kuns foram expulsos do recinto da assembléia, sob vaia. (...)”³¹¹

É possível que grupos como o dos intelectuais que escreviam na revista *Vozes de Petrópolis* fossem contaminados pela primeira vertente de preconceito, baseada na teologia católica. Mas o integralismo de Plínio Salgado e Barroso já tinha incorporado o preconceito positivista com base em teorias pseudocientíficas. Acrescenta-se a isso o fato de que as comunidades de imigrantes reproduziram seus conflitos nos moldes em que eles eram vividos em solo europeu. Por isso, idéias fascistas encontraram solo fértil em comunidades italianas e alemãs.

Vejamos outro fragmento da narração de Verissimo sobre as comunidades alemãs e italianas em Santa Fé:

Pouco depois que Hitler tomou o poder na Alemanha, fundou-se no Rio Grande do Sul o Kreis, círculo nazista, e tanto na sede do município de Santa Fé como no distrito de Nova Pomerânia foram criados núcleos do Partido Nacional Socialista. Todo esse movimento se processou a princípio com certa discrição, quase em segredo, mas à medida que se iam anunciando as vitórias de Hitler e o fortalecimento de seu partido, os nazistas do Rio Grande alçavam a cabeça. Faziam as coisas mais às claras e até com certa arrogância. Seu plano de expansão estava baseado num trabalho de proselitismo feito nas escolas, nas sociedades recreativas e nas congregações da Igreja Evangélica Luterana, com o auxílio de seus pastores.³¹²

³¹¹ Ibid., p.779

³¹² Ibid., p.779

A narrativa da progressiva infiltração das idéias nazistas na comunidade alemã de Santa Fé e a maneira como são descritos os recursos de que esses grupos nazistas se valiam para alcançar o poder deixam claro que Verissimo está abertamente chamando a atenção para o desenvolvimento do poder político nazista.

À medida que Hitler solidifica seu poder, esses grupos abrem suas asas, agem “às claras”. Se há um momento em que agem “às claras”, é porque houve outro momento, “às escuras”. Essa imagem sugere a idéia de que o grupo saiu das sombras, o que por sua vez identifica esse grupo à escuridão. Essa sugestão passa de maneira subliminar aos olhos do leitor. Mas o recado é dado: o nazismo surge das sombras e se revela como um poder proselitista capaz de se infiltrar em vários setores da sociedade com o fim de se apossar dela.

As cenas descritas por Verissimo propõem uma visão interessante sobre o nazismo. O uso do termo “proselitismo” para descrever a atuação dos nazistas em Santa Fé conduz a que se entenda que o nazismo está na categoria de um grupo religioso. Como se sabe, o termo comumente designa a ação de grupos religiosos em busca de conversões.

Tio Bicho afirma que o comunismo é religião.³¹³ Esse tipo de comentário refere-se à fé e ao compromisso cego exibidos por alguns membros de partidos, como no caso o PC. O paralelo com o nazismo fica patente. O paralelo entre nazismo e comunismo não é feito com a intenção de generalizar ou igualar esses grupos, mas possibilita uma reflexão sobre totalitarismo. Ao que parece Verissimo estava enviando um recado: qualquer forma de exclusão da liberdade é nociva. Continuemos a análise da cena:

Por volta de 1935 um dos objetivos mais importantes dos nazistas de Santa Fé foi o de tomar conta da sociedade ginástica, o Turnverein. Para isso membros do grupo hitlerista se foram infiltrando em sua diretoria e, quando a ocasião lhes pareceu oportuna, convocaram uma sessão da Assembléia Geral e, por meio da intimidação, da cabala e da fraude conseguiram que se aprovasse uma moção segundo a qual daquele momento em diante a sociedade passasse a ser propriedade do Partido. (...) No fim da sessão foi inaugurado um retrato do Fuhrer, cantou-se o hino alemão e todos ergueram os braços em saudação nazista.³¹⁴

Nesse trecho, temos um efeito curioso na ordem usada para descrever o domínio nazista. Observemos como o grupo nazista tenta tomar conta do ginásio. Primeiro eles tentam se infiltrar na diretoria “e, quando a ocasião lhes pareceu oportuna, convocaram uma sessão de Assembléia Geral e, por meio da intimidação, da cabala e da fraude conseguiram que se

³¹³ Ibid., p.708

³¹⁴ Ibid., p.779

aprovasse uma moção segundo a qual daquele momento em diante a sociedade passasse a propriedade do Partido.” Verissimo monta a narrativa de um jeito quase caricato, pondo a ação nazista em um patamar maquiavélico. Ao que parece, o autor está usando o recurso da inversão, por meio de uma citação metafórica. A narrativa sobre um grupo que se infiltra para tomar o poder foi difundida ao longo dos séculos. No entanto, não são os nazistas os personagens dessa narrativa, são os judeus. Referimo-nos à circulação da fraude dos *Protocolos dos Sábios de Sião*.

*Os Protocolos dos Sábios de Sião*³¹⁵ fazem parte de uma estrutura mitológica difundida em todo o mundo ocidental. Foi uma grande ferramenta nas mãos de Hitler e dos nazistas. Basicamente, os *Protocolos* propagaram a idéia de que os judeus se organizavam por meio de planos e estratégias ideológicas para dominar e conquistar o governo mundial. A idéia de domínio do mundo pode parecer inverossímil, mas os próprios nazismo e fascismo e vários outros regimes totalitários mostraram que essa é uma idéia possível. E é a verossimilhança desse conceito, aliada ao preconceito histórico, que faz com que o mito da conspiração dos judeus ganhe força.

Na narração de Verissimo, temos a cidade de Santa Fé como metáfora do mundo e o ginásio de esportes como um pedaço deste, ou seja, a metáfora de um país. Mas não são os judeus que se organizam nas sombras para tomar o poder. Há, portanto, uma citação indireta, novamente: o autor obtém uma dose de paródia na narrativa, refazendo o discurso do mito propagado pelos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Não são os judeus a ameaça que age no escuro, para depois dar o bote e tomar o domínio legal da ordem, a fim de submetê-la a seus domínios. O que está posto é a ordem crescente da dominação e do perigo nazista.

Mas Verissimo não está apenas deixando pistas que levem o leitor a se posicionar contra o nazismo. A questão última não é fazer uma pregação antifascista ou anti-nazista. Há muito mais que isso. Trata-se de um protesto contra a intolerância. Como registra Sílvia: “... O Brasil declarou guerra às potências do Eixo. (...) Duma das janelas do Sobrado vejo, horrorizada, um grupo de populares atacar o café Poncho.”³¹⁶ E o próprio Stein “lamentou aquela violência sem propósito prático.”³¹⁷

³¹⁵ ROSENFELD. Anatol. *Mistificações Literárias: Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982, p.45. Sobre os Protocolos, ver também: COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: Mito ou Realidade. Análise dos Protocolos e outros Documentos*. Trad. Leônidas Contijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969.

³¹⁶ Ver Verissimo, “O Diário de Sílvia”, op. cit., p.914

³¹⁷ Ibid., p. 915

Jango, o marido de Sílvia, apóia a cena, dizendo que eles agora eram inimigos, ao passo que ela própria, Sílvia, que nesse capítulo é narradora-personagem, ou seja, narra segundo suas vivências, levando o leitor a ter simpatia por suas idéias, rejeita a violência e intolerância contra os alemães. Aliás, no capítulo fica claro que mesmo os alemães que se posicionaram contra o nazismo sofrem perseguição nesse momento.

Sílvia não aceita a opressão e protesta contra ela, sendo apoiada por Stein, mesmo sendo este vítima da intolerância da comunidade nazista, tendo sido espancado por jovens ligados ao grupo de alemães de Santa Fé. Sem falar da ação ideológica nazista espalhada pelo mundo. Stein não concorda com a brutalidade e a violência contra a comunidade alemã.

Não se trata apenas de expor a insanidade do nazismo. Verissimo propõe uma forte reflexão sobre o abuso cometido pelas instituições, seja num regime nazista, comunista ou mesmo numa democracia.

Exemplo disso é a ênfase no preconceito na cultura norte-americana. Floriano conhece Mandy, uma americana, com quem tem um caso durante uma viagem que faz ao Rio de Janeiro. Ele, contudo, nutre um grande sentimento de inferioridade diante da oscilação de auto-suficiência e arrogância da americana. O que nos importa nessa passagem é o modo como a fala sobre a origem brasileira de Floriano é contraposta à origem da americana. Num dos diálogos entre os dois Floriano expõe o preconceito de Mandy, perguntando como ela conciliaria a ética de protestante com o preconceito contra os negros.³¹⁸ Assim, o preconceito racial presente na sociedade e cultura americanas é exposto. O leitor é conduzido à reflexão, na mesma medida em que foi levado à reflexão nas passagens sobre os grupos nazistas.

O nazismo, assim como outros eventos históricos, enche a modernidade de sombras. Verissimo, contudo, expõe os eventos no quadro do romance não apenas como registro histórico, mas como possibilidade de reflexão. Mas não é apenas como horror encarnado que o tema modernização é apresentado no romance. A modernização, no caso brasileiro, tem também o sentido de construção econômica e social. E nisso, o debate sobre o racismo não está desvinculado da condição social do povo. A cena do espancamento do mascate, a agressão a Stein pelo grupo nazista e a questão imposta a Mandy por Floriano sobre o preconceito na sociedade americana acenam para o desejo de Verissimo de pôr em relevo a questão da identidade nacional. Até que ponto somos um país racista? Até que ponto o nosso racismo se diferencia do racismo americano?

³¹⁸ Ibid., p.801.

As cenas da ascensão dos grupos nazi-fascistas acenam não somente para um momento histórico complicado para o mundo e para o país inteiro, como também para a entrada de idéias que figuraram no Rio Grande do Sul com muita força nas comunidades que ainda tinham forte relação com seus países de origem, como Alemanha e Itália. Roberto DaMatta supõe que em países cujo sistema jurídico é baseado em um sistema igualitário o preconceito dá-se por segregação. Tendo tal afirmação como cabível, pode-se pensar que, nesse momento histórico, alemães e italianos talvez estivessem ainda atrelados à cultura européia. Isso explica por que os italianos e alemães da primeira leva de imigrantes estabelecidos em Santa Fé, vivendo há muito mais tempo em terras nacionais, estando, portanto, mais aculturados, não se identificaram com as idéias racistas moldadas na cultura germânica ou italiana, resistindo e distinguindo-se de seus compatriotas.³¹⁹

Por um lado, em personagens como o Coronel Terêncio, se não temos a violência aberta e declarada, que repercute na perseguição, e agressão física, própria dos grupos nazistas, por outro lado, os fatos narrados, que incluem o Coronel Terêncio, acenam para o preconceito nacional enraizado, ligado a um viés católico, disfarçado no conservadorismo que em alguma instância encontramos nas elites brasileiras, o qual certamente aponta para os problemas vinculados à modernização conservadora. Mas, além disso, esse tipo de preconceito calcado num viés religioso nos faz retomar outro ponto, quanto à imagem do judeu na literatura brasileira. Relembrando a proposta de Celso Lafer, quanto ao desenvolvimento histórico das duas vertentes da imagem do judeu na literatura luso-brasileira, não seria cabível afirmar que a ação preconceituosa e o discurso anti-semita de um Coronel Terêncio se assemelham ao que se observa em personagens da obra *As Minas de Prata*, de José de Alencar? Não estaríamos, portanto, diante da mesma ofensiva que se apóia na homilia católica e no discurso religioso para desqualificar ideologicamente os judeus? De fato, o preconceito que sustenta o discurso de Coronel Terêncio é da mesma ordem daquele que surge na fala das personagens de Alencar. Contudo, no caso de Verissimo, não temos a adesão do narrador, nem tampouco das personagens centrais, a esse discurso anti-semita. Verissimo expõe como um cancro, uma ferida, o discurso anti-semita, por meio de um grupo de personagens conservadoras, mas ao mesmo tempo contrapõe a esse discurso a ação e as vozes de personagens próximos aos protagonistas. Com isso ele elimina o teor panfletário, isto é, o que poderia ser um discurso simplista pró-semita se torna um debate instigante sobre os valores

³¹⁹ Ibid., pp.914-5

que devem governar o destino humano, permitindo uma pluralidade de visões sobre o mesmo ponto, sem que, contudo, a posição humanista de Verissimo passe despercebida ao leitor.

4. Considerações finais

Refletir sobre a presença do imigrante judeu na obra *O tempo e o vento* *O tempo e o vento*, pautando a análise nas dialéticas intrínsecas ao contexto social, político e histórico, que o texto do romance reapresenta, foi a primeira pretensão deste trabalho. Contudo, ao longo da análise, buscaram-se outras frentes interpretativas que cooperassem para a elucidação do tema inicial. Entre essas frentes encontra-se a reflexão sobre a forma e o conteúdo da obra em questão. Para isso, foi útil perceber a importância da História na construção do romance. Perceber a estrutura do romance por meio de algumas linhas gerais extraídas da obra *O romance histórico* de George Lukács nos levou a detectar em Verissimo a concepção do romance como um instrumento emancipador, capaz de desvendar e revelar o homem ao homem. O autor opta pelo realismo de forte denúncia social, que expõe o drama do homem burguês do começo do século.

A figura do estrangeiro e do imigrante, desde o primeiro volume da obra, é aquela que desperta uma sensação de *estranheza* no observador. Esse *estranhamento*, por mais natural que possa parecer, esconde a primeira oposição que se impõe no enredo: a dialética entre os filhos do vento e os filhos do tempo. O tempo será figura dos que vivem a vida cotidiana e estão presos a uma noção de ordem, ao passo que o vento representa personagens que vivem sob a égide da aventura. Assim, os filhos do vento são sempre os que chegam, os que desestruturam em certo grau a ordem posta e imposta pelos filhos do tempo. Como filhos do vento, temos, na chave das personagens coadjuvantes, o filho de imigrantes Stein, na chave dos protagonistas, figuras como o Índio Missioneiro, Capitão Rodrigo, Luzia e Toríbio.

O conceito do horror da modernidade e o estranhamento em relação a ela foram abordados por Verissimo em muitos de seus livros, como *Clarissa*, *Olhai os Lírios do Campo*, *Saga*, *O Senhor Embaixador*, *Incidente em Antares* e outros. Numa novela em especial, *Noite*, Verissimo aborda a questão do estranho e do estranhamento no mundo urbano e moderno.

Nessa novela, Verissimo conta a história de um homem que perde a memória e vaga pela cidade sem saber quem é de fato. Ao longo de sua jornada, será ajudado por pessoas do submundo da cidade, que querem levá-lo ao lado escuro e sombrio desse universo; a contrapartida é o auxílio de outro personagem. *Noite* nos interessa por colocar em relevo a cidade moderna, que está presente no universo do romance *O tempo e o vento* *O tempo e o vento*. É curioso notarmos que a novela, de 1954, surge um ano antes da publicação de *O*

Arquipélago. Segundo Chaves, ela propõe a investigação da vida urbana tendo a crise de identidade como mote.³²⁰

Em sua tese de doutorado, *O horror antigo e o horror moderno em O tempo e o vento* e *Noite de Erico Verissimo*, Maria das Graças Gomes Villa da Silva mostra que a ambientação e a construção de *O tempo e o vento* e da novela *Noite* criaram a ambivalência do horror moderno e do horror antigo: “Tanto em *O tempo e o vento* como em *Noite* percebe-se articulação de tema narrativo ligado ao horror, provocado pelo *unheimlich*, e manifestação do duplo.”³²¹ E ainda:

O horror contamina o romance e a novela, desencadeando a “angústia de existir” das personagens, o aparecimento de aspectos que criam uma cadeia associativa: a manifestação do “duplo”, a busca da identidade via memória, o sentimento de culpa, a recorrência a sonhos, o mundo estranho.³²²

Quanto ao imigrante e sua relação com o jogo político-social atualizado na antítese da ordem e desordem, tempo e vento, percebe-se que sua presença não cria, mas agudiza a ambivalência desse construto social, que já vinha se desenvolvendo historicamente quando os grandes fenômenos de imigração ocorreram, do final do século XIX até meados do século XX.

Em *O tempo e o vento*, observa-se que Verissimo faz os protagonistas, como Capitão Rodrigo, Luzia e Rodrigo Cambará neto, se relacionarem de perto com figuras vinculadas à imigração, como Doutor Karl Winter, D.Pepe e Stein, respectivamente.

O imigrante e estrangeiro no período dos anos 30 a 40 em terras brasileiras teve em muitos aspectos de conviver com o horror antigo e com o horror moderno. Esse horror se traduziu por uma ação política do Estado que cambaleava entre as várias possibilidades de uma era incerta. Ao ler o romance de Verissimo, o leitor perceberá a ansiedade que em alguns momentos as vitórias nazistas geraram: “No dia em que Paris caiu, o Dr. Terêncio ficou abatido...”.³²³ Ainda: “(...) Terminada a leitura, o Bandeira disse: ‘É um discurso nitidamente

³²⁰ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: IEL, 2001.

³²¹ SILVA, Maria das Graças Gomes Villa da. *O horror antigo e o horror moderno em O Tempo e o Vento e Noite de Erico Verissimo*. (tese de doutorado) FFLCH/USP, 1998, p.51.

³²² Ibid., p.51

³²³ VERISSIMO, Erico, *O Arquipélago III*, op. cit., p. 891

fascista. O presidente vê a balança da vitória pender para os nazistas e já está preparando a sua adesão ao Eixo.”³²⁴

O tema do imigrante inserido na modernidade, como parte da história nacional, leva-nos ao último ponto analisado nesta dissertação. Como o mito de construção de uma “brasilidade” vincula-se à imagem do imigrante na obra de Verissimo? Esse é o ponto central sobre o qual a análise do imigrante judeu, na obra aqui estudada, se apóia. Por esse motivo, nestas palavras finais, refletiremos sobre os três trechos do romance que registram como foi esse momento no qual o governo brasileiro esteve prestes a aderir ao campo oposto ao dos Aliados. Verificaremos, a título de conclusão, como tal fato repercutiu na vida de alguns imigrantes, judeus, alemães ou italianos, e que conseqüências esse dado tem para a nossa análise da identidade nacional.

Na obra *O tempo e o vento*, o tema do preconceito é abordado em vários ângulos. Expõe-se a questão da etnia, sem, contudo, abandonar a questão social. O que implica dizer que na obra o problema do preconceito, associado ao da identidade nacional, vincula-se a um fato, o de que o Brasil é um país capitalista: “numa sociedade movida por uma ideologia consumista o preconceito racial passa cada vez mais a ser subordinado à capacidade aquisitiva do agente social.”³²⁵ Ser branco ou ser negro passa a ser uma questão de quem tem e do que se tem. Esse conceito está presente na obra de Verissimo. O julgamento do negro Severino, no volume II de *O Continente*, não se deu somente pelo fato de ser ele negro, mas porque sua declaração de inocência foi invalidada pela fala do seu amigo Bolívar, homem de posses e de certo cabedal social naquele grupo. Se por um lado têm-se as cenas de agressão ao mascate e a um filho de dono de ferro-velho, por serem ambos judeus, por outro, Verissimo deixa claro que isso se dá por influência do contexto europeu, ou seja, as ações partem de alguns imigrantes alemães e italianos. Mas nem todos os imigrantes são representados assim.

Em *O tempo e o vento*, o debate real sobre a presença dos imigrantes está centrado na ascensão social que eles alcançam. Tanto é assim que o livro é fechado, no capítulo “A Encruzilhada”, com uma melancólica conversa entre Floriano, Tio Bicho e irmão Toríbio:

Havia alguns minutos que os três amigos desciam pela rua do Comércio (...) – Um momento, disse Tio Bicho – Olhem a tropilha que está descendo daquele outro carro... É o **Nathan Grinberg** e sua tribo. Acompanhei a

³²⁴ Ibid., p.892.

³²⁵ SORJ, Bernardo, “Sociabilidade brasileira e identidade judaica: as origens de uma cultura não anti-semita”.

<http://www.centroedelstein.org.br/pdf/sociabilidadebrasileiraeidentidadejudaica.pdf>. (acessado às 18h do dia 10/09/2007)

marcha desse judeu dum ferro-velho da rua do Império para a melhor casa de roupas feitas da Rua do Comércio... duma meia-água miserável do nosso gueto para um palacete na Praça Ipiranga. Há vinte e poucos anos o Nathan vendia gravatas e quinquilharias de porta em porta... Hoje é sócio do Comercial. – Soltou uma risadinha.-- Quem foi que contou a vocês que eu me interesse por peixes? Mas vamos andando, se preferem.³²⁶

Nathan Grinberg é certamente o último judeu citado na narrativa de *O tempo e o vento*. Caminhando para uma síntese do que viemos dizendo até este momento, pode-se dizer que no último capítulo Verissimo tenta expor a cena social do país de maneira a deixar o leitor em pronta reflexão sobre a nacionalidade. Não que Verissimo tente oferecer ao leitor alguma definição pronta do que é o Brasil. Antes, ele põe em relevo os tópicos que irão colocar em marcha os processos sociais. A morte de Rodrigo Cambará é pensada por seu filho e por seus amigos com um olhar nostálgico, mas sem desprezo pelas mudanças que estão em cena. É a primeira vez no romance que um judeu surge em posição social privilegiada. Assim como o pai de Stein, Nathan foi comerciante de ferro-velho e trilhou o caminho de mascate antes de ser um comerciante de sucesso. O sorriso no canto da boca de Tio Bicho acena para um certo desconforto que um mestiço como ele, filho de fazendeiro, portador de uma leitura desconfiada do fenômeno, passa a sentir.

Observando o diálogo travado durante um passeio numa noite de Ano Novo percebe-se que o comentário sobre Nathan é aparentemente fortuito, logo Toríbio retoma o turno e volta a falar sobre a morte de Rodrigo e sua importância na cidade de Santa Fé.

-- Se fosse noutra época -- refletiu Irmão Toríbio em voz alta -- esse baile teria sido transferido por causa da morte do Dr. Rodrigo. (...) -- Bandeira continuou (...) -- No entanto não há recanto dessa cidade, Floriano, que não me lembre teu pai. Os calçamentos dessas ruas foi ele quem mandou fazer... -- Foi ele quem salvou o Kunz da falência, foi ele quem deu a mão ao Lunardi.³²⁷

Os três ressaltam a importância da figura pública de Rodrigo, mas se mostram indignados com a falta de percepção por parte da nova geração. É novamente Bandeira quem faz questão de falar dessa importância, em vez de falar dos imigrantes ou da modernização:

-- Quem é -- é o homem do momento. -- respondeu Bandeira. -- O Teócrito Pinto Pereira, mais conhecido como o Pereirão. O pai começou a vida como

³²⁶ VERISSIMO, Erico, op. cit., pp.1003-4

³²⁷ Ibid., p.1005

piá de estância, fez fortuna e acabou proprietário de quinze léguas de campo bem povoado. O Pereirão fez um curso de capatazia rural. Dizem que está introduzindo métodos modernos na estância, e que vai fazer experiência com inseminação artificial. É um pêlo-duro legítimo, simpático, e vivaracho. Falei com ele umas duas ou três vezes. Esse caboclo sabe o que quer. Tem ambições políticas, é trabalhista e ainda acaba deputado.³²⁸

O Pereirão é apresentado como um possível substituto de Rodrigo Cambará, tem sua simpatia e sua ambição de juventude. Contudo, é um homem de outra época, é trabalhista e faz parte do grupo latifundiário que vê na modernização um ponto positivo. Certamente, o horizonte é o da “modernização conservadora”, pois, como lembra Diegues:

Inicialmente a grande propriedade fundiária manteve-se intocada, mas a dialética da modernização a alcançou. Ao completar-se esse processo, portanto, nas últimas décadas daquele século, a população se via livre das amarras das dominações pessoais, livre assim para vender sua força de trabalho, e dentro de limites de uma sociedade de classes bem autoritária e de pobreza disseminada, organizar sua vida como bem entendesse.³²⁹

Diegues acena para um fato importante no registro de Erico Verissimo nesse capítulo. A sociedade brasileira se transforma e, ainda que em medida insuficiente, essa mudança surge na esteira da modernização e da criação de uma nova burguesia, da qual participa o imigrante, o que traz maior mobilidade para a estrutura socioeconômica do país. Roque Bandeira não apenas nota o imigrante, mas põe em cena que o fato de o pai do Pereirão ter começado de baixo, como um piá de estância, tornando-se mais tarde um grande proprietário, está em contraste com a trajetória da estirpe de Rodrigo Cambará, que nunca foi fã do trabalho pesado. A farmácia, se dependesse do esforço de Rodrigo, certamente teria ido à falência; é o prático Gabriel, também imigrante, quem a sustém. Rodrigo é Senhor de berço, sua riqueza vem de herança familiar, pertence a uma casta que, no romance, dá lugar a outra elite:

Sentado à outra mesa, o Veiguinha da Casa Sol bebia a cerveja e olhava o Pereirão com ar céptico. Ao seu lado o Calgembrino do Cinema Recreio, apertado num *smoking* muito mal cortado e velho, também escutava a demagogia do capataz rural. – Olha só essas caras, Calgembrino – murmurou o Veiguinha. – Só gringos, alemães, judeus, turcos... Onde está a gente da antiga, gaúchos de boa cepa? Os Macedos, os Prates, os **Cambarás**, os

³²⁸ Ibid., p.1004

³²⁹ DIEGUES Junior, Manuel, op. cit., p.11.

Amarais, os Fagundes,... e os Azevedos? Houve um tempo que esse clube era uma fortaleza.³³⁰

Barth, em seu livro *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*, mais especificamente no capítulo “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”,³³¹ afirma que a questão da contrastividade cultural não depende de um observador externo, que descreva as diferenças ditas objetivas, mas unicamente dos "sinais diacríticos", ou seja, as diferenças que os atores sociais entendam serem significativas. Ainda que essas diferenças possam variar, permanece a dicotomia entre *nós* e *eles*, marcada por registros e critérios de pertencimento. Barth enfatiza que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios grupos.³³²

A concepção de Barth nos ajuda a compreender e a resolver um ponto no que tange à identidade nacional do imigrante. Este será brasileiro na medida em que evocar para si tal percepção e na medida em que o grupo o enxergar como tal. A ambivalência, que se traduz na convivência do novo com o velho, do arcaico com o moderno, própria da cultura brasileira, como resultado do processo de modernização conservadora, faz com que essas personagens tenham que ser observadas tomando-se em consideração sua realidade complexa. Nesse sentido, a transformação social e econômica pode ter sido geradora do embate entre o imigrante e o gaúcho tradicional, mas também foi o elemento que fez com que esse imigrante fosse integrado e aceito na sociedade brasileira. A verdade é que o imigrante tem que conviver não somente com uma, mas com múltiplas identidades. Stein é “brasileiro”, como o é Rodrigo, Tio Bicho, Toríbio, Floriano, mas também é brasileiro na medida em que o foram os seus pais e toda a comunidade judaica que participou do sepultamento de Sara Stein. Como o foram os alemães e italianos, parte integrante do romance desde o primeiro volume, como o foram o espanhol Don Pepe, o alemão Karl Winter. A condição de brasileiro no romance de Erico deixa transparecer um viés mesclado e mutante na composição da identidade, como nos diz Stuart Hall:

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre

³³⁰ VERISSIMO, Erico, *O Tempo e o Vento. O Arquipélago III*. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997, p.1112.

³³¹ BARTH, Frederick, op. cit., pp.25-67

³³² Ibid., p.27

construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma “divisão”, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem nunca ser ajustadas – idênticas aos processos dos sujeitos que são nelas investidos.³³³

É verdade que essa síntese entre cultura brasileira e cultura de origem nem sempre será harmoniosa, mas muitos desses imigrantes se beneficiaram do caráter pouco rígido da estrutura social brasileira, que valoriza mais os laços familiares e de amizade que os contratos na esfera pública, valoriza o vínculo particular em detrimento do vínculo público.

Como nos lembra Sorj, “O Brasil, para o imigrante judeu vindo de regiões onde foi permanentemente discriminado e perseguido, teve muitas vezes característica de terra prometida. Ele se integrou na cultura nacional, passando a compor na sua maioria, as classes médias, que se orgulham de ser brasileiras”.³³⁴ Sorj enfatiza um conjunto de contrapontos entre a cultura brasileira e a judaica, como o esquecimento cultivado como modo brasileiro de agir e o apego judaico à memória, a insatisfação com o presente que gera a vontade de mudar, em contraponto ao deixa pra lá como jeito brasileiro, entre outros.

A comparação de Sorj é útil para pensar que essas diferenças culturais talvez possam em parte e até certo ponto explicar o sucesso desse imigrante nas atividades econômicas. Comparando Tio Bicho, mulato, brasileiro nativo, e Stein, imigrante, veremos que alguns dos traços comparativos propostos por Sorj são encontrados nos dois de acordo com sua herança cultural.

Quanto ao tema do racismo na obra de Verissimo, associado ao da construção da identidade nacional, ele aparece no contexto da penetração, numa comunidade, de idéias racistas latentes na cultura nacional. Ainda que não tenhamos a adesão de nenhuma personagem central, não podemos dizer que o problema do preconceito é solucionado por Verissimo, pela proposição de uma imagem do Brasil como lugar paradisíaco e livre das amarras de idéias racistas, como preconizava ZWEIG.³³⁵ O olhar de Verissimo sobre o Brasil parece permitir a visão, acima de tudo, de um país que vive um processo intimamente relacionado ao movimento universal da história. O fato de termos uma elite conservadora não autoriza dizer que o problema do preconceito, na obra, está restrito a um grupo de fazendeiros

³³³ HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomas Tadeu da Silva; Stuart Hall; Kanthrym Woodward (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2000, p.112.

³³⁴ Sorj, Bernardo, op. cit., p.10.

³³⁵ ZWEIG, Stefan, *Brasil: o país do futuro*, op. cit., p. 129.

que perdem sua hegemonia, pois os próprios grupos de imigrantes alemães e italianos adotam práticas discriminatórias.

Retomando o pensamento de Arendt,³³⁶ segundo o qual há dois tipos de racismo, pode-se dizer que no Brasil vinga o racismo de ordem religiosa e cultural, difuso tanto nas camadas populares, como em grupos conservadores da elite.

É preciso lembrar que a identidade é ambivalente na mesma medida em que é mutável e flexível. Em uma sociedade aberta, há espaço para a penetração de elementos novos. Enquanto o mito de origem nacional na tradição européia se sustenta por meio do confronto, da negação do outro, no caso brasileiro acontece a incorporação do outro. Assim, é nessa direção que o imigrante, longe de trazer a degeneração, é agente contribuinte.

Mas, então, podemos anuir à idéia proposta por Sorj, de que o preconceito contra os estrangeiros ficou restrito a um momento da história e foi praticado somente por uma parcela de intelectuais e de pessoas comuns, não tendo assim afetado a formação cultural brasileira a ponto de ser um tema relevante?

No que diz respeito à imagem de Brasil proposta por Verissimo, tal posição não é totalmente sustentável. Se não, vejamos. Um último aspecto a perceber neste trecho final é a presença do Pereirão como contraponto a Rodrigo, indicando um não-fechamento do tema. O debate está em aberto. Verissimo não se dispõe a dar respostas, pois seu “realismo repousa sobre esta intrepidez no desnudamento das contradições, na verdade social de seus conteúdos (...).”³³⁷ O romance é em certo sentido a história de uma vida, como, de fato, *O tempo e o vento*, em seu teor biográfico, é a narrativa pessoal de Floriano Cambará e de seus ascendentes. Verissimo, contudo, não deixa de se esforçar para “inventar uma ação que seja típica da situação social de seu tempo.”³³⁸

Uma vez que, como o leitor descobrirá no último volume, toda a obra *O tempo e o vento* é filtrada pela lente de Floriano, pode-se dizer que a visão do que é o Brasil também passa por essa lente. Se Floriano é a voz de Verissimo, é, no fundo, o humanismo e não o radicalismo de Verissimo que lê o país. Isso fica claro em um trecho do “Diário de Sílvia”:

³³⁶ ARENDT, Hannah. “O anti-semitismo: instrumento de poder”. In *Origens do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Ed. Comentário, 1975, p. 13.

³³⁷ LUKÁCS, Georg, *La Novela Histórica*, op. cit., p.181

³³⁸ Ibid., p.180

As massas vivem na miséria e nós aceitamos pacificamente essa situação. Hitler mata milhões de criaturas inocentes e nós nos indignamos menos com tudo isso do que com a atividade sexual das personagens duma novela! Os campos de concentração na Europa estão cheios... O extermínio frio e calculado dos judeus continua... Por que nossos líderes católicos leigos não se preocupam mais com essas monstruosidades do que com o erotismo na literatura?³³⁹

A título de conclusão, entende-se que Verissimo assume em seu texto o repúdio aos radicalismos. No trecho acima ele alfineta a Igreja que o perseguia por considerá-lo comunista e autor pornográfico. Mas também denuncia a ausência de ação da Igreja e do Estado. Primeiro, o problema econômico: “as massas vivem na miséria”, ou seja, pode-se dizer que no Brasil o preconceito é sim social, mas essa não é a única visão pertinente. Longe de entrar no intenso debate sobre se existe ou não racismo no Brasil, ou até que ponto esse racismo afeta a construção da brasilidade, Verissimo mostra o andamento do preconceito.

Verissimo se impõe contra um discurso que se pretende totalizador e descamba em autoritarismo. Em nossa análise ficou patente que *O tempo e o vento* põe em cena várias idéias totalizadoras, como “o mito da construção da unidade identitária nacional”, a religião e seus dogmas, o discurso racista da democracia americana, o nazismo e o próprio marxismo. Sobre esse último, Verissimo parece concordar com Freud:

O marxismo teórico, tal como foi concebido no bolchevismo russo, adquiriu a energia e o caráter auto-suficiente de uma *Weltanschauung*; contudo, adquiriu ao mesmo tempo uma sinistra semelhança com aquilo contra o que está lutando. Embora sendo originalmente uma parcela da ciência e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como a religião, no passado.³⁴⁰

³³⁹ VERISSIMO, op. cit., p. 913.

³⁴⁰ *A questão de uma Weltanschauung*. Obras psicológicas completas de. **Sigmund Freud**: Edição Standard Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro.: Editora Imago, 1989. **p.69**

Ao nos referirmos ao fato de personagens como Stein e o mascate serem vozes que se percebem pelo símile do vento pode-se indagar, que voz? Qual o discurso que trazem? Na verdade não trazem um discurso e sim um contra-discurso, na medida em que essas personagens periféricas, o Mascate, Stein, e mesmo tantos outros imigrantes, além do Tio Bicho, são vozes destoantes de outras que representam o saber oficial ou o saber da ordem. Ora, mas Stein não defendeu o marxismo ferrenhamente, em sua ação na obra, chegando a ser considerado por outras personagens um religioso em tal defesa? Então, isso não o tornaria um adepto de um discurso oficial e totalizador, no caso, o marxismo? Contudo, não é o discurso que Stein professa na obra que fala por ele, mas o conjunto de suas ações, que findam no suicídio. A negativa, em forma de suicídio, expõe a decepção de Stein com o discurso oficial de seu partido, descaracterizando aos olhos do leitor esse discurso. E também põe o marxismo em xeque, uma vez que, sendo ele um discurso totalizante, passa a ser também totalitário, e se torna incapaz de assegurar suas promessas globalizadoras de formar “o novo homem” prometido pelos defensores crédulos da solução vinda de uma visão materialista dialética.

Entende-se, portanto, que Verissimo está contrapondo e expondo um conjunto de idéias globalizadoras que se pretendia legitimar como verdade final, mas, na verdade, eram insuficientes como respostas ao problema do brasileiro, ou melhor, do homem. Tais “verdades”, como idéias, inseridas no processo histórico representado no romance, ficam sujeitas às variações do tempo porque se queriam rochas, são alteradas em sua rigidez, candidatas a se tornarem pó, levado pela ação do vento.

Por isso, o debate sobre o preconceito e a brasilidade em Verissimo não se atrela a nenhuma das correntes que se isolam em um pólo do debate. O preconceito social e o preconceito contra etnias, como negros, japoneses, judeus e tantas outras minorias, são expostos como um problema social brasileiro em curso, e a denúncia de Verissimo é que isso constitui a monstruosidade que define o século XX, como afirma Sílvia em seu diário.³⁴¹ Uma monstruosidade que está presente na história brasileira.

Concluindo, voltar à obra de Erico Verissimo é sempre uma releitura crítica da realidade brasileira, é também entrar em contato novamente com uma reflexão profícua sobre o fazer humano no sentido geral e particular.

³⁴¹ Verissimo, op. cit., p.913.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- VERISSIMO, Erico, *Fantoches* (1932). Porto Alegre: Editora Globo, 1978
- _____, *Clarissa* (1933). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____, *Caminhos Cruzados* (1934). São Paulo e: Editora Cia das Letras, 2004.
- _____, *Um lugar ao Sol* (1935). Porto Alegre: Editora Globo, 1995.
- _____, *Música ao Longe* (1936) Porto Alegre: Editora Globo, 1995.
- _____, *Olhai os Lírios do Campo* (1938) 58ªed. São Paulo: Editora Globo, 1989.
- _____, *Saga*, 19ª ed. São Paulo: Editora Globo, 1987
- _____, *Gato Preto em Campo de Neve.* (1941) Porto Alegre: Editora Globo, 1953.
- _____, *O Resto é o Silêncio* (1943). Porto Alegre: Editora Globo, 1960.
- _____, *O tempo e o vento. O Continente. vol. (1949) . 31ª.ed. São Paulo: Globo, 1995.*
- _____, *O tempo e o vento. O Continente. vol. II (1949). 27ª ed. São Paulo: Globo, 1995.*
- _____, *O tempo e o vento. O Retrato. Vol I* (1951). São Paulo: Globo, 1997.
- _____, *O tempo e o vento. O Retrato. vol II* (1951). São Paulo: Globo, 1997.
- _____, *O tempo e o vento. O arquipélago. (1962) vol. I e III. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1997.*
- _____, *O tempo e o vento. O arquipélago* (1962). vol. II. 19ª ed. São Paulo: Globo, 1982.
- _____, *Noite* (1954). 20ª ed. São Paulo: Globo, 1995.
- _____, *México: História de uma Viagem.* (1957) Porto Alegre: Globo, 1964.
- _____, *O senhor Embaixador* (1964). São Paulo: Globo, 1975.
- _____, *O Prisioneiro.* Porto Alegre: Globo, 1967.
- _____, *Israel em Abril.* Porto Alegre: Globo, 1969.
- _____, *Incidente em Antares* (1971). São Paulo: Globo, 1989.
- _____, *Um certo Henrique Bertaso.* Porto Alegre: Globo, 1973.
- _____, *Solo de Clarineta: Memórias*, vol. I, 20ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras,
- _____, *Solo de Clarineta: Memórias*, vol II. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

ANDRADE, Jorge. “O galho da nespereira”. In *O contador de Histórias*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1972.

AGUIAR, Flávio. “Mulheres de Erico”. *Via Atlântica*, São Paulo, n.2, p. 98-107.

_____; CHIAPPINI, Ligia. *Civilização e exclusão*. São Paulo: Boitempo, 2001.

ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: as mulheres de O tempo e o vento*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1996.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. “Eça de Queirós e Erico Verissimo”. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.2, n.3, p. 72-77, nov. 1996.

_____, A figura do herói em *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, e em *Mau tempo no Canal*: um paralelo. In: NEMÉSIO, Vitorino. *Vinte anos depois*. Ponta Delgada, 1998.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

_____, (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1981.

_____, *Erico Verissimo: Realismo e Sociedade*. Porto Alegre: Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976.

GONÇALVES, Robson Pereira (Org.). *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: Ed. UFSM; Bauru: EDUSC, 2000.

FISCHER, Luis Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FORTES, Amyr Borges. *Panorama Econômico do Rio Grande do Sul*, Livraria Sulina, 1959.

FRESNOT, Daniel. *O Pensamento Político de Érico Verissimo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

KUHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura, 1994.

LEENHARDT, Jacques. “Narrativa e História em *O tempo e o vento*”. In *Erico Verissimo: o Romance da História*. Org. PESANVENTO, SANDRA Jatahy; LEENHARDT, Jacques; Chiappini, Ligia; Aguiar, Flávio. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. “Literatura e história. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos”. In *Literatura e Sociedade*. N. 5. São Paulo, FFLCH/USP, 2000.

_____, *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

_____, *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: IEB, 1972.

MORO, Eoná. *História e Literatura em O Continente de Érico Veríssimo*. São Paulo, 2001

PESAVENTO, Sandra Jatahy, “A temporalidade da Pedra (leitura de *O Retrato*, de Erico Verissimo)” in: *Leituras Cruzadas: Diálogos da História com a Literatura*. SANDRA Pesavento (org.). Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

SHULER, Donaldo, “O tempo em *O continente*”. In *O contador de histórias*. Porto Alegre: Globo, 1972.

SILVA, Maria das Graças Gomes Villa da. *O Horror antigo e o Horror moderno em O tempo e o vento e Noite de Erico Veríssimo*. (Tese de doutorado) FFLCH/USP, 1998.

SOARES, Mozart Pereira. “A mulher na obra de Erico Veríssimo”. In: VERISSIMO, Erico. *Caminhos cruzados*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

SURO, Joaquim Rodríguez. *Erico Veríssimo: História e Literatura*. Porto Alegre: Luzzatto, 1985.

TOLEDO, Dionysio. « Erico Verissimo et la littérature gauchesca ». *Nova Renascença*, Porto, n. 57/58, p. 395-408, primavera-verão 1995.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *História de um sucesso literário: Olhai os Lírios do Campo de Érico Veríssimo*. Porto Alegre: Literalis, 2003.

ZILBERMAN, Regina, “*O tempo e o vento*: história, mito, literatura”. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. São Paulo: Ed. da UNICAMP.

_____, “*O tempo e o vento*: história, mito, literatura”. *Letras de hoje*, Porto Alegre, n. 65, p. 63-90, set. 1989.

_____, *A literatura no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (*Dizionario di Filosofia*, Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971. tradução: Alfredo Bosi)
- ANDRADE, Oswald de. *O homem e o Cavalo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- ALMEIDA, Roberto de. “Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na Luta contra o Fascismo”. *Revista de Sociologia e Política*, junho, nº 12. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. p.35-66.
- ALVARENGA, Octávio Mello, *Judeu Nuquim*, Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967
- AMÂNCIO, Moacir. *O Talmud*, tradução e notas. Coleção Menorah. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ANDERSON, Perry, *As origens da Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión de nacionalismo. Col. Popular. Editora: Fondo de Cultura Económica de México. 1989.
- ARENDT, Hannah. “O anti-semitismo: instrumento de poder”. In *Origens do totalitarismo*. Rio de Janeiro: Ed. Comentário, 1975.
- ARQUIVO DA PRESENÇA JUDAICA E ESTRANGEIRA NA LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Paulistana, 2007. 1 CD-ROM.
- AUERBACH, Erich, *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____, *Figura*, São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- BAHTI, Timothy (1981). “Auerbach, Vico and Literary History”. *Philological Quarterly*, 60 (2): 239-255.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3ª.Ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1997.
- BARROSO, Gustavo, *A sinagoga paulista*, 3ª. Ed. rev. e com acréscimos, Rio de Janeiro: Empresa editora ABC, 1937.
- BARTH, Frederick *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BARTHES, Roland, *Mitologias*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2003.
- BAUDERLAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1996.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLAY, Eva. “Inquisição, Inquisições: Aspectos da participação dos judeus na vida sociopolítica brasileira nos anos 30”. in *Revista de Sociologia da USP*, S.Paulo, (1) 105 – 130.1; semestre. 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*; tradução, Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. “O nacional e suas faces”. In *Eurípides Simões de Paula, in memória*, São Paulo, Biblioteca Histórica, USO, 1978.

_____, *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction critique sociale du jugement*. Les edition de Minute, 1979.

BROUÉ, Pierre. *A Revolução Espanhola – 1931/1939*. Trad. Alice Kyoto Miyashiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BUBER, Martin. *Sobre a comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Publifolha, 2000.

_____, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Sales. *A Personagem de Ficção*. Boletim nº 284: Teoria Literária e Literatura Comparada. Nº 2 São Paulo, 1963.

_____, “Dialética Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)” in: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

_____, *Brigada Ligeira*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2004.

_____, *O Observador Literário*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil um refúgio nos trópicos: A trajetória dos Refugiados do Nazi-fascismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____, *O veneno da serpente*. Reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil, São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____, *Preconceito racial no Brasil Colônia. Os cristãos novos e o mito da pureza de sangue*. 3ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

_____, *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____, *Bolchevismo & judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

- CARPEAUX, Otto Maria. *Sobre Letras e Artes*. Seleção, organização e prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Nova Alexandria, 1992.
- CASCUDO, Luis da Câmara, editora Perspectiva, São Paulo, 1984.p.93??
- CASTELO Branco, *Romance histórico*, Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 1970
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998
- CLEMESHA, Arlene. *Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.
- COHN, Normam. *A conspiração mundial dos judeus: Mito ou Realidade. Análise dos protocolos e outros Documentos*. Trad. Leônidas Contijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA. 1969.
- CUNHA, José Gay, *Um brasileiro na guerra espanhola*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1946.
- DAMATTA, Roberto. “Relativizando: para uma sociologia do Dilema Brasileiro”. *Fórum* 1996. Rio de Janeiro: Iser, 1997.
- DIEGUES Junior, Manuel. *Imigração, Urbanização e Industrialização*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964
- DURKHEIM, Émile. “Suicídio” in Col. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- EIZIRIK, Moysés, *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- FALBEL, Nachman “A revolução russa e a questão judaica” in *História e Revolução: Simpósio realizado no Departamento de História da FFLCH/USP*. Org. Osvaldo Coggiola. São Paulo: Xamã, 1998
- FAUSTO, Boris, *História do Brasil*. 6.º ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.
- FEBROT, Luiz Izrael, “Os clubes dos judeu-comunistas de São Paulo – Yoguent Club, Centro Cultura e Progresso e Casa do Povo – Natureza e Objetivos.” In: *Boletim Informativo do AHJB*, ano VII. , n 28, 2003, pp.19-26.
- FELDMAN, Sérgio Alberto. “Os Judeus Vermelhos”. *Revista de História Regional*, nº 6:137-146. 2001.
- FONTETTE, François de. *História do Anti-semitismo*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1982.
- FOULQUIÉ, Paul. *A Dialética*. 3.ed. Europa-América, 1978. (Col. saber).

- FLORES, Moacir. *Modelo político dos farrapos: as idéias da revolução farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: ed. Cultrix, 1957.
- _____, *Códigos dos Códigos*. São Paulo: ed. Boitempo, 2004.
- _____, *Fábulas de Identidade*, tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- _____, *O Caminho Crítico*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1973.
- GEIGER, Pedro. P. “Judaísmo e Pós-modernidade”. in *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Org. Nelson H. Vieira. Trad. Alexandre e Elizabethy Lissovsky, Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GILMAN, Sander L. “O que é o auto-ódio?” In *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Org. Nelson H. Vieira. Trad. Alexandre e Elizabethy Lissovsky, Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GOMES, Heloísa Toller. *O pode da ficção Rural*. São Paulo. Ática, 1981.
- GORION, Bin. *As Lendas do Povo judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- GOULART, José Atilio. *O Mascate no Brasil*, Coleção Terra dos Papagaios nº 2, RJ: Conquista, 1967.
- GOLD, Michael. *Judeus sem Dinheiro*. São Paulo: Editorial Pluma, 1961.
- GRIN, Mônica, “Modernidade, Identidade e Suicídio: o “judeu” Stefan Zweig e o “mulato” Eduardo de Oliveira e Oliveira”. in *Experiência Cultural judaica no Brasil*, org. Mônica Grin e Nelson Vieira. Rio de Janeiro: TopBooks, 2004.
- _____; Vieira, Nelson (org.). *Experiência Cultural Judaica no Brasil*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2004.
- GUINSBURG; N. FALBEL. *Os aspectos do Hassidismo*. São Paulo: Editora B’nai B’rith, 1971.
- GUINSBURG, J. *O Judeu e a modernidade*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1970.
- HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomas Tadeu da Silva; Stuart Hall; Kanthrym Woodward (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2000, p.112.
- HOBBSAWM, Eric.J. *Nações e Nacionalismos desde 1780. Programa, Mito e realidade*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.
- HADDAD, Gérard, *O Filho Ilegítimo: Fontes talmúdicas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

_____, *O Espírito e a Letra: Estudo de Crítica Literária II 1948-1959*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

IANNI, Octavio, *A idéia de Brasil Moderno*, 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

IGEL, Regina, *Imigrantes judeus/ Escritores brasileiros: O componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva: Associação Universitária de Cultura judaica: Barroso Safra, 1997.

IMLAH, A. *Economic elements in the Pax Britannica: studies in British foreign trade in the nineteenth century*. New York: Russell & Russell, [1969, c1958]

KERN, Arno. *Utopias e Missões jesuíticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

KIERKEGAARD, S. *La reprise*. Tradução, introdução e notas de Nelly Viallaneix. Paris: Flammarion, 1990.

KIRSCHBAUM, Saul. “Sobre o Caráter Diacrônico dos Festivais Religiosos”, *Revista de Estudos da Religião*, Nº 7, junho de 2007. Pós-Graduação em Ciências da Religião. PUC/SP <http://www.pucsp.br/rever/relatori/kirschbaum01.htm#footnote11nota> (acessado dia 25/09/2007 às 15h).

KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Col. primeiros passos)

_____, *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

_____, *Intelectuais brasileiros & marxismo*, Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

KUCINSKI, Meir, *Imigrantes, Mascates e Doutores*, Org. e seleção: Rifka Berezin e Hadassa Cytrunowicz. São Paulo: Ateliê, 2002.

LAFER, Celso. *O judeu em Gil Vicente*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1962.

LAQUEUR, Walter. *Historia Sionismo*. Edicion Abreviada. La Semana Publicaciones LTDA, 1988.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, diplomacia e preconceito*. Trad. Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

LEWIN, Helena. “A economia errante: A inserção dos imigrantes judeus no processo produtivo brasileiro”. In *Ato de presença: Hineni, homenagem a Rifka Berezin*. Org. Moacir Amâncio. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

- LÖWY, Michael *Romantismo e Messianismo: Ensaio sobre Lukács e Benjamin*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1990.
- _____, *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa central*. (um estudo da afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LUKÁCS, Georg, *La Novela Histórica*, México: Ediciones Era, 1977.
- _____, George. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- _____, *Diálogo sobre o Pensamento Vivido: Última entrevista de Lukács*
- _____, “O romance como epopéia burguesa”. In *Revista de Filosofia/ Política/ Ciência da História*, Volume II, Música e literatura.
- _____, *Realismo crítico hoje*. Brasília: Coordenada, 1969.
- _____, *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- LURKER, Manfred *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 19997.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *Uma breve história do Rio Grande do Sul da pré-história aos dias atuais, A ocupação do território: da luta pelo território à instalação da economia pastoril-charqueadora escravista*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, UPF Editora, 2006.
- MARGUILES Marcos. *Os Judeus na Historia da Rússia*. Rio de Janeiro, Bloch Editora, 1971.
- MAIMONEDES, *O Guia dos Perplexos*. Parte II. São Paulo: Landy Editora, 2003.
- MARCKZY, Marta Bernadete Frolini. *As Representações Cristãs do povo judeu em As Minas de Prata, de José de Alencar*. (dissertação de mestrado), FFLCH/USP, 2006.
- MARX, Karl. *Formações Econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____, *Sobre o Suicídio*. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo. Editora Boitempo, 2006.
- _____, *A questão Judaica*. São Paulo: Centauro Editora, 2005.
- MELETINSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MOORE Jr., B. *As origens sociais da ditadura e as democracias: Senhores e Camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o Perigo Vermelho: O anticomunismo no Brasil. (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- OMEGNA, Nelson, *Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Record, 1969.
- ORNELAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura de Brasília, 1976.

- ORWELL, George. *Lutando na Espanha; e o ensaio recordando a guerra civil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PIEFFER, Renato Somberg. “Um Pouco de Teoria: A Questão da Identidade Judaica”. In *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Org. Nelson H. Vieira. Trad. Alexandre e Elizabethy Lissovsky, Rio de Janeiro: Imago, 1994
- POLIAKOV, Leon. *A casualidade Diabólica II*, São Paulo: ed. Perspectiva, 1992.
- RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança. (A comunidade judaica em São Paulo.)* São Paulo: Editora Ática, 1997.
- RAMAGEM, Sonia Bloomfield. “A fénix de Abraão: Um Estudo sobre a Identidade Judaica no Brasil” In *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Org. Nelson H. Vieira. Trad. Alexandre Elizabethy Lissovsky, Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____, *Mistificações literárias: Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.
- SARTRE, Jean Paul. *Reflexões sobre o Racismo: I Reflexões sobre a Questão Judaica; II Orfeu negro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- _____, *A questão Judaica*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____, *Muro*; [Trad.] H. Alcântara Silveira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SCHOLEM, Gerson. *O nome de Deus, a teoria da Linguagem e outros estudos de cabala e mística judaica II*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SCHWEIDSON, Jacques. *Judeus de Bombachas e Chimarrão*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1985.
- SCLIAR, Moacyr, *Caminhos da Esperança: A presença Judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Marc Chagall, 1990.
- SILVIA Cortez. *Tempos de Casa Grande* (tese de doutorado em História Social). FFLCH/USP, 1997.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- SORJ, Bernardo, GRIN, Mônica. *Judaísmo e Modernidade. Metamorfoses da tradição messiânica*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SORJ, Bernardo. “Diáspora, Judaísmo e Teoria Social”. In *Experiência Cultural judaica no Brasil, Recepção, Inclusão e Ambivalência*. Mônica Grin e Nelson Vieira (orgs.). Rio de Janeiro: TopBooks, 2004.

_____, “Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica: As origens de uma cultura não anti-semita.” In: <http://www.centroedelstein.org.br/pdf/sociabilidadebrasileiraeidentidadejudaica.pdf> (acessado dia 10/09/2007 às 18h)

_____, “Identidade e Identidades judaicas”. In: *Ato de presença: Hineni, homenagem a Rifka Berezin*. Org. Moacir Amâncio. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

SOUSA, Celeste H. Ribeiro de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2004.

SZNITER, Célia. *Representação do judeu na cultura brasileira: imaginário e história*. (tese de doutorado) FFLCH/USP, 2002.

SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Oposição temática da Malandragem’” In: LAFER, Celso (Org) *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

TESCHA, Carlos. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Selbach, 1972.

THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, 2 vols.

TOPEL, Marta Francisca. “Judaísmo(s) brasileiro(s): uma incursão antropológica” in *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 186-197, set./out./nov. 2005.

_____, *Jerusalém & São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

_____, “Uma biblioteca e muitos donos” in *Revista 18*, Ano IV, nº 18, Dez.2006 – Jan./Fev. 2007.

TRÍAS, VIVIAN. “El Paraguay de Francia el Supremo a la Guerra de la Triple Alianza”. *Cuadernos de Crisis* Nº 19. Editorial del Noroeste. Buenos Aires, Argentina, 1975.

VILAR, PIERRE, *Guerra da Espanha 1936-1939*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VIEIRA, Nelson H. org. *Construindo a Imagem do Judeu: Abordagens Teóricas*. Rio de Janeiro, 1994.

WALDMAN, Berta, *Entre Passos e Rastros: Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*, São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.

WEBER, Max, *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo: Pioneira, 1985.

WIAZOVSKI, Taciana, *O mito do complô judaico-comunista no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)* (dissertação de mestrado), FFLCH/USP, 2005.

WIESEL, Elie. *Judeu, hoje*. São Paulo: Organização Editorial Andrei, 1986.

WOLFF, Egon e Frieda. *Participação e contribuição de judeus ao desenvolvimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1985.

YRUSHALIM, Yosef Haym. *Zakhor, História Judaica e Memória Judaica*: tradução[da 2ª edição. Original] de Lima G.Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *A terra em que nasceste: Imagens do Brasil na Literatura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1985.

_____, *Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____, *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____, *Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

ZWEIG, STEFAN, *Brasil: o País do Futuro*. trad. Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2006.